

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**PROCESSOS SOCIOCULTURAIS DO TURISMO NA LOCALIDADE  
RECEPTORA – O OLHAR DE RESIDENTES SOBRE OS VISITANTES  
NA ILHA DA PINTADA/PORTO ALEGRE/RS**

**Ivone dos Passos Maio**

**CAXIAS DO SUL – RS  
2006**

**Processos Socioculturais do Turismo na Localidade Receptora – O  
Olhar de Residentes sobre os Visitantes na Ilha da Pintada/Porto  
Alegre/RS**

Ivone dos Passos Maio

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento do Turismo.

Caxias do Sul, 30 de março de 2006.

Prof(a). Dr(a). Margarita Barretto (orientador).  
Prof. Dr. Rafael José dos Santos (co-orientador).  
Universidade de Caxias do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Meu especial agradecimento aos moradores da Ilha da Pintada por me receber em suas casas, pela atenção concedida, pelas águas e sucos gelados nos dias de calor.

### **Muitas pessoas ajudaram a construir este trabalho... por isso agradeço:**

Profa. Margarita Barretto, minha orientadora, pelo acompanhamento do trabalho.

Prof. Rafael José dos Santos, co-orientador, por tantas conversas “antropológicas”.

Prof. Antonio Carlos Castrogiovanni, pelos meus primeiros passos na pesquisa.

Aos demais professores do Mestrado em Turismo da UCS que me incentivaram a buscar conhecer.

Aos queridos colegas do Mestrado em Turismo, pelas trocas diversas.

Aos colegas da FACCAT, em especial à Gabriela Tavorara e à Rossana Caetano pela chance de mostrar meu trabalho.

Às amigas Luciana e Mariana, pela ajuda na edição das fotos, e correção do “abstract”, respectivamente.

### **O trabalho fica mais fácil se somos rodeados por amor, agradeço:**

Meus pais, Gilson e Gilca, pelo apoio constante, pelos ensinamentos, pelo carinho...

Meus irmãos e amigos, Cláudia, Ricardo e em especial à Vanessa que sendo “uma Mestre”, soube tantas vezes me confortar.

Meu amado marido, Jorge, pelo companheirismo e pela alegria de dividir o cotidiano!

## SUMÁRIO

### LISTA DE FIGURAS

### RESUMO

### ABSTRACT

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>1</b>  |
| <b>2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO METODOLÓGICAS .....</b>                                      | <b>5</b>  |
| <b>3. DISCUSSÕES SOBRE RESIDENTES E TURISTAS NA ÓTICA DAS CIÊNCIAS<br/>SOCIAIS .....</b> | <b>16</b> |
| <b>4. ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS .....</b>  | <b>34</b> |
| 4.1. Delta do Jacuí: Parque Estadual e Área de Preservação Ambiental .....               | 34        |
| 4.2. Ilha da Pintada .....   | 38        |
| 4.3. Declínio da pesca artesanal .....   | 41        |
| <b>5. CONHECENDO O LOCAL: A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE CAMPO ....</b>                        | <b>43</b> |
| 5.1. O olhar do pesquisador .....  | 43        |
| 5.2. Sobre os informantes .....  | 49        |
| 5.3. As transformações do tempo: urbanização, trabalho e relações na comunidade.         | 51        |
| 5.4. O olhar de residentes sobre os visitantes .....                                     | 66        |
| 5.3. O turismo como alternativa econômica e o incentivo de outros agentes sociais..      | 89        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>92</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>99</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1: Imagem de satélite da Área de Preservação Ambiental do Delta do Jacuí.. | 36 |
| Figura 2: As demarcações da Área de Preservação Ambiental do Delta do Jacuí.....  | 37 |
| Figura 3: Foto aérea da Ilha da pintada.....                                      | 39 |
| Figura 4: Detalhes da entrada da Colônia Z-5.....                                 | 45 |
| Figura 5: Mural da Colônia Z-5.....   | 46 |
| Figura 6: Barco de pescador.....  | 46 |
| Figura 7: Concentração dos fiéis antes da Romaria das Águas.....                  | 47 |
| Figura 8: Romaria das Águas.....  | 48 |
| Figura 9: Barcos de pescadores às margens do Arroio da Pintada.....               | 53 |
| Figura 10: Placa fixada em frente à casa de um pescador.....                      | 56 |
| Figura 11: Sede da Colônia de Pescadores Z-5.....                                 | 59 |
| Figura 12: Vista do centro de Porto Alegre.....                                   | 62 |
| Figura 13: Vista do Arroio da Pintada.....  | 64 |
| Figura 14: Barco que faz passeios turísticos no Delta do Jacuí.....               | 66 |
| Figura 15: Fila de carros estacionados em dia de almoço na Colônia Z-5.....       | 68 |
| Figura 16: Faixa fixada na sede da Colônia Z-5.....                               | 69 |
| Figura 17: Brincos feitos de escamas de peixes.....                               | 74 |
| Figura 18: Blusa em crochê exposta na loja de artesanatos.....                    | 75 |
| Figura 19: O preparo do peixe na taquara.....                                     | 77 |
| Figura 20: Umas casas de segunda-residência no entorno da Ilha da Pintada.....    | 79 |
| Figura 21: Outro exemplo da casa de segunda-residência na Ilha.....               | 82 |
| Figura 22: Casa de pescador ao fundo, com trapiche em madeira e barco de pesca..  | 84 |
| Figura 23: Rampa para embarcações, cercada, de uma marina particular.....         | 88 |
| Figura 24: Garagem da marina.....   | 89 |

## RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre os processos socioculturais do turismo na localidade da Ilha da Pintada/Porto Alegre/Brasil. Este lugar, ao contrário do que a palavra ilha pode sugerir, não é isolado, e sim um bairro da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. O turismo aparece como um agente de transformação nesta comunidade, que recebe excursionistas aos domingos para almoçar o tradicional peixe-na-taquara, além de, a partir da década de 1970 muitas casas de segunda-residência terem sido construídas na Ilha e seu entorno. Esse fluxo turístico, entendido, respectivamente, como excursionismo e turismo de segunda-residência, é analisado a partir da ótica de moradores da Ilha da Pintada. Ou seja, o trabalho privilegia o olhar de *residentes* sobre os *turistas*. O trabalho utiliza o método etnográfico para o levantamento de dados da pesquisa, além de fotografias. Para a compreensão dos processos socioculturais do turismo, busca-se analisar a produção científica sobre o tema; já sobre cultura popular-tradicional e sua relação com a modernidade, buscou-se embasamento teórico em especial em García Canclini e seu conceito de “culturas híbridas”. O estudo identifica, através das narrativas locais, as transformações da modernidade no local, como as melhorias na infra-estrutura urbana, as mudanças no mundo do trabalho, que convivem com as atividades tradicionais, como a pesca e o artesanato, este último, inclusive, apresentando significativo aumento na sua produção. Relaciona estes acontecimentos com o turismo, entendendo esse fenômeno como parte integrante das transformações do mundo moderno, e não como processo isolado.

**Palavras-chave:** Turismo – cultura - processos socioculturais – Ilha da Pintada/RS/Brasil.

## ABSTRACT

This dissertation presents a study about the social and cultural process of tourism in an island called Ilha da Pintada (Porto Alegre/RS/Brazil). Contrary to what the word island could suggest, this is not an isolated place, but a borough of Rio Grande do Sul's capital, Porto Alegre. Tourism appears as a transformation agent in the community, which receives tourists on Sundays to have a traditional dish made of fish for lunch (peixe na taquara). Besides that, since the 70's many seasonal residences were built on the island and around its area. This touristic flow, understood respectively as day tourist and second home tourists, is analyzed from the point of view of the Ilha da Pintada's inhabitants. In other words, this study airs the residents' point of view about the tourists. This study uses the ethnographic method to collect data and also photography. In order to understand the social and cultural process of tourism in host communities, a theoretical review about the theme was made. The understanding of popular-traditional culture was based on García Canclini's studies and his concept of "hybrid cultures". This work identifies, through the residents' narratives, the transformations that modernization brought to the place, such as urban development and changes in the work dimension that coexist with traditional activities such as fishing and handmade products, the latter having a significant increase in its production. The work relates those facts with tourism, understanding this phenomenon as an integrate part of the modern world transformations, and not as an isolated process.

**Key-words:** Tourism – culture - social and cultural process – Ilha da Pintada/Porto Alegre/Brazil.

## 1. INTRODUÇÃO

O Turismo vem se mostrando, cada vez mais, um fenômeno complexo. Sua importância na economia mundial é destacada, posto os dados de geração de divisas. Sabe-se que o turismo transcende o seu papel de atividade econômica, ele é “fenômeno com base cultural, com herança histórica, meio-ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, de troca de informações interculturais” (MOESCH 2000, p.20). Prova disso são as diversas ciências que aportam as pesquisas em turismo. As Ciências Sociais, por exemplo, trazem diversas contribuições para o estudo e a compreensão do fenômeno turístico.

A partir da década de 1960, o turismo ganha força e se desenvolve, contando, já nessa época, com deslocamentos significativos. O continente europeu foi o principal destino a experimentar a chegada massiva de turistas e todas as transformações socioambientais e econômicas que isso gerou. Especialmente na década de 1970 havia grandes esforços para fomentar o turismo em âmbito mundial, considerando, inclusive, esse uma das melhores opções para salvar as economias dependentes. Porém, passados trinta anos, observa-se que o turismo não cumpriu essa missão. Muitas críticas foram levantadas anteriormente por ambientalistas, preocupados com a deterioração do meio, e também por estudos de sociólogos e antropólogos preocupados com os processos socioculturais. Mas é na década de 1980 que ganha força a preocupação com as mudanças socioculturais sofridas pelas comunidades receptoras, juntamente com a necessidade de se estudar formas de turismo diferentes daquelas de exploração pura e simples dos recursos naturais e culturais. Diferentes conceitos passam a ser defendidos, tais como Turismo “brando”, “alternativo”, “responsável”, “ecológico” e “sustentável”.

A idéia de um turismo que promova mais justiça social, mais cuidado com o meio ambiente, entre outros aspectos, necessariamente deve voltar sua atenção à população local e sua cultura. Não raro as mudanças acabam prejudicando a população residente, e algumas delas acontecem de forma semelhante há vários anos, em diferentes localidades turísticas, o que demonstra, muitas vezes, o pouco avanço da preocupação sociocultural no planejamento e no desenvolvimento do turismo.



Segundo Burns (2002, p.117), seria ingênuo negar o poder de precipitação ou aceleração da mudança rápida que o turismo pode ter, e salienta: “é aí que a necessidade de mais trabalhos de campo antropológicos torna-se evidente (...)”. Conforme Silva (2001, p.175), “...essa postura ética, que faria com que as responsabilidades sociais não se restringissem aos turistas mas também à população receptora, tem sido muito pouco discutida”. Crê-se na necessidade de os processos socioculturais do turismo terem maior espaço no debate do turismo e, quem sabe, no planejamento e no desenvolvimento da atividade. As Ciências Sociais têm, nesse sentido, uma importância fundamental, ou seja, entendendo que o turismo é basicamente “movimento de pessoas” (BARRETTO 2003, p.16) o aporte dessa ciência torna-se indispensável no sentido de humanizar o turismo e seu estudo.

Portanto, os processos socioculturais do turismo devem ser considerados um tema relevante, se desejamos avançar na sua construção científica, além de promover a atividade de forma mais positiva para os diferentes atores sociais.

Este trabalho procura entender os processos socioculturais do turismo na Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS/Brasil, a partir do olhar de residentes do local. Considera-se que, um estudo ampliado, que envolva os diversos agentes sociais (turistas, órgãos oficiais de fomento/organização de turismo) pode melhorar o entendimento desta realidade complexa. Porém, este é um estudo que exigiria mais tempo, pode, por essa razão, ser retomado em outro projeto de pesquisa.

Os moradores tradicionais da Ilha da Pintada estavam ligados à pesca e à pecuária (produção leiteira), mas diversas transformações do mundo moderno foram mudando sua realidade, fazendo com que muitos moradores buscassem novas colocações no mercado de trabalho. Outros mantêm suas atividades tradicionais, adaptando-se às novas exigências. O turismo também aparece como um agente de transformação nessa comunidade, que recebe excursionistas aos domingos para o almoço do tradicional peixe-na-taquara, além de, a partir da década de 1970, muitas casas de segunda-residência terem sido construídas na Ilha e em seu entorno. Hoje, muitas das características do mundo moderno convivem com traços artesanais nessa comunidade.

A idéia e o interesse por este projeto nasceu de uma viagem à Tailândia, mais especificamente na ilha de Kho Pee Pee. Ao chegar naquele lugar paradisíaco, de águas cristalinas e areia branca, chamaram à atenção as condições em que a população estava vivendo. Em sua maioria mal vestidos, implorando a atenção das centenas de turistas que chegavam de barco. Queriam vender espaços em hotéis e em cabanas, roupas, bijuterias... qualquer coisa. Todos falando inglês, mas em caso de negativa às ofertas, logo se via uma “cara feia” e, talvez, até um desagravo na língua local. As condições de moradia e de trabalho eram piores do que as dos turistas.

A água na Tailândia não é própria para o consumo, para “resolver” tal situação, os turistas encontram facilmente as garrafas de *drink water*<sup>1</sup> as quais levam a inscrição: *water for tourists*<sup>2</sup>. Muitos questionamentos começaram a aparecer, primeiramente em forma de indignação, mas depois surgiu a motivação para estudar como a população vê e se sente com a presença dos turistas e as conseqüentes mudanças ocorridas em sua localidade. Pareceu pertinente então, focar o estudo nos processos socioculturais do turismo nas localidades que acolhem visitantes especificando uma localidade para o estudo de caso.

A idéia do projeto nasceu dessa viagem ao exterior, não por inexistência de situações similares no Brasil. Parece que, às vezes, é necessário afastar-se da realidade à qual se está habituado para questionar-se. Seguindo o desejo de estudar esse problema, o tema foi adotado no trabalho de conclusão de curso da faculdade de Turismo (PUC-RS), quando foi escolhida desde lá, como estudo de caso, a Ilha da Pintada (Porto Alegre-RS).

No presente trabalho será abordada, no capítulo – Considerações Teórico Metodológicas – a escolha do método etnográfico para a pesquisa, e a utilização dos instrumentos de pesquisa, a observação participante, as entrevistas em profundidade e as imagens fotográficas. Procura-se realizar, também, a aproximação entre Turismo e Antropologia, já que essa disciplina contribui de forma significativa na construção deste trabalho. Especificam-se os conceitos utilizados ao longo da dissertação. Alguns desses conceitos são *hibridismo cultural* (GARCÍA CANCLINI 2003), *excursionismo* e *turismo de segunda-residência* (TULIK 1995); é neste capítulo, também, que se justifica a opção feita em utilizar o termo *processos socioculturais* e não *impactos*, como em outros diversos estudos do tema.

O próximo capítulo, Discussões Sobre Residentes e Turistas na Ótica das Ciências Sociais, realiza uma revisão dos estudos do tema para sua melhor compreensão. Abordam-se diversos trabalhos, de diferentes datas, incluindo estudos de caso realizados tanto no Brasil como no exterior.

Já o capítulo Aspectos Históricos e Geográficos procura trazer dados históricos de formação da comunidade da Ilha da Pintada e os diferentes momentos pelos quais passou. Igualmente traz informações sobre a Área de Preservação Ambiental (APA) na qual a Ilha está inserida. Por último, aborda o declínio da pesca artesanal, não só na Ilha da Pintada como no Brasil.

O capítulo Conhecendo o Local: a experiência pessoal de campo realiza o levantamento dos resultados da experiência em campo, buscando enfatizar as narrativas de residentes da Ilha da Pintada, enfocando as transformações na comunidade, tais como as melhorias de infra-estrutura urbana, as


---



<sup>1</sup> Água de beber.

<sup>2</sup> Água para turistas.

mudanças no mundo do trabalho, e, em especial, o olhar de residentes sobre os turistas. A trajetória percorrida leva a algumas considerações sobre a pesquisa.

## 2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO METODOLÓGICAS

As pesquisas de Turismo têm se desenvolvido com a ajuda de diversas disciplinas, constituindo, assim, o que se entende como uma abordagem multidisciplinar. A discussão aqui não se propõe a refletir a respeito da cientificidade do Turismo, se este se constitui em um campo de estudo ou em disciplina<sup>3</sup>, pretende-se apenas destacar a necessidade que o estudo do turismo, ainda hoje, tem de buscar em diversas Ciências suporte teórico e metodológico.  que não é constatado de forma constrangedora, mas, sim, acreditando que a interdisciplinaridade consiste numa forma de enriquecer os estudos do fenômeno turístico. Sabe-se, também, que o olhar disciplinar muitas vezes pode refletir uma visão fragmentada e, portanto, ser responsável por diminuir ou destruir o objeto (MOESCH 2000, p.12).

 Ao falar sobre a dificuldade de estudar a complexidade da cidade, García Canclini (2003, p.21) comenta: “O antropólogo chega a pé, o sociólogo de carro e pela pista principal, o comunicólogo de avião. Cada um registra o que pode, constrói uma visão diferente e, portanto, parcial.” Da mesma forma, estudar o fenômeno turístico e os processos socioculturais na comunidade receptora, e também entre turistas e residentes, se mostra tarefa complexa. Dentro da busca científica pela compreensão de um fenômeno, desde já se acredita que essa pode, e provavelmente será, uma interpretação desta realidade. 

Essa discussão quanto à objetividade das Ciências ganha mais força especialmente naquelas que utilizam o método qualitativo. Esse é o caso das Ciências Sociais, e também deste trabalho. Preocupações com relação ao viés na pesquisa qualitativa alimentam debates quanto a sua objetividade, e, nesse ponto concorda-se com Goldenberg (2003), que explica que o pesquisador deve estar consciente da subjetividade, aceitar sua existência, para então tentar escapar de algumas “armadilhas”.


---

<sup>3</sup>Para isso ver *O problema epistemológico no turismo: uma discussão teórica*, de Alexandre Panosso Neto (2001).

Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais, mais é capaz de evitar o bias, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas (GOLDENBERG 2003, p.45)


Sendo assim, ao reconhecer essa subjetividade, pode-se tentar prevenir sua interferência nos resultados e andamento da pesquisa. Segundo Goldenberg (2003, p.45), “a simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa.”.

Outra discussão, bastante interessante e fecunda, em especial na Antropologia, é a interferência do investigador na sociedade que estuda e também “como as estratégias textuais de descrição etnográfica reduzem a polifonia conflitiva de cada cultura à coerente voz única da descrição científica” (GARCÍA CANCLINI 2003, p.268) <sup>4</sup>.

Portanto, esse questionamento e essa reflexão a respeito da pesquisa qualitativa e do método etnográfico, acredita-se, acabam por enriquecê-lo. Além disso, o que este trabalho propõe é um estudo de mudanças, processos socioculturais, o que não cabe quantificar.  pesquisa qualitativa parece ser a melhor maneira de trabalhar com dados que expressem aspectos de percepção e de atitudes, ou mesmo subjetivos e simbólicos, já que é difícil transformar sentimentos, acontecimentos da vida real, em valores numéricos.

Ciente dessas limitações<sup>5</sup>, mas também das várias possibilidades que oferece, opta-se pelo método etnográfico para compreender as possíveis mudanças socioculturais conseqüentes do Turismo na Ilha da Pintada/ Porto Alegre/RS.

O trabalho etnográfico pode ser entendido como uma imersão no mundo do outro na tentativa de compreendê-lo a partir da superação do etnocentrismo.


Este trabalho tem como base a observação direta, a observação participante, além de entrevistas  alguns moradores da Ilha da Pintada. As entrevistas foram abertas, gravadas ou registradas no caderno de campo. Ao considerar as entrevistas abertas, não significa que elas não foram planejadas previamente, mas, sim, que o entrevistado tinha liberdade de falar o que desejasse não ficando preso a um esquema. Da mesma forma, a pesquisadora se permitiu abordar novos temas se eles se revelassem durante tais conversas. Algumas abordagens informais também foram feitas com turistas na ocasião em houve participação do roteiro de barco oferecido no cais da usina do Gasômetro. Fica esclarecido que o foco da pesquisa são residentes da Ilha da Pintada, mas entende-se

---

<sup>4</sup> Como exemplo, o livro de J. Clifford e G. Marcus (orgs), *Writing Culture: The poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, The University of Califórnia Press, 1986. No Brasil, interessante esclarecimento do tema no livro de Peirano, M. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

<sup>5</sup>Estas limitações são entendidas como limitações mais da Ciência do que do método em si. No sentido de que, as pesquisas científicas não dão conta da totalidade da realidade complexa.

que a percepção da motivação e da frequência com que essas pessoas visitam a Ilha também dão pistas. A pesquisa privilegia entender as relações entre a comunidade (heterogênea) da Ilha com o turismo e com os turistas a partir da ótica de moradores da Ilha.


Como apoio para este trabalho, utilizam-se, também, como instrumento de pesquisa, imagens fotográficas<sup>6</sup> para complementar as informações dadas e expandir as fontes de interpretação da realidade. O  da imagem acompanha a etnografia há muito tempo, basta ver o trabalho de Malinowski (considerado o pai-fundador da etnografia), que já apresentava o registro fotográfico.

A etnografia pressupõe observação sistemática, visão de totalidade e também atenção ao cotidiano e aos detalhes. É a tentativa de compreender a partir de uma visão de dentro. Malinowski (apud GOLDENBERG 2003) sugeriu três questões para orientar o trabalho de campo: o que os nativos dizem sobre o que fazem?; o que realmente fazem?; o que pensam a respeito do que fazem?.

#### Para Laplantine a etnografia

é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira aculturação invertida, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações “exteriores”, devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos (2005, p.150).

Bastante diferente de estudos antropológicos clássicos, que remetem a sociedades “simples”, tribais, ou simplesmente não-ocidentais, este estudo privilegia uma comunidade urbana. Quanto ao uso do método etnográfico em estudos urbanos, Durham (1986, p.19) diz que “esse tipo de investigação tem uma longa tradição na antropologia brasileira. (...) trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia, mas voltados para o estudo de populações que vivem nas cidades”. Já, para Oliven (2002, p. 7) existe uma tradição na Antropologia em estudar “comunidades”, e muitas vezes a cidade é o pano de fundo desses fenômenos.

No caso da Ilha da Pintada, ao contrário do que a palavra *ilha* pode sugerir – isolamento – ela faz parte de um bairro (Bairro Arquipélago) da capital do Estado, Porto Alegre. Está localizada em frente ao centro da cidade, separada apenas por alguns poucos quilômetros de água doce. De fato, a comunidade da Ilha da Pintada apresenta características próprias, que talvez possam ser entendidas como sinais diacríticos, ou seja, sinais que demarcam uma fronteira entre esse e um outro grupo, como os moradores da “cidade”, por exemplo.  um modo de vida que lembra uma cidade do interior, apesar de estar na capital, além de profundas ligações com uma cultura ligada à pesca artesanal. Ao mesmo tempo, é um local totalmente urbanizado, com pavimentação asfáltica em quase todas as ruas, estrutura de ensino, postos de saúde, etc. É, no olhar de García Canclini, um espaço híbrido, a partir do momento que integra o moderno e o artesanal. O conceito de hibridação desse autor permeará este

---

<sup>6</sup> Todas as fotos foram tiradas pela autora.

trabalho com o intuito de ajudar a compreender as relações e a cultura hoje. As classificações que determinam uma “essência” cultural estática, aquela que é original, tendem a amarrar um processo que é extremamente dinâmico, que é a cultura.

Dentro desse entendimento, García Canclini (2003) ressalta a dificuldade, em especial na modernidade, de determinar a cultura como isto ou aquilo; como erudita, popular ou de massa, moderna, tradicional ou popular. Essas barreiras, ou fronteiras, parecem cada vez mais nebulosas. Da mesma forma, neste trabalho não há como caracterizar a comunidade estudada de forma idílica, considerando-a somente como uma comunidade de pescadores, arraigada em uma cultura “pesqueira” pré-industrial. Isso seria falsear os fatos, ou, no mínimo, simplificá-los. Ou, até mesmo, entender se esse local é um lugar turístico ou não, ou será que ele é aos domingos, mas não é de segunda a sexta-feira?. Por isso, considera-se interessante o conceito de híbrido, pois ele permite movimento à cultura, permite trocas, exclui a necessidade de uma “pureza” da cultura.

García Canclini (2003, p.XIX) sustenta: “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” O autor, apoiado em Stross (1999), acredita que uma das formas de descrever esse processo do discreto ao híbrido é a fórmula “ciclos de hibridação”, segundo a qual “na história, passamos de formas mais heterogêneas a outras mais homogêneas, e depois a outras relativamente mais heterogêneas, sem que nenhuma seja ‘pura’ ou plenamente homogênea” (GARCÍA CANCLINI 2003, p.XX). Interessante notar o comentário que o autor faz ao Turismo nesse processo:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. (ibidem, p.XXII)

Portanto, as trocas culturais ocorrem de diversas formas e motivos e esse processo gera mudanças, gera hibridização. Porém, é importante lembrar que esses processos híbridos não acontecem com ausência de poder e de conflitos: “a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições” (GARCIA CANCLINI 2003, p.18).

Apostando no dinamismo da cultura, irá se privilegiar o termo *processos socioculturais* ou *mudanças socioculturais* ao abordarmos as relações do turismo e da localidade estudada, pois entendemos que o termo *impacto* retoma a idéia de culturas “essencialmente” diferentes, que se chocam, de forma quase mecânica. Ao longo da revisão teórica, são utilizadas diversas contribuições de autores que trabalham com o termo impacto cultural/sociocultural, pois se entende que essas análises contribuem para formar um maior entendimento quanto ao tema e sua abordagem na construção científica (neste caso o conceito estará sinalizado em itálico – *impacto*). Também porque a maioria dos estudos de mudanças socioculturais do turismo, especialmente até o final da década de

1980, utilizam o termo *impacto*. Esses trabalhos, produzidos por cientistas sociais, que tratam dos “impactos socioculturais”, foram sendo reproduzidos na literatura do turismo e parecem ter forte influência da Antropologia Culturalista (Franz Boas).

Santos (2005) realiza uma interessante discussão sobre o uso dos termos *aculturação* e *impactos* nos estudos antropológicos voltados ao turismo, o autor faz esta abordagem,

a partir do ponto de vista das contribuições recentes aos debates sobre os processos culturais contemporâneos, caracterizados muito mais por concepções não estáticas e circunscritas de cultura, onde termos como *fluxos, fronteiras e híbridos* (Hannerz, 1997) e seus correlatos tentam dar conta de movimentos que revelam-se, hoje, muito mais como transversalidades e re-elaborações do que como *impactos* e *assimilações*. (SANTOS 2005, p. 3)

O autor ainda afirma que

Conceber, portanto, a dinâmica de encontros culturais como de simples supressão de traços culturais – religiosos, lingüísticos, econômicos, organizacionais – não esclareceria acerca das novas modalidades de fronteiras étnicas disponíveis para os agentes sociais na situação de interação. Em outras palavras, as fronteiras étnicas e culturais são suscetíveis de reorganização. (SANTOS 2005, p.7)

Além disso, o termo *impacto* tem sua origem nas Ciências da Natureza, e é correntemente utilizado na Biologia e Ecologia, para referir-se a desequilíbrios no meio causados por agentes externos. O conceito *impacto* migrou para outras áreas, como a economia, por exemplo, e indica uma mudança em uma relação de causa/efeito. Portanto, entende-se que alguns cuidados devem ser tomados quanto ao uso desse termo, pois ele pode indicar uma interpretação ambientalista e/ou mecanicista da cultura

Os estudos de comunidades receptoras aparecem em análises realizadas por especialistas de diversas áreas em interface com o turismo, como a Psicologia, a Ecologia, a Geografia, entre outras. Mas, é na Sociologia e, em especial na Antropologia, que os estudos dos processos socioculturais do turismo encontram terreno bastante fértil. A escolha do método etnográfico e as diversas contribuições dessa Ciência para este estudo fazem com que seja interessante refletir sobre o encontro do Turismo e da Antropologia.

A reflexão a respeito do olhar antropológico sobre o turismo se faz necessária para avançar nos estudos das comunidades que se caracterizam por receber fluxo de turistas.



## Dos “nativos” ao “residente” – o encontro da Antropologia e do Turismo

Ao olhar, rapidamente, a história da Antropologia, na leitura de Laplantine (2005, p.15), percebe-se que, no seu princípio, estava ligada ao estudo do homem não-ocidental, o “nativo”. Tendo determinado assim seu objeto, passa a construir as ferramentas de investigação necessárias, porém isso levou algum tempo, e o objeto ao qual se propôs a estudar estava desaparecendo em meio ao processo de modernização.

Passada a “crise de identidade” (*ibidem*), a Antropologia encontra alguns novos caminhos, um deles diz respeito ao estudo do “selvagem de dentro”, ou seja, pessoas, comunidades, que se encontram à margem do processo da modernização/globalização, como os camponeses.

Porém, a Antropologia foi além, pois não determinou o “selvagem de dentro” como seu objeto. Nas palavras de Laplantine, “a Antropologia não é senão um olhar, um certo enfoque que consiste em: o estudo do *homem por inteiro*; o estudo do homem em *todas* as sociedades sob *todas* latitudes em *todos* os seus estados e em *todas* as épocas.” (LAPLANTINE 2005, p.16)

Acredita-se que o olhar antropológico pode ajudar a melhor compreender os processos decorridos do encontro de turistas e residentes, sem esquecer que esse encontro não ocorre no vácuo, e sim num contexto interligado. Oliven (2002) afirma que se a Antropologia vem se destacando no estudo de grupos urbanos é justamente porque dispõe de teorias e instrumentos que podem contribuir na compreensão desses fenômenos.

Fazendo uma ligação com os estudos dos processos socioculturais do turismo, percebe-se que as localidades estudadas são em geral, contrastantes com o modelo dominante, remetendo às comunidades camponesas ou caiçaras, ou ainda em localidades com índices de pobreza acentuados (RODRIGUEZ, 1994, BACAL 1991, CAROSO e RODRIGUES 1998, RIAL 1988, LAGO 1983). Barretto (2004, p.139) analisa diversos estudos da relação turista/residente e afirma que “a maior quantidade de pesquisas focaliza comunidades com poucos habitantes, em ilhas ou lugares afastados dos centros urbanos.”

Steil (2004) aborda as diferenças das estruturas narrativas dos trabalhos etnográficos em turismo e assinala que nos anos 70 estes

estavam ordenados por uma estrutura narrativa implícita que via as comunidades hospedeiras como totalidades idealizadas a serem preservadas contra qualquer agente externo, especialmente o turismo, que se apresentava como um fator por

excelência de desequilíbrio e desarmonia de uma economia local de trocas de bens simbólicos e materiais.(STEIL 2004, p.1)

Dessa forma, o autor afirma que a visão do passado era idealizada e nostálgica, já o presente era entendido como caótico, e o futuro teria como resultado o desaparecimento e a assimilação da comunidade local, que iria inserir-se nas relações impessoais e de mercado.

Seguindo com essa análise, Steil (2004) afirma que a partir da segunda metade dos anos 90 a estrutura narrativa dos estudos etnográficos em turismo se modifica. Nela, o presente é entendido como uma “reinvenção da tradição”, o passado não é tão idealizado e o futuro “está em aberto”, dependendo da forma como se dará a relação nativo/turista, suas perdas e ganhos.

Essas mudanças nas narrativas são conseqüências de alterações internas na Antropologia, como por exemplo, um entendimento diferente dos conceitos de “comunidade” e de “nativo”. Para Steil (2004), o conceito de comunidade estava demasiadamente atrelado a questões geográficas, ou seja, o estudo da cultura local era feito *no local*, que era determinado por uma localização geográfica específica. “No horizonte dessa estrutura narrativa, as aldeias, habitadas por nativos, são sítios limitados, particularmente aptos a serem visitados e descritos pelos antropólogos como totalidades sociais e culturais”. (STEIL 2004, p.2). Da mesma forma, os “nativos” eram entendidos como algo estático, segundo Appadurai (1988 apud STEIL 2004 p.2) “os nativos, enquanto pessoas confinadas aos lugares a que pertencem e determinadas por eles, ou enquanto grupos intocados pelo contato com um mundo mais amplo, provavelmente nunca existiram”.

Portanto, essa mudança na narrativa etnográfica dos estudos de turismo é recente, e aponta para uma interpretação das comunidades e dos turistas não como totalidades separadas.

### **O estudo do completo *versus* visão fragmentada do turismo e do processo de globalização.**

A Antropologia, através da sua história, foi se firmando como uma abordagem (um olhar) que se propõe a ser um “estudo do homem por inteiro” (LAPLANTINE, p.16), ou seja, “uma abordagem integrativa que objetive (sic) levar em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade”. Como método, a Antropologia consagra a prática etnográfica, dando total prioridade à experiência pessoal de campo. Uma vez em campo, Laplantine diz que “tudo deve ser anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar” (ibid, p.156). Para esse autor, o estudo da totalidade é uma exigência. Também ilustrando essa idéia, Mauss (1960 apud LAPLANTINE, p.156), escreve “o estudo do concreto é o estudo do completo”. Portanto, ao propor-se

o estudo dos processos socioculturais do turismo, não é possível isolar o turismo e a comunidade estudada do mundo, do contexto em que os fenômenos ocorrem.

Entende-se o turismo como dimensão constitutiva do processo de globalização, não sendo possível separá-los. Afirma-se isso, considerando que o turismo se desenvolva dentro da lógica capitalista que se processa em nível global. Refletir dessa forma leva a entender o desenvolvimento do turismo como parte integrante de um processo maior que se chamará genericamente de globalização.

Considerando algumas das reflexões de Ortiz (2000), a respeito da globalização e da mundialização da cultura, tentar-se-á traçar relações com o turismo, construindo, assim, sua interpretação como parte da globalização.

Muitas transformações têm marcado as últimas décadas, nas mais diversas áreas, configurando, desse modo, uma nova sociedade. Pode-se citar, dentre estas transformações, as inovações tecnológicas e sua disseminação no cotidiano, a economia globalizada e, de certa forma, uma cultura com traços similares independentemente das nacionalidades. Essas mudanças, que caracterizam o que se pode denominar sociedade pós-moderna, influenciam as relações pessoais, a família, o trabalho, o lazer, inserem novos significados, diferentes do mundo tradicional ou mesmo daquele que podemos chamar de moderno. Considera-se o turismo como atividade emblemática da sociedade pós-moderna, questões como mobilidade, desterritorialização, des-enraizamento, aparecem como características imanentes à globalização (ORTIZ 2000) e também ao turismo. Nesta passagem, MacCannell destaca a desterritorialização ligada aos empreendimentos turísticos:

Até o dia-a-dia dos vilarejos camponeses em todo o mundo está sujeitos a esses deslocamentos. No “Little World” no Japão, pode se encontrar vilarejos Índios Gregos, Africanos, Tailandeses e Americanos, inclusive alguns de seus habitantes, funcionando como tema do parque e museu etnológico vivo (MACCANNELL 2001, p.385, tradução da autora).

MacCannell (2001) também acredita que as localidades turísticas estão se homogeneizando, “cada movimento leva o turista para um lugar não diferente daquele que ele deixou (ibid, p.389)”. Na interpretação de Ortiz (2000), pode-se entender essa característica vista no turismo como um movimento mais amplo. O autor acredita que a similaridade entre os locais é a expressão de uma cultura “internacional-popular” privilegiada pela sociedade pós-moderna e afirma que:

a desterritorialização prolonga o presente nos espaços mundializados. Ao nos movimentarmos percebemos que nos encontramos no ‘mesmo lugar’ (...). Desde que o viajante, nos seus deslocamentos, privilegie os espaços da modernidade-mundo, no ‘exterior’, ele carrega consigo seu cotidiano (ibid 2000, p.133).

Outro tema bastante considerado nas discussões a respeito do turismo e as mudanças culturais são as questões de inautenticidade e de simulação do real (conforme abordado no capítulo 3).

Diversas outras características do mundo capitalista globalizado se revelam no turismo, como a propriedade privada, o trabalho assalariado e a concentração dos bens (enfraquecimento de firmas sem poder global), a hipótese é de que isso ocorre justamente porque a atividade turística se processa dentro desse contexto que permeia todas as relações atuais.

Ortiz (2000) utiliza o termo mundialização para o domínio específico da cultura, referindo-se às trocas culturais e também ao compartilhamento de referências culturais em nível mundial. Ao abordar as mudanças socioculturais do turismo nas localidades receptoras não se pode ignorar o processo de mundialização cultural, ou seja, depositar no turismo toda a culpa por transformações socioculturais sem refletir sobre essa situação no mundo globalizado. Ou melhor, pode-se entender o turismo como um “braço” da mundialização cultural, como um dos meios da globalização, sua expressão, sua revelação.

Portanto, acredita-se que o estudo de mudanças socioculturais do turismo em uma localidade receptora deve considerar o mundo globalizado no qual ela está inserida, e também entendendo o turismo como parte da globalização.

Além disso, diversos processos, como o declínio da produção artesanal (abordado no capítulo 4), geralmente aparecem como fatores importantes de influência do desenvolvimento turístico das localidades. Ou seja, o turismo surge como uma alternativa possível (pois está de acordo com o modo de produção atual) para resgatar a economia de uma localidade que anteriormente estava baseada na produção artesanal.

Buscar compreender a complexidade de todos esses processos conduz ao estudo do homem por inteiro, não o isolando como turista e residente (ou ainda, “nativos”), como se isso determinasse as suas essências culturais. Considera-se importante compreender os contextos nos quais ocorre essa relação, pois eles se modificam e interagem. Mesmo consciente de que como pesquisador consegue-se abstrair uma parte da realidade, é válida a tentativa de pensar o todo. Pensar a relação turista/residente e as mudanças culturais nas localidades receptoras tendo presente o contexto que as envolve permite tentar uma análise mais complexa, fugindo do *bem* e o *mal*, e buscar compreender essas relações dentro de um processo social.

### **3. DISCUSSÕES SOBRE RESIDENTES E TURISTAS NA ÓTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Para estudar os processos de mudanças socioculturais do turismo na Ilha da Pintada, há a necessidade de unir contribuições de diversos teóricos do tema. Dentre os diversos aspectos possíveis de análise do objeto Turismo, as questões das mudanças socioculturais nas comunidades receptoras têm recebido maior atenção da Sociologia, da Psicologia e, especialmente, da Antropologia. De maneira geral, as Ciências Sociais têm sido de grande importância para o estudo do turismo, já que esse é “essencialmente movimento de pessoas” (BARRETTO 2003, p.16).

Ao analisar a trajetória dos estudos acadêmicos em Turismo, Jafari (1994) propõe quatro plataformas, são elas:

Plataforma de Defesa – o bem – os pontos positivos do Turismo ganham destaque pelos estudiosos e pelo mercado. Plataforma predominante na década de 1960. Pode-se dizer que há certa euforia com o Turismo, a crença de que essa atividade poderia ser o passaporte para o desenvolvimento.

Plataforma de Advertência – o mal – os aspectos negativos do Turismo se destacam, como sociais, culturais, econômicos e ambientais. Característica da década de 1970.

Plataforma de Adaptação – o como – destacam-se formas alternativas para o Turismo, surgindo conceitos como turismo verde, turismo responsável, etc. Predominante na década de 1980.

Plataforma do Conhecimento – o porquê – percebe-se a necessidade de bases científicas para o Turismo, sem perder a ligação com as demais plataformas. Procura estabelecer o estudo do Turismo de forma holística e criar um corpo teórico consistente. Característica da década de 1990.

É importante considerar que, apesar dos apontamentos cronológicos, todas as plataformas vêm, ao longo do tempo, coexistindo.

Os estudos antropológicos do turismo preocupam-se especialmente com os *impactos* da atividade, com a descaracterização e comercialização da cultura (BARRETTO 2003, p.18).

Inseridos na Plataforma de Advertência, encontram-se diversos estudos relativos aos *impactos* socioculturais do turismo, e as relações entre os turistas e a população residente. Os estudos assim identificados sofrem algumas críticas ao, muitas vezes, defenderem posições mais extremadas como, por exemplo, considerar o turismo como forma de colonialismo (NASH 1989), ao entregar seu território e o domínio comercial e econômico aos estrangeiros, ou até mesmo ao comparar os turistas com as hordas dos povos bárbaros que deixavam um rastro de destruição (TURNER e ASH 1991 *apud* BARRETTO 2003, p.16). Porém, de forma alguma se pode excluir o valor e a contribuição teórica desses trabalhos, pois chamaram a atenção para problemas reais que localidades turísticas e seus moradores estavam passando e desmistificaram a idéia de que o turismo era o salvador de todos os problemas socioeconômicos das comunidades. Além disso, é a partir dessas denúncias que a comunidade acadêmica sente a necessidade de refletir outras formas de turismo e voltar sua atenção também para a população local. Atenção que se mostra ainda relevante, já que muitos problemas detectados anteriormente se repetem até os dias de hoje em muitos núcleos receptores, sejam eles desde lá consolidados, como também em novos núcleos que se desenvolvem turisticamente.

Primeiramente, se faz necessário entender o que são as mudanças ou *impactos* do turismo, Ruschmann (1997, p.34) afirma que eles “referem-se à gama de modificações ou seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras”. Na literatura sobre Turismo, fica consagrado o entendimento de que os *impactos* do Turismo são modificações que podem ser positivas ou negativas, e podem ser de ordem econômica, social, cultural, ambiental, etc. Santana Talavera (1997, p.95-96) afirma que o *impacto* social abarca mudanças mais imediatas na qualidade de vida e na adaptação da atividade nas comunidades receptoras; já o *impacto* cultural envolve as mudanças de longo prazo nas normas sociais, na cultura material e nos padrões de vida. Santana Talavera (1997, p.95) diz que “em termos simples poderíamos dizer [...] que os *impactos* socioculturais são ‘impactos sobre as pessoas’”.

McKean (1989, p.190) afirma que a mudança cultural trazida pelo fluxo de turistas em uma localidade é um tema que se repete nos estudos antropológicos do turismo. Geralmente esses estudos trazem consigo os seguintes pressupostos: 1- as mudanças ocorrem devido a entrada de um sistema sociocultural externo na frágil cultura receptora; 2- essas mudanças tendem a destruir a cultura indígena (local); 3- as mudanças culturais na localidade receptora levam à homogeneização cultural, passando a identidade cultural ou étnica a ser submissa a um sistema industrial tecnologicamente mais avançado, atendendo ao estilo de vida dominante da sociedade de consumo. Segundo Pi-Sunyer (1989, p.282), os modelos teóricos que são aplicados ao estudo do turismo estão em consonância com as teorias da modernização, considerando sua aplicação na transformação agrária. Assim como a industrialização do campo freqüentemente ocorre sem considerar as opiniões da localidade, o turismo, da mesma forma, se desenvolve sem o controle da localidade, especialmente quando se trata do

turismo de massa (PI-SUNYER 1989, p.282). Porém, é necessário que não se caia na armadilha de considerar essas uma constante no estudo das mudanças socioculturais do Turismo, pois há análises que mostram a capacidade de criação de mecanismos alternativos e de negociação para estabelecer certa resistência ao processo de mudança (MACKEAN 1989, p.190 e BARRETTO 2004, p.135).

Neste momento, torna-se fundamental clarear o conceito de aculturação, que é apontado em diversos estudos dos processos socioculturais do turismo. Tendo como princípio *a cultura é dinâmica*, Laraia (2005, p.96) afirma que existem dois tipos de mudança, “uma, que é resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda, que é resultado do contato de um sistema cultural com outro”. Desse modo, a aculturação seria a absorção de elementos culturais de um sistema cultural externo ao seu. O autor esclarece também que “é praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna” (LARAIA 2005, p. 96). Ainda referente ao conceito de aculturação, Ortiz (2003, p.74) escreve que, quanto aos fenômenos de aculturação, “supõe-se o contato de grupos provenientes de dois universos diferentes, e, como resultado, mudanças nos padrões culturais de um ou de outro grupo.” Apesar de o conceito de aculturação ser largamente difundido, não quer dizer, necessariamente, que seja unanimemente aceito. Fato constatado nesta citação de Cunha (1986, p.98)

A noção de cultura veio substituir-se à de raça, dentro de um movimento que se quis generoso, e que certamente o foi. E já que a cultura era adquirida, inculcada e não biologicamente dada, também podia ser perdida. Inventou-se o conceito de aculturação e com ele foi possível pensar – para gáudio de alguns, como os engenheiros sociais, e para pesar de outros, como alguns antropólogos – na perda da diversidade cultural e em cadinhos de raças e culturas.

Diante das definições do conceito de aculturação, fica fácil perceber seu uso na interpretação dos processos socioculturais do turismo. Ou seja, tal interpretação permite identificar o “mundo nativo” e o “mundo turista”, extremos, como propôs McKean (1989, p.192) “dentro das mais simples das análises teóricas” (tradução da autora).

Segundo Archer e Cooper (2001, p. 85), os primeiros estudos dos *impactos* do turismo sobre o núcleo receptor tiveram enfoque econômico, não só pelo fato de serem de mais fácil mensuração, mas também pela tentativa de comprovar os benefícios econômicos trazidos pela atividade àqueles que a acolhiam. O autor ressalta também que a atividade turística é atraída por localidades singulares, frágeis, seja do ponto de vista cultural e/ou ambiental, e fica evidente que em alguns casos “seus benefícios econômicos foram neutralizados por conseqüências ambientais e sociais adversas e não mensuradas previamente” (ARCHER e COOPER 2001, p.85).

Na realidade, as mudanças socioculturais possivelmente trazidas pelo Turismo são consideradas de difícil mensuração devido a sua natureza de ordem qualitativa (BACAL 1991, p.98).

Ao refletir sobre a relação turista/residente, é necessário compreender a situação diferente em que cada uma das partes se encontra. Segundo Krippendorf (2001, p.83) “a liberdade e o prazer de um são o fardo e o trabalho do outro”. Ou seja, enquanto a comunidade receptora trabalha, os turistas desfrutam de seu lazer. Isto pode gerar um conflito entre eles. De acordo com o autor (ibid, p.36), as pessoas buscam a viagem como forma de fugir do cotidiano monótono do mundo industrial. Ao mesmo tempo, o turista não consegue se despir dos hábitos do seu cotidiano, carregando-os em sua viagem. Essa carapuça impediria que as influências externas penetrassem. Para ele (ibid, p.55) o turista possui motivação egocêntrica e ela determina um aspecto importante do seu comportamento, que se revela abusivo, agressivo e colonialista. O turista nutriria, durante suas viagens, o sentimento de ser livre, de poder revelar-se, sem as sanções que encontraria no seu local de origem.

Sobre o encontro de turistas e residentes, uma das idéias largamente difundidas é que esse seria o caminho para o entendimento entre os povos e uma via de comunicação cultural, quanto a essa afirmação, Krippendorf (2001, p.83) considera que “as relações entre os turistas e os autóctones são de tal porte que as oportunidades de estabelecer contatos humanos verdadeiros são mais fracas do que nunca”. O autor também destaca que aquelas situações vivenciadas pelos turistas, e sentidas como únicas, representam para os autóctones a repetição contínua – “ocorrem perpetuamente as mesmas situações, as mesmas excursões, as mesmas festas e as mesmas perguntas” (KRIPPENDORF 2001, p.84).

Barretto (2004, p.134) faz uma retrospectiva dos estudos acadêmicos que enfocam a relação dos turistas e dos visitados e considera que tais pesquisas não demonstram que o turismo tenha conseguido aproximar e facilitar o entendimento entre os povos. A autora complementa que, ao contrário disto,

[as pesquisas] parecem indicar que se repetem, no turismo, velhos problemas que acompanham a história social da humanidade, como o colonialismo cultural e xenofobia, e que as relações interpessoais acabam seguindo a lógica mercantil, ou seja, são comercializadas como bem de consumo (BARRETTO 2004, p.134).

Já Jurdao Arrones (1992) considera que o entendimento entre os povos e a comunicação cultural se configuram como um mito do turismo. Além desse aspecto, Jurdao Arrones (1992) também considera outros aspectos como “mitos do turismo”, os quais parecem pertinentes para esta análise. A partir de estudo na costa do Mediterrâneo (Espanha), esse autor traça quatro idéias as quais considera bases da ideologia turística da Espanha, que teria sua origem nos anos cinquenta, ganhou força nos anos sessenta e se sustentaria até os dias de hoje. O segundo aspecto abordado é quanto à idéia, bastante disseminada, do turismo como gerador de emprego e renda. Jurdao Arrones (1992, p.18-25) afirma que há grande evasão da renda advinda do turismo devido ao domínio estrangeiro dos empreendimentos turísticos, além disso, o autor considera que os postos de trabalho,



gerados pelo turismo, são de baixa qualidade e pouca remuneração. Soma-se a isso a especulação do solo, os processos de urbanização e o conseqüente deslocamento do homem de suas áreas tradicionalmente estabelecidas, como o afastamento do campo. O terceiro aspecto considerado pelo autor uma das bases da ideologia turística, é o turismo como via positiva para a conservação (JURDAO ARRONES 1992, p.28-30). O autor se opõe a essa afirmação levantando problemas ambientais decorrentes da exploração turística, a mercantilização da cultura e também as interferências de novos hábitos, o aumento do barulho e da sujeira em lugares antes tranqüilos. Por fim, Jurdao Arrones (1992, p.30-32) destaca o “mito” do turismo com gerador de trocas. O autor afirma que nos principais destinos turísticos constata-se que o turismo está intimamente ligado à prostituição, ao crime de diversos tipos, e ao jogo organizado. O autor propõe uma reflexão a respeito do preço a ser pago pelo “progresso”, e pelo desenvolvimento econômico.

Retomando as questões sobre o encontro de residentes e turistas, Bacal (1991, p. 105), aponta, com base em um estudo da UNESCO (1975), as condições do encontro de turistas e a comunidade, definindo-o como transitório, com restrições espaciais e temporais, relações desiguais e ausência de gratuidade inicial nas relações. A relação comercial é comumente a mais forte que se estabelece entre residentes e turistas, já que o principal argumento a favor do turismo é a geração de renda e empregos. Bacal (1991, p.106) afirma que “as relações entre ambos são cada vez menos gratuitas: as trocas humanas, culturais os sorrisos e a ajuda mútua se convertem em atividades ‘pagáveis’”. Por outro lado, mesmo que o interesse pelo turismo se mostre sempre relacionado com interesses comerciais, há também a possibilidade de pensar o turismo ligado à hospitalidade. Nesse caso, as trocas transcendem ao econômico e passam a apresentar diversos significados simbólicos, subjetivos, como aborda Mauss (1974) quando fala das “dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las”. Essas trocas simbólicas podem transparecer na hospitalidade, no “bem receber”, mesmo que seja, a princípio, somente uma prestação de serviço.

Pearce (2001, p.147) defende, ainda, que os turistas não precisam se adaptar à comunidade local, obtendo, muitas vezes, concessões a algumas restrições legais e culturais e assim “eles podem atravessar a paisagem numa pequena bolha cultural da sua própria nacionalidade”. MacCannell (2001, p.383) acredita que as destinações turísticas se assemelham cada vez mais umas às outras, e também com o lugar de onde vem o turista. Na visão do autor, o turismo nasce da vontade de “estar onde não estou”, e, ao mesmo tempo, encontrar semelhanças do lugar de onde o turista veio. Portanto há uma pressão por parte dos turistas pela melhora da infra-estrutura e de encontrar confortos do seu cotidiano no local visitado, mesmo que muitas vezes a população local não goze desses benefícios.

Ruschmann (1997, p.46) afirma que

a experiência tem demonstrado que o interesse pela cultura da população visitada é muito fraco, e pode-se dizer que o contato do visitante com as pessoas, com seus costumes e hábitos é ‘periférico’ (superficial) e externa-se na compra de objetos típicos como *souvenir*.

Outro fator importante, bastante discutido em trabalhos acadêmicos, é a geração de empregos através do turismo. Há preocupação com o grande número de empregos de baixa qualidade que o turismo gera, além de uma política profundamente difundida a qual dita que “o turista é o rei”, ou o “cliente tem sempre razão”. Dentro dessa lógica, a comunidade receptora teria que satisfazer as necessidades do turista, o que pode ter um custo inestimável. Krippendorf (2001, p.86) afirma que “no hotel ou na praia só se toma conhecimento dos autóctones por causa de suas funções como serviçais: (...) a arrumadeira, o vigia, os vendedores de *souvenirs*, os músicos, os dançarinos, etc.” Diversos são os autores que identificaram o fato de que os cargos de gerência, especialmente nas redes internacionais, acabam ficando para estrangeiros (KRIPPENDORF 2001, BACAL 1991, JURDAO ARRONES 1992, DE KADT 1979, NASH 1989). Outra constatação, é que a geração de empregos no turismo ocorre em grande escala para mulheres e jovens, o que traz mudanças na estrutura familiar, através da sua independência econômica (DE KADT 1979, RODRIGUEZ 1994, BACAL, 1991). De Kadt (1979, p.43) relata que, em muitos casos, o turismo reforça a estrutura socioeconômica já existente, enriquecendo as classes mais favorecidas, e deslocando as classes mais baixas para condições ainda piores.

Retomando a questão das características do encontro entre turistas e residentes, se por um lado verifica-se relação de servilidade da comunidade receptora para com o turista, por outro, é possível dizer que o turista se comporta de maneira permissiva durante suas viagens. Ruschmann (1997, p.110) afirma que

a falta de ‘cultura turística’ dos visitantes faz com que se comportem de forma alienada em relação ao meio que visitam – acreditam que não têm nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações. Entendem que seu tempo livre é sagrado, que têm direito ao uso daquilo pelo qual pagaram e que, além disso, permanecem pouco tempo – tempo insuficiente, no seu entender, para agredir o meio natural.

Rodriguez (1994, p.221) também afirma que os turistas em férias fora do seu país de origem apresentam comportamento menos restringido, como se as férias se tornassem um espaço de transgressão.

Esse fosso que separa os turistas e a comunidade receptora tende a ser maior quando o turismo acontece nos países pobres com turistas de países ricos. O sentimento de inferioridade

é reforçado pela submissão econômica, pela cultura dita mais avançada, e novamente, pela relação de servilidade. Krippendorf (2001, p.85) ajuda-nos a entender essa relação:

No caso do Turismo ‘exótico’, das viagens dos ricos aos países pobres, a possibilidade de estabelecer um diálogo intercultural é ainda mais fraca, pois os obstáculos parecem ser intransponíveis. (...) Os viajantes que se dirigem ao Terceiro Mundo deparam-se com seres humanos que não apenas têm uma cultura fundamentalmente diferente, mas que também pertencem a uma outra classe social, distinta. Os contrastes não poderiam ser maiores. (...) O contato intensivo com os autóctones, do qual se gaba a publicidade, advém por ocasião das excursões em ônibus climatizado, sob a proteção do guia de viagem e no âmbito tranquilizador do grupo.

Na tentativa de realizar uma análise geral dos *impactos* da relação turista/residente, Pearce (2001), a partir de diversos estudos de caso, estabelece uma linha divisória entre dois casos: influências e efeitos do contato em comunidades isoladas e pobres, e influências e efeitos do contato em comunidades tecnologicamente avançadas. Segundo esse autor, a relação turista/residente no Terceiro Mundo e em comunidades pobres frequentemente gera discórdia, exploração e problemas sociais. Já em comunidades tecnologicamente avançadas, alguns dos problemas mais citados são o congestionamento, e a “invasão” de locais tradicionalmente ocupados pelos residentes. As generalizações quanto a resultados de pesquisas de *impactos* socioculturais mostram-se tarefa difícil, mas há a tendência daquelas comunidades singulares, frágeis, com valores e costumes diferenciados, de terem maior propensão aos processos de mudanças socioculturais quando se tornam um destino turístico, além disso, o ritmo dessa mudança pode ser brusco. Segundo Jurdao Arrones (1992) os países pobres que tomam o turismo como fonte de riqueza, ficam cada vez mais dependentes econômica, política e culturalmente dos países emissores de turistas. Caroso e Rodrigues (1998, p.74) afirmam que quanto maiores as diferenças entre os turistas e a população local, maiores as possibilidades de estresse e conflito, isso pode ser entendido tanto para diferenças culturais (choque cultural) como para diferenças sociais.

Analisando tais pesquisas, é possível afirmar haver uma relação estreita entre as condições sociais da comunidade receptora e as mudanças e conflitos socioculturais que ela possa vir a sofrer a partir do desenvolvimento turístico. Como expresso no capítulo anterior, há a necessidade de pensarmos o todo e, portanto, relativizar as mudanças trazidas pelo turismo e aquelas conseqüentes da urbanização e industrialização e das constantes trocas entre os grupos humanos. Nesse caso, há que se refletir, também, nas condições socioeconômicas das áreas visitadas, para se construir uma visão mais abrangente, entendendo que as características histórico-sociais do lugar podem esclarecer e mostrar relações com os tipos de *impactos* sofridos na comunidade a partir do desenvolvimento turístico.

Segundo Barretto (2004, p.134), o fato da sociedade receptora ser mais pobre do que a dos turistas, além de possuir menos avanço tecnológico e ocupar dentro do cenário internacional um status inferior, resulta em um relacionamento assimétrico por questões estruturais. Os diversos estudos em países em desenvolvimento, ou comunidades identificadas com tal característica, parecem demonstrar que essa condição torna-as mais vulneráveis. No caso de comunidades pequenas, ligadas às atividades tradicionais, tais como a pesca, a agricultura ou a pecuária de pequeno porte, caracterizadas por estarem marginais ao processo de modernização e de globalização, a chegada de turistas representa o encontro ou o choque, com o modelo dominante. Porém, a chegada desse novo modelo, expresso nos mais diferentes símbolos, tais como estradas, carros, lanchas, casas de outro estilo arquitetônico etc., não significa, necessariamente, o acesso da população a esses bens ou mesmo a melhora na qualidade de vida. Ou ainda, muitas vezes a população local se vê estimulada a consumir esses bens mesmo que isto se dê somente como uma imitação daquilo que se apresenta como o melhor, como moderno.

Rial (1988, p.329) assinala que na Lagoa da Conceição (Florianópolis) o contato com a urbanização foi aos poucos transformando aquela comunidade, antes ligada à pesca e à agricultura, para um modo de vida cada vez mais urbano. A compra de objetos representantes da modernidade marca a nova decoração dos lares, não sendo raro tais objetos estarem deslocados de sua função de uso, como por exemplo, o fogão a gás e o liquidificador, assim como a enceradeira estarem na sala “porque são bonitos”. Rial (1988, p.329) entende que tais objetos são adquiridos não pelo seu valor de uso, mas sim pelo seu valor simbólico.

No estudo de uma localidade periférica ao turismo (Güimar - Tenerife) Rodriguez (1994, p.220) relata que, influenciados pela realidade vivenciada na zona turística, seu local de trabalho, os moradores dessa localidade passam a consumir diversos bens que simbolizam a riqueza e o moderno. O que muitas vezes resulta em diversos aparelhos eletrônicos que sequer são utilizados, e pouco influenciam na melhora da qualidade de vida destas pessoas. A autora considera que com isso se dá a aparência de uma riqueza fictícia (RODRIGUEZ 1994, p.220). Além disso, a autora detecta diversas mudanças socioculturais, como sentimento de inferioridade ao ocupar cargos baixos da escala profissional, imitação dos hábitos e comportamento dos turistas, entre outros. A autora traz a informação de baixos índices de alfabetização. Índices sociais como esses parecem ser importantes ao estudar os *impactos* do turismo.

Já num estudo realizado em Dawlish (localidade costeira do Reino Unido), Brunt e Courtney (1999, p.230) analisam que não há diferença econômica entre residentes e turistas e, portanto, não identificaram sentimentos de superioridade (por parte dos turistas). Os autores, também afirmam não haver indícios de os residentes desejarem aprender o idioma dos turistas. Seguindo esse estudo, alguns entrevistados crêem que os jovens tentam imitar o comportamento dos turistas, mas

nenhum deles conseguiu apontar um exemplo concreto desse fato (BRUNT e COURTNEY 1999, p.228).

O efeito demonstração e a imitação estão presentes em diversos estudos a respeito de comunidades receptoras. Segundo Bacal (1991, p.106), esses efeitos partem do modo de consumir do turista como referência. Para Rushmann (1997, p.48), esse “ocorre quando a presença de um grande número de turistas estimula hábitos de consumo desconhecidos ou inacessíveis para a população receptora”. Como exemplo a importação de bebidas, comidas, produtos caros em geral; criação de diferentes formas de entretenimento, como cassinos, o uso de drogas, novos comportamentos, mudança na linguagem, etc. Segundo Archer e Cooper (2001, p.94), “a impossibilidade dos nativos atingirem o mesmo nível de prosperidade pode gerar um sentimento de privação e frustração capazes de encontrar uma saída na hostilidade e até agressão.” Segundo Murphy (1995 apud BRUNT e Courtney 1999, p.229) os jovens são mais suscetíveis ao efeito demonstração e Bacal (1991, p.106) afirma que, além dos jovens, os que trabalham diretamente com turismo também apresentam tal condição.

Para Santos (2004, p.7), não se pode pensar nessa relação turistas/residente apenas em termos de efeito demonstração. O autor acredita que a imitação de hábitos, como o de consumo, por exemplo, tem uma anterioridade que é a mídia. Ao não considerar-se uma influência anterior ao contato, estar-se-ia entendendo o moderno como “essencialmente bom”. A partir de um estudo no Farol de Santa Marta (Laguna/SC), praia que recebe muitos turistas no período de veraneio, o autor afirma que

Na ligação entre o tênis e a vida urbana, por exemplo, o turista oferece apenas a concretude de um signo já apreendido anteriormente, se lembrarmos que a publicidade televisiva encontra-se também no cotidiano da pequena vila de pescadores (...).

Outra grande preocupação é com relação ao modo de vida tradicional da população local, que é ameaçado pelas exigências de estruturas e de novas necessidades dos turistas, além do contato com uma cultura diferente. De acordo com Millmann e Pizam o turismo pode

contribuir para condições sociais que podem ser o início de sérios problemas na sociedade receptora, incluindo mudanças no sistema de valores, comportamento individual, relacionamento familiar, estilo de vida coletivo, cerimônias tradicionais ou na organização da comunidade (1988, apud Smith e Krannich 1998, p.784).

Jurdao Arrones (1992) destaca o turismo como fomentador da especulação do solo, o que faz com que a comunidade venda suas terras por preços abaixo do valor de mercado para a urbanização turística, fato que afasta o homem do campo, ou os pescadores de suas áreas de onde tiravam seu sustento. Jurdao Arrones (1992) destaca que no ano de 1948, na Costa do Sol, na localidade de Mijas, havia 1.185 proprietários de terras para uso agrícola, todos espanhóis. Em 1975 só restavam dois desses proprietários. Segundo esse autor, o modelo espanhol de turismo aniquilou a agricultura. Rodriguez (1994, p.216) identificou em Güimar (Tenerife) o abandono da agricultura tradicional em prol da busca de empregos nos centros turísticos, o que ocasionou, entre outros aspectos, o envelhecimento repentino da população. Semelhante situação ocorre com comunidades caiçaras e ribeirinhas, onde os terrenos próximos às margens têm grande valor turístico, e, após sua urbanização, muitas vezes o pescador se vê sem acesso às praias para conduzir os barcos de pesca. Calvente (2001, p.86) relata a experiência da comunidade de Ilhabela (litoral norte de São Paulo): “Muitas posses foram vendidas pelos caiçaras por valores mínimos, pouco habituados às relações capitalistas ou a conviver com valores monetários...”. A autora afirma que aqueles que ficaram sem a terra passaram a ser mão-de-obra de baixa remuneração e suas condições materiais de existência pioraram. Semelhante situação também é encontrada no litoral norte da Bahia, segundo os estudos de Caroso e Rodrigues (1998, p.67), onde os moradores tradicionais se desfizeram de seus imóveis encorajados pela sua valorização, porém passaram a viver em condições inferiores a anterior.

Alguns dos benefícios para as localidades e sua comunidade, apontados como consequência do Turismo, são o apoio e financiamento das artes, da cultura, e de espaços públicos destinados ao lazer. Para Archer e Cooper (2001, p. 154) o acesso permanente a locais, como zoológicos, parques nacionais e reservas de animais selvagens devem parte de sua manutenção à renda obtida com o turismo. Barretto (2000, p.26) considera que “o Turismo deixa um legado positivo, sobretudo na preservação de áreas históricas ou naturais...”. Brunt e Courtney (1999, p.225-235) identificam alguns *impactos* positivos do turismo neste sentido na localidade de Dawlish (Reino Unido), tais como a melhoria em áreas de recreação, maior conservação das áreas centrais e favorecimento das artes e do artesanato. Segundo De Kadt (1979, p.46) o turismo proporciona a revitalização das artes e do artesanato, e mesmo que esse desenvolvimento possa vir acompanhado de transformações, elas não são necessariamente sua degeneração. Exemplo disso foi encontrado no estudo de McKean (1989, p.204) em Bali, onde os balineses conseguiram equilíbrio entre as necessidades comerciais de

venda do artesanato e o respeito às suas tradições. Portanto, aceitam fazer algumas modificações no artesanato para os turistas, mas conservam a qualidade do artesanato que é produzido para os deuses. Além disso, restringem a presença dos turistas às cerimônias pois consideram tal presença imprópria. No caso de Bali, a coesão social, os fortes vínculos sociais possuem importância fundamental nesse processo. McKean (1989, 196) considera, ainda, que a transformação de papéis tradicionais (músicos, bailarinos) em fontes de renda trata-se de um impulso à sobrevivência do folclórico, do étnico local, ao invés de impor a homogeneização do mundo industrial. Portanto, ocorre em Bali o resgate e a sobrevivência de antigas tradições, as quais garantem o ingresso de divisas e o processo de modernização. Para McKean (1989, p.198) esse processo de resgatar técnicas tradicionais trata-se de um processo de “involução cultural” (este termo é tomado de Geertz, 1963, que trata da “involução agrária”), e esse processo pode ajudar a conservar estas tradições (MACKEAN 1989, p.204). De Kadt (1979, p.47) também considera que o turismo contribui para que a população autóctone valorize novamente suas manifestações locais de cultura, além de despertar um sentido de identidade e redescobrimto cultural.

Por outro lado, há o debate da artificialização e mercantilização cultural, o qual defende que a cultura local pode ser ameaçada por uma cultura artificial voltada ao turismo. Para Pearce (2001, p. 149) o turista muitas vezes não compreende o valor real das manifestações culturais, por essa razão banaliza esses eventos. O autor ainda ressalta que “a exploração turística dos produtos culturais locais podem cometer um sacrilégio com os símbolos religiosos antigos ao comercializá-los em massa” (PEARCE 2001, p.150). Ruschmann (1997, p.53) destaca quatro pontos a respeito dos *impactos* culturais do turismo na localidade receptora:

- *Descaracterização do artesanato*, pois a produção do artesanato voltado unicamente para o consumo do turista, descaracteriza sua função original, é uma arte “pseudotradicional”.
- *Vulgarização das manifestações tradicionais*, ações mercadológicas vendendo cenas e manifestações culturais de forma inexata e romantizada, formando uma imagem simplista e estereotipada.

- *Arrogância cultural*, as manifestações culturais apresentadas aos turistas de maneira arranjada, geralmente em salões ou espaços preparados para os turistas, onde os residentes são “objetos de observação”. Isso reforça a distância entre o turista e o residente e afasta a possibilidade de um contato natural.
- *Destruição do patrimônio histórico*, o acesso de turistas em massa pode comprometer as estruturas, pois pode haver atos de vandalismo e depredação.

Assim, acredita-se ser valioso dar atenção à questão paradoxal que se refere ao Turismo por um lado, como conservador da cultura local, e por outro, como “criador” de uma cultura artificial – para turistas. Barretto (2000, p.30) questiona: “Haverá uma ‘cultura para o turista’ e ‘uma cultura real’?”. Archer e Cooper (2001, p.93) acreditam que quando o turista acredita na autenticidade da “região de fachada” (áreas públicas, saguões de hotel), existe uma proteção na “região dos fundos” (onde acontece a vida real). Mas talvez nem sempre seja possível fazer esta proteção da “vida real”. Em meados dos anos setenta, na localidade de Kotzebue (Alaska), com o crescente fluxo de turistas, os residentes tradicionais (esquimós) estavam cansados de responder às mesmas perguntas dos turistas durante seu trabalho, as mulheres acabaram por negar fotografias e inclusive cobrir o local de trabalho para protegerem-se do olhar curioso dos turistas (SMITH 1989, p.108).

MacCannell aborda questões de inautenticidade da experiência turística e considera que o turismo produzido pelo capital global pode “produzir, reproduzir, comprar, vender e remover qualquer coisa e pessoa para qualquer lugar em absoluto” (2001, p.385, tradução da autora). Para esse autor, muitas vezes o atrativo turístico passa a ser mais verdadeiro do que o real, ele passa a atender a idéia que o turista tem do objeto.

Os crocodilos de látex na Disneyland fazem furiosos ataques aos barcos que carregam turistas. Assim, eles respondem a nossa idéia sobre o *ser* de um crocodilo melhor do que os crocodilos de verdade dormindo imóveis em um lago de zoológico” (MACCANNELL 2001, p.386, tradução da autora)

Há diversas críticas ao vazio da experiência turística, à pobreza do contato entre o turista e a comunidade visitada, à mercantilização e à inautenticidade das manifestações culturais locais. Mas elas muitas vezes são consideradas características da nova sociedade global, ou sociedade de consumo. Ortiz (2000, p.119) fala dessa nova ideologia: “A



sociedade emergente requer, no entanto, um outro entendimento das coisas [diferente do mundo tradicional]. As mercadorias têm de ser adquiridas independentemente de seu ‘valor de uso’. A ética do consumo privilegia sua ‘inutilidade’”.

Para Greenwood (1989, p.260) faz parte do capitalismo a idéia de que tudo aquilo a que se pode colocar preço é tratado como mercadoria. O autor não vê problema nesse fato quando a população autóctone é remunerada por atuar para os turistas, mas sim quando questões culturais são exploradas sem o consentimento da população. O autor considera que nesse sentido a cultura local tem seu significado alterado e às vezes destruído quando tratada como atração turística (GREENWOOD 1989, p.260). Greenwood fixa seu estudo em uma localidade catalã onde há mais de 350 anos se fazia uma recriação ritual da vitória local (cidade de Fuenterrabía) sobre o inimigo francês, fato que ocorreu em 1638. Esse ritual público (Alarde) envolvia grande parte da população local, inclusive de áreas separadas. O autor considera que era um ritual celebrado para e por si mesmos (GREENWOOD 1989, p.269). Depois da incorporação do Alarde nos pacotes turísticos, o poder público acabou por realizar mudanças nas estruturas do local da cerimônia para que mais turistas pudessem assistir, assim como proclamou que o Alarde seria celebrado duas vezes no dia. Depois de tais acontecimentos, a celebração perdeu seu significado e passou a ser um espetáculo ao qual as pessoas não se sentiam motivadas a participar e o governo considerou a possibilidade de pagar os participantes (GREENWOOD 1989, p.268).

No estudo de Joseph e Kavoori (2001, p.1002), detectaram-se evidências de impactos do turismo na forma de aculturação e mercantilização cultural. Locais e cerimônias consideradas sagradas acabam sendo um espetáculo turístico na localidade da Índia (Pushkar). A cidade ficou conhecida nos anos sessenta com a descoberta da espiritualidade indiana pelos “hippies”. Desde então o fluxo turístico tem aumentado muito para esse centro de peregrinação. Os autores relatam que alguns templos preservam políticas restritas de entrada de turistas, porém há outros que acabaram por adotar o “negócio”. Nesses é possível ver os turistas tirando fotos dos rituais e até mesmo fumando em seu interior. Na tentativa de regular o comportamento dos turistas é possível encontrar placas com a seguinte inscrição:

Aos turistas é gentilmente solicitado que deixem seus sapatos a pelo menos 9m do *ghats* [local do ritual]. Em Pushkar, segurar as mãos ou beijar em público não é permitido. Às mulheres é gentilmente solicitado o uso de roupas adequadas, que as cubram suficientemente, para que não ofenda. Alcool e drogas não são permitidos em Pushkar. Estas regras refletem os aspectos do Hindu. (JOSEPH, KAVOORI 2001, p.1004, tradução da autora)

O processo de aculturação é testemunhado pelos autores através da mudança na forma de se vestir, especialmente nos jovens, na adaptação de cardápios ao gosto ocidental, assim como a adesão ao uso de drogas e mudanças no comportamento sexual.

As relações sociais geradas pelo turismo são bastante peculiares, e muitas vezes conflitantes. Sentimentos ambíguos são comuns por parte da comunidade receptora em relação aos turistas. Em um extremo, sua valorização como responsável pela sobrevivência da localidade, num outro extremo, rancor, amargura, hostilidade, o que já gerou apelidos como, “predadores” ou “invasores” (BARRETTO, 2000, p.27).

Em relação à percepção dos *impactos* do Turismo Beisle e Hoy (1980), Pizam (1978) e Sheldon e Var (1984) (apud ROSS 2002, p.139), descobriram que ela diminui à medida que aumenta a distância entre a moradia dos residentes e a zona turística. Kendall e Var (1984 apud ROSS 2002, p. 140) demonstram preocupação pelo fato de que o Turismo vai contra o modo de vida da população local, porque gera, por exemplo, aglomeração de gente, congestionamento do trânsito, barulho, sujeira, destruição de propriedade, poluição, alteração da aparência da comunidade, entre outras conseqüências danosas. Já Murphy (1981, apud ROSS 2002, p.143) “descobriu que o fator irritante mais freqüente citado pelos residentes é o congestionamento em restaurantes e hotéis locais, filas maiores no comércio, problemas de trânsito e estacionamento.”

Doxey (1975 apud ROSS 2002, p.144, SANTANA 1997, RUSCHMANN 1997, BURNS 2002) criou o “Modelo Irridex”, o qual busca identificar e explicar os efeitos cumulativos do desenvolvimento do Turismo sobre as relações sociais com o passar do tempo. Esse modelo demonstra o vínculo direto entre o estresse ou a irritação crescente da comunidade e o desenvolvimento contínuo do turismo. Num primeiro momento, os residentes receberiam os turistas com entusiasmo e euforia, o turismo é visto como fonte de desenvolvimento e prazer. Depois, com o aumento do fluxo de turistas o contato entre eles e a comunidade local vai se tornando menos pessoal. A comunidade sofre pressão por parte dos visitantes para ter uma infra-estrutura turística mais completa. Nesse momento, o turismo já não é mais novidade, e os residentes já estão mais apáticos em relação à atividade, vendo-a como uma maneira de obter lucro fácil. Quando o fluxo aumenta ainda mais, gerando mudanças na localidade, como congestionamentos, preços elevados e outros aspectos negativos, pode exceder os limites de tolerância da comunidade, o que causa irritação. Aqui,

os custos de acomodar o Turismo começam a exceder os benefícios. E, assim, nesse crescente, a comunidade local passaria a agir com hostilidade em relação aos turistas.

Segundo Brunt e Courtney (1999, p.221) a maior fraqueza do Modelo de Doxey está ligada ao fato de que os habitantes não formam um grupo homogêneo. Pode-se dizer também que o modelo de Doxey é determinista, deixando um único destino para a localidade que se desenvolve turisticamente. É necessário que fique claro que, apesar dessas críticas, o Modelo de Doxey possui grande valor teórico e tem destaque na teoria do turismo.

Butler (1975 apud SANTANA TALAVERA, p. 101) propõe um conceito diferente, reconhecendo que as atitudes dos residentes frente ao desenvolvimento turístico são geralmente mais complexas. Segundo esse autor, as reações da população residente podem variar de grupo para grupo, ou para indivíduo, podendo ser positivas ou negativas, passivas ou ativas, gerando diferentes ações que convivem simultaneamente. Tais ações tomam forma nas seguintes atitudes, se positivas: promoção agressiva (da atividade turística) de alguns favorecidos, aceitação silenciosa de alguns favorecidos; se negativas: oposição agressiva da atividade turística, aceitação resignada da atividade turística (BUTLER 1975, apud SANTANA TALAVERA 1997, p.102). Dessa forma, para a análise das atitudes e da percepção dos residentes em relação ao turismo, é necessário também ter em conta o número de visitantes, as características desses visitantes, a sazonalidade da atividade, assim como características socioeconômicas e culturais do destino (SANTANA TALAVERA 1997, p.101-102).

De Kadt (1979, p.50) traz o termo “capacidade de absorção” entendendo-o como não somente o número máximo de turistas, mas também as taxas de crescimento máximas desejáveis. Tais taxas, quando ultrapassadas, resultariam em um processo prejudicial. Segundo esse autor, a capacidade de absorção de turistas, se incluída no planejamento e nos projetos turísticos, seria um indicador útil para guiar os debates e as decisões da comunidade e do governo na atividade turística. De acordo com De Kadt (1989, p.50), é bastante provável que a capacidade de absorção de cada destino estará relacionada com o tipo de turismo desenvolvido na localidade.

Uma das alternativas mais disseminadas, especialmente na literatura de planejamento turístico preocupada com seus efeitos negativos, para conter o fluxo de turistas e tentar suavizar os seus *impactos*, é o índice de capacidade de carga turística. Pode ser

entendido, segundo Boo (1990, *apud* RUSCHMANN, 1997, p.16), como sendo: “o número máximo de visitantes (por dia/mês/ano) que uma área pode suportar, antes que ocorram alterações nos meios físico e social”. Na prática, ainda é difícil estimar esse índice, pois deve-se relativizar as características de cada área.

O excessivo número de visitantes pode, muitas vezes, satisfazer os interesses econômicos de alguns, mas sua influência na localidade receptora ultrapassa esta barreira. O impacto sobre ambientes naturais, e também aqueles construídos, são maiores se o número de pessoas que os visitam ultrapassa sua capacidade de uso. Além disso, a qualidade da experiência do próprio turista pode ser comprometida ao chegar a lugares tomados por outros turistas.

E, sobretudo, contribuindo para esta análise, o excessivo número de visitantes e turistas afeta diretamente a qualidade de vida e também a aceitação do turismo pela comunidade local. Portanto, ao criar modelos para tentar identificar o grau de irritação ou de tolerância, se coloca a necessidade de traçar um índice de capacidade de carga com base em aspectos socioculturais.

Por isso, podemos falar de uma capacidade de carga turística social, a qual, segundo Ruschmann (1997, p.17)

estará ultrapassada quando os moradores da localidade já não aceitarem os turistas e passarem a hostilizá-los, pois eles destroem seu meio ambiente natural, agridem sua cultura e impedem sua participação nas atividades e a freqüência a lugares que lhes pertencem.

Para estabelecer esse índice, é necessário que haja monitoramento na localidade anfitriã, para que se possa identificar em que estágio se encontra a relação entre os turistas e a população local, e também sua percepção com relação ao turismo e aos turistas. Esse índice se mostra interessante para que a atividade turística seja desenvolvida levando em consideração a comunidade local.

Esses instrumentos de controle de fluxo, com base na percepção da comunidade anfitriã têm sido pouco utilizados nos destinos turísticos. O seu pressuposto é de que o número de turistas influencia no ritmo e nas mudanças socioculturais da localidade. De fato, a quantidade de turistas é fator relevante quando consideramos os processos socioculturais do turismo, mas não é o único fator. Como visto anteriormente, o perfil do

turista e suas diferenças sociais e culturais com relação aos residentes também podem determinar conflitos socioculturais independente do fluxo ser grande ou pequeno.

Com efeito, o controle total de mudanças socioculturais em qualquer localidade é utópico, pois a cultura é dinâmica e heterogênea. O que não quer dizer que todo tipo de mudança deva ser aceite e entendido como “inevitável”.

## **4. ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS**

### **4.1. Delta do Jacuí: Parque Estadual e Área de Preservação Ambiental**

Em 14 de janeiro de 1976, o Decreto Estadual nº24.385 criava o Parque Estadual Delta do Jacuí, incluindo as ilhas de formação sedimentar do arquipélago do Guaíba. Além dessas, a comissão responsável, criada por este decreto, recomendou a ampliação dos limites do Parque “a todas as ilhas atuais, em formação e futuras e às regiões marginais com características semelhantes às da região do Delta, abrangendo, ainda, a parte inferior da foz do próprio rio Jacuí.” (PORTO ALEGRE 1979, p.17)

Também integravam o Parque outras áreas que estão intimamente ligadas a sua utilização, podemos citar, a Doca Turística de Porto Alegre e os clubes náuticos localizados no Cais Marcílio Dias, o Cais do Porto, o trevo de acesso a Porto Alegre junto à travessia Engenheiro Régis Bitecourt.

Os rios Gravataí, Sinos e Caí, ao encontrarem o Rio Jacuí, formam um Delta, onde há trinta ilhas. Logo após o Delta, temos o Lago Guaíba e, a seguir, a Laguna dos Patos.

A paisagem do Delta tem como elemento principal a água, que se apresenta nos canais, nos sacos e nos grandes largos do estuário, e também é percebida pela vegetação que cobre os banhados. As terras não podem ser notadas com facilidade. Os campos secos são poucos, quase todos criados pelo homem, que cultivou alguns trechos do arquipélago.

Durante esses anos que passaram da criação do Parque, não houve controle das ocupações nas áreas de parque. Inclusive o próprio poder público definiu assentamentos de classes baixas nessas áreas. A ocupação nas ilhas vem, ao longo dos anos, sendo desordenada, tanto com ocupações da massa pobre, que, como fonte de renda, explora a reciclagem do lixo, quanto com

ocupações de classe alta, no caso, as casas de segunda residência. Estima-se hoje que existam cerca de vinte mil pessoas morando nas áreas de proteção. Os canais fluviais também são largamente utilizados, além de extensas áreas de plantação de arroz no município de Eldorado do Sul, que vão de encontro à proposta conservacionista.

Em novembro de 2005, o Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul divulgou a lei de número 12.371 (de 11 de novembro de 2005) criando a Área de Preservação Ambiental (APA) Delta do Jacuí. Segundo o artigo segundo, a APA

(...)constituída por terras públicas e privadas, tem por finalidade a proteção dos recursos hídricos ali existentes, em especial as áreas de influência fluvial, os ecossistemas de banhados, restingas e florestas estacional decidual, como o objetivo básico de disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade dos recursos naturais, de forma a conservar a diversidade de ambientes, de espécies e de processos naturais pela adequação das atividades humanas às características ambientais da área, além de garantir a conservação do conjunto paisagístico e da cultura regional.

A APA localiza-se no centro geométrico da Região Metropolitana de Porto Alegre, junto à zona que possui maior concentração de edificações da capital e se mostra como um de seus ecossistemas mais ricos. Estende-se também aos municípios de Eldorado do Sul, Canoas, Triunfo, Nova Santa Rita, além de banhados.

No artigo quarto, da mesma lei, fica estabelecido que a APA é constituída de um Parque, que terá como objetivo a preservação ambiental, a pesquisa, a interpretação e educação ambiental.

Fundamentalmente, a mudança que essa lei propõe é que as áreas hoje já ocupadas por habitação, pela agricultura, e os canais fluviais se enquadrem na legislação da APA, que permite a ocupação e o uso de forma sustentável. Já as áreas de Parque serão exclusivamente para proteção ambiental. Essa mudança feita na lei procura adaptar-se à realidade da área, já que o Poder Público não tem como desapropriar as terras de propriedade privada, nem tem condições de reassentar a massa de posseiros. Além disso, existem, em algumas ilhas, como no caso da Pintada, populações tradicionalmente estabelecidas. Para conter as ocupações irregulares, a administração do Parque tem cercado as áreas limítrofes entre APA e Parque.

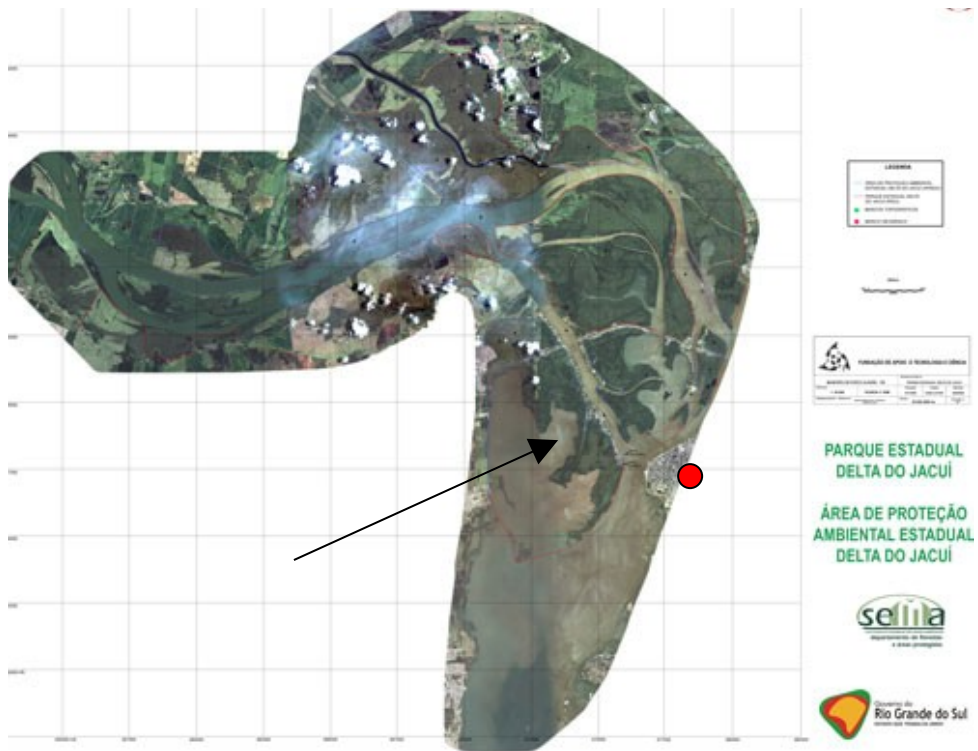


Figura 1: Imagem de satélite da Área de Preservação Ambiental do Delta do Jacuí. A seta indica a localização da Ilha da Pintada; o ponto em vermelho, o centro de Porto Alegre (é nesta margem que localiza-se a Usina do Gasômetro). (Figura cedida pela secretaria Estadual do Meio Ambiente)

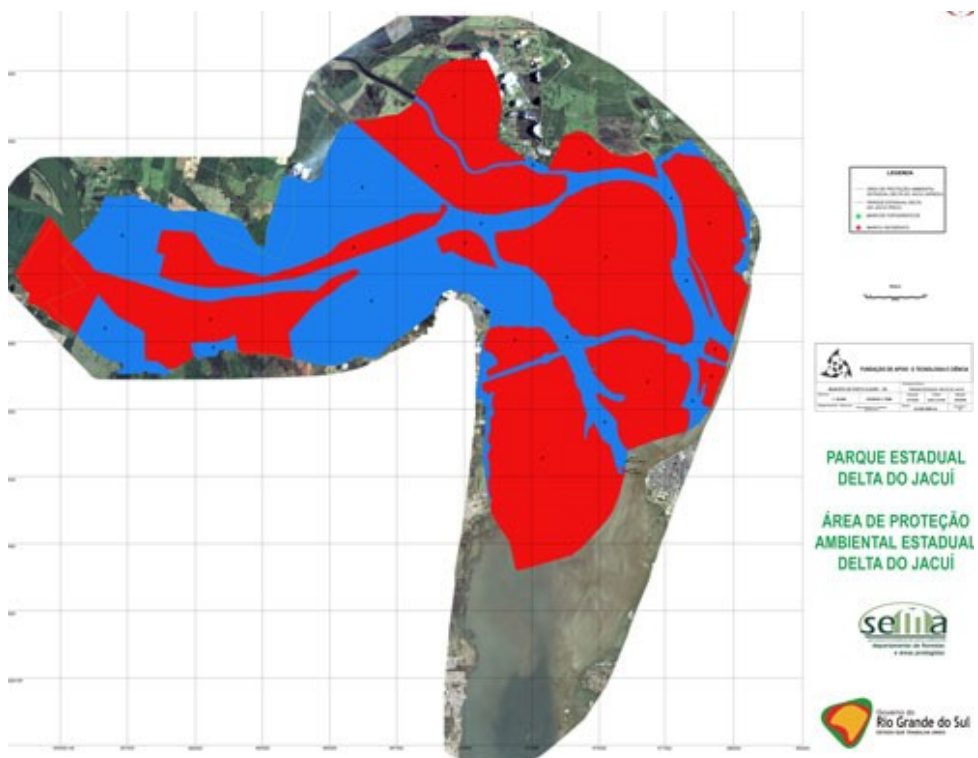


Figura 2: A marcação em vermelho indica a área do Parque Estadual do Delta do Jacuí. Em azul, as novas demarcações da Área de Preservação Ambiental. (Figura cedida pela secretaria Estadual do Meio Ambiente)



Mas a história dessa área começa bem antes da fundação do Parque, a ocupação das ilhas ocorre juntamente com a urbanização do centro de Porto Alegre, em 1773 já havia registro de concessões de terras nesses locais. (GOMES et al 1995, p.44). As ilhas, em especial a da Pintada, tiveram, como alguns dos seus primeiros povoadores, pessoas excluídas dos grandes latifúndios, os quais foram doados pela coroa portuguesa no Brasil no século XVIII. Entre essas pessoas, que não possuíam terras, estavam lavradores, pobres, índios, desertores do exército e negros. (ibid, p.25)

Há fortes indícios de formações de quilombos na região do Delta, acredita-se que eram grupos pequenos disseminados nas ilhas em especial na Ilha das Flores (GOMES et al 1995, p.25-26). Os vestígios dessas ocupações foram destruídos, mas restaram alguns indícios como os nomes dos acidentes geográficos. Como o canal Maria Conga, e a atual Ilha das Flores que já se chamou Maria Monjolla (nação africana), e também Ilha do Quilombo. Já o nome Saco do Quilombo permanece em uma determinada formação de bacia. Esses locais serviam de refúgio para escravos e outras pessoas perseguidas. (ibid.26)

Essa área sempre ofereceu dificuldades para aqueles que se aventuravam a se estabelecer por lá, a principal delas consistia nos alagamentos sazonais.

Até meados do século XIX, a produção nas Ilhas era de subsistência. Depois a cidade passa a exigir uma gama de produtos para o seu abastecimento. A partir de então, se intensificam não só os contatos comerciais, mas também a troca de experiências e vivências (GOMES et al 1995, p.56)

As principais atividades eram a pesca (desde 1750), a produção de leite e também o cultivo do arroz, de hortaliças e a produção do pasto. Porém, essas atividades entraram em declínio nas décadas de 1950 e 1960 . Algumas dificuldades, como as cheias, o transporte, a construção do Muro da Mauá, contribuíram para esse fato. Então Porto Alegre passa a suprir sua demanda de produtos alimentícios em outras fontes as quais possuíam mais recursos. Já a pesca, foi, possivelmente, a primeira atividade realizada no Delta, mas tal atividade também entra em declínio. Alguns dos fatores que contribuíram para isso, segundo Porto Alegre (1979), foram: o aumento do número de pescadores, a redução sensível da psicosidade do rio, a pesca predatória e a concorrência do pescado de Rio Grande.

Mesmo com o declínio econômico do Delta, algumas ilhas tiveram grande aumento da população, especialmente aquelas que oferecem acesso rodoviário. Tais populações provêm do interior do estado e também de áreas de favelas de Porto Alegre. Muitas dessas pessoas ocuparam locais que não oferecem condições mínimas de moradia.

## 4.2. Ilha da Pintada

A Ilha da Pintada é uma das trinta ilhas que integram a Área de Preservação Ambiental Delta do Jacuí, sendo a parte não habitada considerada Parque. Ela está localizada em frente ao centro da cidade de Porto Alegre. Sua localização em relação à cidade, o fato de estar junto à via de maior trânsito fluvial (rio Jacuí) contribuíram para que logo se constituísse um povoado, tendo hoje em torno de oito mil habitantes.



*Figura 3:* Foto aérea da Ilha da pintada (Figura cedida pela secretaria Estadual do Meio Ambiente)

Para Gomes et al (1995, p.93) “a ligação dos moradores das ilhas com os rios é tão profunda que aqui podemos falar de uma verdadeira cultura das águas”.

A importância e a necessidade de barcos fizeram surgir uma mão de obra naval qualificada, (GOMES et al 1995, p.56) e também os estaleiros desempenharam importante papel nas atividades econômicas da Ilha. Primeiramente, o Estaleiro Mabilde (Também já chamado Estaleiro Só, e hoje Armando Rocha) instalou-se na Ilha em fins do século XIX, atraindo outros moradores para lá. Atualmente, o estaleiro está na Ilha, porém somente com atividades de reparo às embarcações e

pequenas fabricações. Em tempos áureos chegou a empregar quinhentos trabalhadores, hoje resumem-se a aproximadamente 50.

Tendo como base a mão-de-obra familiar, a pesca foi durante muito tempo a principal atividade dos moradores da Ilha da Pintada. Em 1919 foram fundadas as primeiras colônias de pescadores no Brasil, até 1923 já havia 800 colônias na costa brasileira (GARCEZ 2001). Acompanhando esse processo, em 1921 foi instalada na Ilha a colônia pesqueira Z-9, atual Z-5, com o objetivo de fiscalizar e proteger as atividades pesqueiras. Já em 1999 foi fundada a Coopeixe – cooperativa dos pescadores da Ilha da Pintada- que faz o controle de todo peixe pescado na região.

É possível conhecer o Parque e a Ilha da Pintada através dos passeios de barcos oferecidos regularmente na Usina do Gasômetro e no Cais do Porto. A infra-estrutura no cais ainda não é a ideal, mas o passeio é bastante interessante, principalmente se incluir a parada para o almoço na Ilha da Pintada. A colônia Z-5 oferece todos os domingos, em sua sede, um almoço com pratos típicos, como o peixe na taquara e o bolinho de peixe, além de pratos variados. O passeio é agradável e surpreendente, pois revela as paisagens do Parque e também a vista da cidade de Porto Alegre sob um ângulo singular.

Quando, no final da década de 1970, foi estruturado o Grupo de Planejamento do Parque Estadual Delta do Jacuí, que ficou encarregado de fazer o Plano Básico do Parque, a Ilha da Pintada recebeu especial atenção, já que ela possuía a população mais densa da área do Parque. Esse grupo via na Ilha um potencial para o lazer e turismo, como é possível perceber no trecho abaixo:

Evidentemente, a Ilha da Pintada, por si só, não se constitui em motivo de maior atração. Mas, na medida em que estiver melhor estruturado seu ambiente urbano, integrado ao Parque e fazendo parte de um roteiro turístico maior, ela, sem dúvida, terá boas possibilidades neste setor. (PORTO ALEGRE, 1979, p.73)

Tal publicação propunha, também, a existência de uma zona comercial na Ilha, não só para satisfazer as necessidades locais, mas acreditando na possibilidade de um comércio turístico.

A partir da década de 70 começaram as construções de diversas casas de veraneio e de fim de semana, nas áreas costeiras da Ilha da Pintada e, em especial, no seu entorno (município de Eldorado do Sul), Ilha das Flores e Ilha Grande dos Marinheiros. São casas luxuosas as quais, a grande maioria, conta com rampa para lanchas a motor, jet ski, quiosques com churrasqueiras, áreas extensas de lazer, como locais para festas e quadras esportivas.

Percebe-se, então, que de alguma forma o potencial turístico da área já estava sendo destacado desde o primeiro plano realizado para o local, e hoje está evidentemente confirmado através dessas casas e dos passeios organizados.

A mudança na lei, relativa às questões ambientais, provavelmente pintará um novo cenário nas Ilhas, já que permite novas construções e também a exploração comercial de empreendimentos. Esses investimentos devem antes ser aprovados pela comissão da APA. De toda forma, a tendência é de que as construções aumentem na APA, já que agora é possível obter título de propriedade nessas áreas, benefício anteriormente apenas usufruído por uma minoria.

Além disso, a gestão municipal anterior, através da Porto Alegre Turismo, tinha o desenvolvimento do turismo na Ilha da Pintada como um de seus projetos prioritários. Acreditava que o turismo poderia ser uma alternativa de emprego e renda para o local que sofre com o declínio sócio-econômico.

### **4.3. Declínio da Pesca Artesanal**

A pesca na Ilha da Pintada entra em declínio na segunda metade do século XX. Esse não é um fato isolado, as comunidades pesqueiras pelo Brasil afora passaram por essa transformação, causada por diversos fatores decorrentes da modernização.

Mello (1985, p.5) estudou a pesca no estado do Pará, e identificou, junto ao declínio da atividade pesqueira artesanal, um processo que denominou de proletarização do pescador. O autor define esse processo como sendo a transformação do pescador artesanal (organizado em pequenos grupos) em trabalhadores assalariados nas indústrias pesqueiras. Mello acredita que esse processo tem o apoio das indústrias interessadas e também do Estado que estimula as políticas de investimentos de capital no setor (ibid, p.7).

Outros exemplos de declínio da pesca artesanal podem ser encontrados nos estudos de Lago (1983) e Flores e Silva (2001), abordam o fenômeno em Florianópolis/SC.

A mão de obra dos pescadores da Ilha da Pintada pouco foi absorvida por indústrias pesqueiras, já que elas são majoritariamente estabelecidas na região sul do estado do Rio Grande do Sul (cidade de Rio Grande). Porém, importante ressaltar a existência de uma empresa de corte de filés de peixe dentro da Ilha. Essa empresa trabalha com o pescado originário de Rio Grande, mas aproveita a mão de obra qualificada da Ilha.

De fato, a industrialização da pesca afetou os pescadores da Ilha da Pintada, por seu poder e suas condições de pesca vantajadas além da conservação e distribuição. A entrada do peixe de mar também acabou tendo mais espaço no mercado, tanto que hoje, nas peixarias do Mercado Público Municipal, a grande maioria dos peixes é de água salgada.

Outros problemas também marcam o declínio da pesca nas Ilhas, como baixa piscosidade, novas tecnologias, outras opções de transporte e novas fontes mais abundantes. A baixa piscosidade ocorre basicamente pela poluição das águas, Garcez (2001) destaca como principais problemas ambientais nas regiões urbanas: poluição das águas, principalmente por despejo de esgoto doméstico “in natura”, rejeitos industriais e escoamento de defensivos agrícolas. Não esquecendo também que por se tratar de um Delta, há o encontro de vários rios que trazem a poluição de sua origem.

Muitos moradores da Ilha ainda se dedicam à pesca enquanto outros buscam trabalho em especial no setor de serviços na cidade, ou até mesmo na Ilha. Segundo relatório realizado por Garcez (2001), existem no Rio Grande do Sul, 12.000 pescadores artesanais. Já na região compreendida por Rio Jacuí, afluentes e Lago Guaíba existem 800 pescadores profissionais artesanais e 405 pescadores artesanais sem documentação.

Entre os principais problemas levantados por Garcez (2001) estão: dificuldades para a comercialização, baixos preços pagos ao produtor, falta ou baixa qualificação da mão de obra e descapitalização dos pescadores, na medida em que não possuem capital para investimento na melhoria ou manutenção de seus materiais de pesca.

## **5.CONHECENDO O LOCAL: A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE CAMPO**

### **5.1.O olhar do pesquisador**

Em abril de 2005, após qualificação deste trabalho, passa-se a ir à Ilha da Pintada, de uma a duas vezes por mês até dezembro, já os meses de janeiro e fevereiro foram os meses de maior frequência de idas a Ilha.

A primeira aproximação foi retornar ao restaurante da Colônia de Pescadores da Z-5, o que acabou sendo uma péssima experiência gastronômica, o peixe na taquara servido estava com gosto estranho algo que lembrava sabor de barro. Esse fato foi desestimulante, mas mais tarde um dos informantes explicou que o peixe em época de baixa do rio, devido ao tipo de alimentação, ficava com esse gosto de terra e ele próprio detestava e também achava graça quando ele vendia o peixe e as pessoas diziam “ai que delícia!”. Depois disso ele recomendou qual o tipo de peixe que não sofria essa alteração de gosto, mesmo em época de seca.

Todos os domingos observados o restaurante contava com bastante clientela. Diminuindo um pouco em janeiro e fevereiro devido à ida das pessoas para a praia, conforme explicou outro entrevistado.

O serviço é simples, constituindo-se de buffet de comida caseira, saladas e pirão; o peixe na taquara e o bolinho de peixe são servidos às mesas. Os peixes servidos são de água doce (como a Piava) e salgada (como a Anchova). O atendimento é bastante simples e informal, e, se comparado aos restaurantes do centro da cidade, não muito ágil.

As idas à Ilha da Pintada, com raríssimas exceções, eram feitas de transporte coletivo. Primeiro, chegar ao Mercado Público Municipal, depois, ir até à Praça Parobé, para então pegar a linha 178 – Ilha da Pintada.

O percurso até a Ilha, especialmente pela Br 116, revela a realidade de grande parte das ilhas habitadas do Delta; o lixo. Muitas famílias se estabeleceram nos banhados ao longo da rodovia. O barraco, que serve de moradia, mistura-se ao lixo, aos animais (cavalos, galinhas e cachorros), às crianças. As carroças no pátio denunciam a atividade dessas famílias, são, em sua grande maioria catadores de lixo, que devido à relativa proximidade do centro, se estabeleceram ali.

Antes de ter acesso à Ilha da Pintada, passa-se pelo município de Eldorado do Sul, onde, na primeira parte, seguem os barracos, depois casas, e depois, do lado da margem do rio, um outro estilo presente nas Ilhas, o luxo, os muros contínuos das casas (mansões) de segunda residência.

Interessante contar que, ao passar de carro por essas casas, só é possível avistar os muros, mas ao passar de ônibus, por ser um veículo mais alto, é que se revelam as instalações de moradia e de lazer: quiosques com churrasqueiras, quadras de tênis, piscina, jardins, varandas envidraçadas. É também possível notar a estrutura de segurança, as câmeras, as cercas elétricas e os próprios seguranças. As frentes dessas casas geralmente estão voltadas para o rio, de onde é possível avistá-las sem muros. A experiência de andar de barco no Delta do Jacuí foi vivida diversas vezes, nos passeios turísticos de barco (onde inclusive as casas são mostradas como um atrativo), e também em barco de pescador.

Atravessando uma ponte de concreto de extensão curta, entra-se na Ilha da Pintada. Essa ponte está sobre o arroio da Pintada, que divide o território da Ilha e de Eldorado do Sul. Nem sempre foi assim; antes de Eldorado do Sul emancipar-se, aquela parte também era conhecida como parte do território da Ilha da Pintada, e mesmo não sendo uma Ilha, era chamada Picada Norte. No início da Ilha da Pintada, algumas casas de segunda residência também foram construídas, dando a impressão de uma continuidade do território anterior, mas a paisagem logo se modifica para o que parece ser uma cidade do interior, com algumas peculiaridades, especialmente próximo ao rio.

A Ilha da Pintada é um local bastante tranquilo. É possível observar homens conversando na frente da Colônia Z-5, que é um ponto de encontro da comunidade, não só de pescadores. É no salão da Colônia que, acontecem os eventos da comunidade, casamentos, bailes, e também é onde o pescador vai comprar material de pesca e combustível. A colônia é o intermediário dos produtos. Há presença de crianças, de bicicletas na rua, remete ao cenário de uma cidade interiorana. Já na Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, há muitas casas, e, em frente, diversos trapiches de madeira ou simplesmente os pequenos barcos de pesca amarrados.



Figura 4: Detalhes da entrada da Colônia Z-5.



Figura 5: Mural da Colônia Z-5 Anúncios de venda de barcos, informações sobre atividades da sede.





*Figura 6:* Barco de pescador.

A margem do rio é local constante de encontro para momentos de lazer, conversar com os vizinhos, sentar-se à sombra das taquareiras, como também é de trabalho, os homens arrumam as redes de pesca, e as pequenas rampas formam pequenos estaleiros para consertos e pintura das embarcações.

Em doze de outubro, aconteceu a Romaria das Águas, a saída das embarcações foi ao lado do Estaleiro. No caminho, já se avistavam pessoas vestidas com roupas da religião afro-brasileira, nas cores branca, azul e amarela. Mais tarde, durante a romaria, soube-se que cada um vestia a cor correspondente ao seu Pai ou Mãe de Santo. Ao convite de uma das senhoras presentes é que foi possível participar da Romaria.

Já em dois de fevereiro aconteceu novamente a romaria, dessa vez celebrando Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá. Como o contato já havia sido estabelecido da primeira vez, nessa romaria participou-se como convidada.



*Figura 7: Concentração dos fiéis antes da Romaria das Águas. Roupas características da religião Afro-brasileira.*



*Figura 8: Romaria das Águas, lanchas e barcos de pescadores seguem a imagem da Santa.*

Os dois eventos são marcados pelo sincretismo religioso, estavam presentes líderes religiosos da Igreja Católica, Padre, Irmão da Igreja da Libertação e da religião Afro-Brasileira, mãe de santo e

os demais participantes. Todos se reúnem, cantam as músicas de suas respectivas crenças alternadamente e os líderes fazem discursos.

As pessoas se reúnem nas embarcações e o trajeto é acompanhado de orações e cantos. As imagens das santas dividem espaço no barco, Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes.

O Irmão presente afirma que a romaria por terra é apenas religiosa e a romaria das águas é religiosa e cultural porque celebra a integração das diferentes etnias e religiões. Participaram da segunda romaria alguns índios Charruas representando as etnias indígenas.

Ao retornar à Ilha, depois da primeira romaria, um aroma de peixe frito sai de uma das casas da margem; na varanda, está a família se preparando para o almoço ao som de música *funk* em alto volume.

Depois do sincretismo religioso, a convivência do peixe, comida tradicional dos ilhéus, com a música *funk*, das favelas do Rio de Janeiro, resta apenas relembrar como o hibridismo cultural privilegia a dinâmica da cultura.

## **5.2. Sobre os informantes<sup>7</sup>**

Ao começar o trabalho de campo com as visitas à Ilha da Pintada, já observando e absorvendo o ambiente, o fluxo de pessoas, de sons, de bichos, formulam-se, reformulam-se as impressões do local. É na realidade um retorno, já que se retoma aqui um trabalho anterior, no caso, a monografia de graduação (MAIO 2003). Ao preparar-se para essa experiência em campo, já sabida ser mais que uma pesquisa, mas uma experiência também pessoal, foi necessário abrir os sentidos da melhor forma para tentar “impregnar-se” do local.

Uma das dificuldades constituiu-se em encontrar os informantes. Muitas foram as idas e vindas à Ilha sem contatar ninguém, apenas sentar na praça ou no trapiche da Z-5 e observar e tentar encontrar a “entrada” para a comunidade.

Foi então que se decidiu retomar os contatos do já referido trabalho, mas, como tudo, a dinâmica do tempo já havia mudado algumas coisas. Um dos meus entrevistados havia se mudado e

---

<sup>7</sup> Os nomes dos informantes foram trocados por razão de sigilo, apenas Dona Terezinha solicitou que seu nome fosse mantido no trabalho.

indicou um amigo. Este, agora era o novo responsável por dar continuidade ao projeto da Radio Comunitária na Ilha da Pintada. Foi assim que cheguei à casa de Leandro, e onde também conheci Lea, sua esposa, cozinheira do restaurante da Z-5 e artesã cheia de habilidades, como o crochê, as bijuterias em escama de peixe e as redes. Essas visitas, conversas e entrevistas gravadas levaram ao encontro de alguns de seus filhos, dos quais dois também trabalham no restaurante da Z-5 e acabaram entrando em uma das entrevistas, o que deu a oportunidade de ouvir estes dois jovens residentes da Ilha, Dudu e José.

Além disso, Lea indicou Dona Terezinha para esclarecer tudo sobre o artesanato em escama de peixe. Moradora da Ilha há quase vinte anos e coordenadora do grupo de artesanato “Art Escama”. Nesta altura, percebe-se o efeito bola-de-neve que surpreendentemente tornou o trabalho mais prazeroso e bem menos assustador do que parecia.

Outra forma pensada para encontrar informantes, era contatar pessoas com alguma liderança na comunidade. Isso nos levou a procurar o Sr. Adir, com forte ligação com a Colônia Z-5, desde antes percebida como um centro de integração da comunidade. O Sr. Adir, devido às diversas funções administrativas que exerce, diz estar se sentindo “um lambari fora d’água”, já que faz mais de seis meses que não sai para pescar.

Esse encontro resultou no conhecimento de outro informante, este, de fato, muito especial, dado que o Sr. Antônio tem 85 anos, e ainda está na atividade pesqueira, sendo assim um dos mais, senão o mais antigo pescador na ativa da Ilha. Por isso é ele quem traz algumas das lembranças mais remotas da Ilha da Pintada.

A ida a duas romarias (Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá) teve como um dos frutos o contato com uma liderança negra da Ilha, Dani, fortemente ligada à religião afro-brasileira. Ela afirma que “ser mulher já é difícil, e ainda ser pobre e negra...”. Dani traz um olhar da “ilha de baixo”.

Na Romaria também tive a oportunidade de conhecer o Sr. Ademir, assador de peixe na taquara, um ser humano sensível, com seus sessenta anos de idade, todos vividos na Ilha da Pintada, misturando a atividade agrícola, leiteira e de pesca. Afirma que nessa vida “só não aprendeu a roubar”, em função da diversidade do seu trabalho e dos seus meios de sobrevivência. Na sala de sua casa pude conhecer sua esposa, Dona Delma.

Retomando também um contato do trabalho anterior, volto a falar como Sr. Adão, antigo pescador da Ilha e quem me levou para um passeio inesquecível pelas ilhas do Delta, compartilhando seu conhecimento daqueles lugares, daquela fauna e flora.

Neste ano de idas e vindas à Ilha, muitos outros informantes surgiram, mas não se pode falar de suas histórias, nem saber seus nomes, porque foram conversas na espera do ônibus no Mercado Público ou em alguma das paradas na Ilha. Ou um “bate-papo” durante as romarias, ou no restaurante, entre outros encontros.

Essas pessoas foram dando, aos poucos, com suas histórias de vida, com suas percepções de mudança, de vida e com a disposição em responder perguntas, olhares sobre o turismo na Ilha da Pintada. Desde já, afirma-se, esse olhar, não é homogêneo, e sua diversidade é que o torna rico e quem sabe mais perto da realidade.

### **5.3. As transformações do tempo: urbanização, trabalho e relações na comunidade**

Em todas as entrevistas busca-se abordar a história de vida dos informantes, as narrativas contam um pouco sobre as experiências individuais dessas pessoas, como também revelam o cotidiano da Ilha da Pintada de alguns anos até a atualidade.

Muitas lembranças remetem a uma Ilha com poucos moradores e infra-estrutura urbana precária. O Sr. Antônio, o informante de mais idade, lembra da grande enchente de 1941:

A enchente foi em 1941. A de 1935 varreu toda ilha, depois veio a de 41, arrasou tudo. Aí ele mandou aterrar. (...) foi um dilúvio. Morreu bicho, o gado morreu todo por cima da ponte ali. A casa foi embora com tudo, a que eu morava também perdi tudo. Só ficou a metade da casa, o resto foi tudo embora. Choveu 41 dias, sem parar. As vezes parava um pouquinho mas nunca parou de chover. A água foi enchendo, foi enchendo e foi, e foi e nós tivemos que sair de casa. (...) Eles queriam tirar o pescador, o pessoal daqui, mas não tinha 500 casa, não tinha. Vieram dessas ilha. Não tinha nem casa, dizem que as dos primeiros moradores daqui era de capim. (Entrevista concedida em 06/02/2006)

O Sr. Ademir lembra da falta de energia elétrica e água potável e compara com os dias de hoje:

Naquela época em muitas ruas aqui não tinha luz nem água. Tinha só uma caixa d'água ali que puxava do rio, não tinha tratamento. Tinha os canos para as casas, mas tratamento não tinha. E nem precisava, porque a água era limpa. Hoje com um

monte de tratamento, às vezes não dá pra tomar água da torneira. (Entrevista concedida em 19/02/2006)

A vinda da água potável para a Ilha é lembrada por outros moradores, como Dani, que também fala da falta de qualidade da água do rio nos dias de hoje:

Não existia água potável, não tinha. Se colhia água do rio. A água para beber era colhida à noite, colocada nas talhas de barro e nas tulhas de madeira, não existia esse plástico, esse plástico foi de um tempo pra cá. E era muito bom, não tinha gosto nenhum. Tanto que eu tô aqui, eu não, todo mundo! E hoje, o que tu vê? Dependendo da pessoa, não dá nem pra encostar o pé neste rio que tá aí. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

Dani também descreve como era a área em que ela mora, hoje já totalmente habitada:

Aí assim, essa Ilha não tinha nada, areião de lá de cima até aqui em baixo... Aqui era um aterro cheio de mato dos dois lados. As pessoas passavam por aqui para cortar caminho, sabe as chamadas picadinhas? Mas era muito carrapicho... Era tudo por lá, não tinha ônibus, era só lancha de uma em uma hora. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

Lea, hoje com mais de quarenta anos, lembra do passado quando ainda era criança:

Dá saudade, era bem melhor, não tenho nem dúvida. Essa estrada também não tinha, era só um bequinho que tinha, aí quando tinha enchente que a gente não pegava lancha, porque naquele tempo era lancha. Aí quando a gente não pegava a lancha, a gente pra não se molhar ia por trás da Rádio Guaíba pro colégio. Senão a gente ia com água até aqui, até os peito. A gente levava roupa e daí trocava lá... mas era bom. Eu preferia aquele tempo do que agora. Aqui na frente, não tinha esse asfalto nós botava rede, pra pega peixe. (Entrevista concedida em 21/02/2006)

O Sr. Antonio conta algumas mudanças nos transportes e na infra-estrutura da Ilha da Pintada:

Não tinha nada aí, mesmo com o aterro, pra cá pra cidade tinha que cair de barco. Tinha lancha de passageiro, tiraram agora. Todos dia, ia de uma ou duas horas, que nem ônibus. Aí depois, os ônibus faz pouco tempo, uns quarenta anos, mais ou menos. Não sei se é mais. Depois do aterro e depois a ponte aquela ali. A ponte era de madeira ali, carro pesado não dava. Agora depois que fizeram ali, aí é que veio o ônibus pra cá. Quando veio a água aqui pra ilha, a água não era tratada. A água era só puxada do rio pra caixa d'água que tem ali, todo mundo não pagava a água. (...)Agora tem tudo aí, tem mercado, antes só tinha umas venda. Agora tem tudo que tem no centro. Isso melhorou...(Entrevista concedida em 06/02/2006)

O mundo do trabalho também mudou muito na opinião de alguns moradores. Os mais antigos lembram a venda de produtos direto ao consumidor no centro, outros remetem-se às profissões ligadas ao Estaleiro Mabilde, empresa importante na época.

Dani conta a história de seu pai:

E o me pai era foguista, uma profissão que nem existe mais. É aquele cara que alimentava a máquina para ela fazer tuc tuti tuc tututi tuc tuti. Meu pai era aquele

cara que cuidava a caldeira lá, para não explodir, porque se tu bota demais e o fogo é muito, explode o barco. Era uma profissão rendosíssima naquela época. Então com isso, o meu pai veio trabalhar no chamado estaleiro Mabilde, na época do Mabilde. Assim como os demais, que tu vê naquelas casas ali, eles vieram pra isso. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

Já o Sr. Adão, pescador com 60 anos, fala da transmissão deste trabalho e conhecimento através das gerações: “Meu pai sempre pescou. Meu filho também sabe. E os filhos que não trabalham no barco também trabalham com peixe. Com firma. Todos eles no mesmo ramo” (Entrevista concedida em 10/02/2006).



*Figura 9:* Barcos de pescadores às margens do Riacho da Pintada.

O Sr. Ademir conta sua experiência nos diferentes tipos de trabalho por volta de quarenta anos atrás, e como a industrialização afetou estes processos:

Então nós criava gado pra leite, pescava, criava, plantava, a gente praticamente tinha tudo, né? Armazém aqui na Ilha tinha dois era um aqui no início e outro lá no final.

Nós levava pra vender o leite no Gasômetro. Aquela rua ali, tu conhece a Sarmiento Leite? A gente fazia toda ela, carregando os tarros de leite na mão e entregando de casa em casa. Entregava direto para o consumidor. Todo dia batendo nas porta, toc toc, leiteiro! Parou depois de 1963, aí nós tiramos o gado pra fora, aí já começou entrar as lancha que puxava o leite pra Corlac. Aí começamos a vender o leite pra

Corlac. Saía mais barato, mas pelo menos, chegava no fim do mês, tinha um dinheiro junto, né? E aquela freguesia de casa em casa, as vezes não pagava certo, ficava sempre complicado. Eu ainda tenho gado, agora tem campo sobrando. Porque onde tinha na época, vamos dizer, tinha 5 criador de gado, desses 5 não tem mais nenhum. Só tem eu. Com nove cabeça de gado, onde dava pra botar umas 90, 100. Tem campo sobrando... (Entrevista concedida em 19/02/2006)

Nos dias de hoje, Sr. Ademir é assador de peixe na taquara, e pescador, trabalhou também no restaurante na Colônia Z-5 por quatro anos.

O Sr. Antônio, o informante de idade mais avançada, lembra dos tempos de criança quando já acompanhava o pai para vender peixe no centro da cidade:

Eu ia até o mercado, vendia peixe. Com 8, 9 anos eu ia no mercado. Naquele tempo era as banquinhas de pedra ali. Tu não conheceu...Era da prefeitura e nós pagava um real, um mil reis, pagava pro pessoal e tinha direito a vender ali. Aí, o vendedor de peixe ali, quando não tava interessando vender aos pouquinhos né? Aí, eles davam um preço bom, eles queriam a banca e nós vendia pra ele, daí eles pagavam a banca. O leite era tirado aqui dos tambo ali e levavam tudo pro mercado. Tem dias que dava um temporal e eles não podiam levar, eles vinham pela costa de caíque pequeno, um barquinho, menor que esse meu, se fosse esse meu passava. A remo, eles vinham e vendiam mais barato aí na costa. (Entrevista concedida 06/02/2006)

O Sr. Adão conta algumas mudanças que afetaram as atividades de sobrevivência dos ilhéus, já nos anos de 1980:

Pra nós mudou muito também depois dos anos 80. Nós tínhamos uma vida completamente diferente. Nós abastecia Porto Alegre. Porto Alegre era abastecido de verdura e fruta das ilhas, entende? O leite, que nós dizia, o suco da vaca, abastecia Porto Alegre. A carne, era sacrificada aqui, abastecia Porto Alegre. Então, tudo isso mudou. O comércio por exemplo, pra aquele ilhéu que vivia naquela rotina de depender de Porto Alegre, terminou. Então, a gente custou a se acertar, mas agora já tudo sob controle. Um arrumou emprego aqui outro ali e tal. A pesca continua, a gente tem como vender. Que nós pescava e vendia direto ao consumidor. E aí a gente sentiu quando esse direito foi tirado. Uma grande mudança.....Teve muitos pescador que abandonou, e aí entristeceu a pesca(...) Terminou a entrega de leite também, terminou os tambo de leite. Tem alguns criadores que vendem o leite aqui na Ilha mesmo. Mas ... minoria. A maioria aqui era pescador e criador de gado. E aí as outras ilhas lá era plantação. Tinha ilhas que plantavam a ilha toda, era a coisa mais linda! Tudo isso terminou. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

As mudanças na pesca são comentadas não só pelos informantes que são pescadores. O declínio da pesca marca as entrevistas de todos os informantes, mas são os pescadores que relatam estes fatos pautados pela sua experiência:

P - Qual a diferença de ser pescador ontem e hoje?

R - Falta de peixe, a grande quantia de pescador que apareceu na época. Hoje, a gente vê pescador de tudo que é jeito que antes nós não via. Era profissional e deu, agora não. Agora tem gente grande aí na pesca. Tudo isso aí termina o peixe mais rápido. As indústrias de pesca também. Então, eu creio que a pesca, daqui uns dois



anos, já vai se procurar um peixe aí pra comer e vai ser difícil. Ta indo muito rápido...(Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006)

O Sr. Antonio também faz suas considerações sobre a pesca no passado e nos dias de hoje:

(...) a pescaria piorou. Muita gente a pescar e é uma esculhambação. Ninguém respeita ninguém. Só falta chegar e tirar o peixe de dentro do barco. Essa gurizada nova aí é brabo...O peixe também ta mais escasso. Não é como antigamente eu ia até lá em cima, 2, 3 dias eu tava com o barco cheio. Eu ia até Rio Pardo, Rio Taquari, rio acima. Pra baixo, pra lagoa também eu ia. Eu trabalhava a remo, não tinha motor. Agora, não. Se fosse a remo agora como era antigamente, não tinha a metade de pescador. Agora deram motor pra todo mundo aí...Gente que ...por pouco falta só os morto querer pescar também. (Entrevista concedida em 06/02/2006)

Com o declínio da pesca, e o término da venda direto ao consumidor, o pescador da Ilha da Pintada teve que se readaptar ao mercado, alguns passaram a ser assalariados, mantendo a pesca como atividade paralela, outros encontraram outras formas de vender seu pescado. O Sr. Adão conta sua experiência: “Agora vende pras firma de pescado. Hoje mesmo a gente entregou quase 200 Kg de peixe, pra uma firma. Rende menos mas sei lá... é uma solução, resolveu” (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Também o Sr. Antonio: “faz uns 20 anos que não levo peixe lá. Terminou tudo, a venda de peixe na praia ali...terminou tudo. Eu vendo aqui. Meu sobrinho vem aí e eu vendo. Vai para Alvorada” (Entrevista concedida 06/02/2006).



Figura 10: Placa fixada em frente à casa de um pescador.

O Sr. Adir, ligado a Colônia de Pescadores, fala sobre as políticas governamentais de pesca, acreditando que elas vão contra o que o pescador quer e precisa:

Só que o pescador não quer essa que o governo ta fazendo, fazer um buraco nos fundos de casa e criar peixe. Ele quer é sentir, ele quer é passar trabalho. Ele quer chegar num dia e dizer: “vou vender tudo, não dá mais”. E no outro dia ele tomando um chimarrão ou uma até uma cachaça que é normal até, eu não tomo, mas eu sei que é a realidade, ele fica pensando “eu não vou vender, eu vou tentar de novo”. Então ele vira a cabeça pra lá e ele quer e vai tentar de novo. E essa é a realidade do pescador. Ta no sangue. É a vida dele aquilo ali. Se nós queremos, se pegar 10Kg, 200Kg ou 300Kg, nós estamos tentando porque é a realidade, é a realidade da família. Não é só o peixe, é toda uma estrutura, aquilo ali veio de raiz, então não tem como mudar. Não é o governo que vai dizer, “faz um buraco nos fundos de casa e vai criar peixe”. Vai ficar olhando? Tratando e olhando? Olhando pro peixe...(Entrevista concedida em 06/02/2006).

Como se percebe, as narrativas desses moradores trazem na memória um passado mais farto com relação à pesca. Também no depoimento de Dani é possível identificar lembrança de fartura em casa:

Se eu comparar hoje, a minha família, mudou muito... hoje eu sou uma miserável. Não eu, o povo. Porque na nossa casa, e na casa dos demais, ninguém comprava um

quilo de batata, imagina! Comprar um quilo de batata? Era ridículo! Era um saco de batata, uma saca de arroz, uma de feijão, fartura! Quando o dinheiro, segundo os entendidos, os economistas, não valia nada. Pois olha, eu acho que valia. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

O Sr. Ademir pondera as diferenças entre o passado e os dias atuais: “Agora é uma facilidade, né? Até, parece que antes a gente ganhava mais, ou rendia mais, eu não sei, mas sobrava. Mas tu não tinha a facilidade que tu tem hoje para comprar.” (Entrevista concedida em 19/02/2006).

A saudade de alguns elementos do passado mistura-se com o reconhecimento dos benefícios da atualidade. A maioria dos entrevistados demonstra em suas falas engajamento e/ou conhecimento político. Não necessariamente partidário, mas revelado na participação dessas pessoas em grupos, associações. Além disso, acredita-se que a luta da comunidade pela infra-estrutura urbana adequada na Ilha fez com que estas pessoas tivessem que se apropriar desse conhecimento para poder fazer frente ao poder público.

Dani conta um pouco dessa trajetória:

E a gente gritava por tudo. E aí começaram a explicar pra gente. Na verdade o OP (Orçamento Participativo) veio e foi explicado pelo Irmão, naquela época, pra gente. O Irmão já foi representante do prefeito aqui nas Ilhas. Ele muito fez por aqui. Ele que incentivou a questão das associações, do pessoal se reunir, se organizar. E aí a gente com todas essas deficiências, a gente começou a entender o OP...Bom aí a gente teve água, aí o nosso Posto de Saúde, que era assim que se chamava, agora é o PSF, né?, mudou. O nosso transporte também, fizemos comissões. Fomos aprendendo, aprendendo... apanhamos no início como tudo, mas a gente foi melhorando. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

As histórias desses moradores sempre são marcadas pelas enchentes na Ilha. Com os aterros feitos na Ilha da Pintada as enchentes não têm mais a mesma força, mas ainda hoje ocorrem.

P – Qual a relação das pessoas com o rio?

R - Tu quer ver a ligação? Como é que é a ligação? Tu quer ver como o pessoal se sente satisfeito é quando dá enchente. Quando dá enchente todo mundo guarda o que tem e pega um barquinho e sai por aí, aqui nesta estrada, que tapou o ano retrasado, tapou duas vezes aqui ou três, tu olhava daqui pra lá, era só barco, pra lá e pra cá. E o pessoal vibra com aquilo ali, então é a realidade do pescador, faz parte dele aquela água. (Sr. Adir, entrevista concedida em 06/02/2006)

A intimidade com o rio, não só para os pescadores, aparece também em mais de uma das entrevistas nos momentos de lazer. É comum durante o dia as pessoas sentarem nas sombras das taquaireiras às margens do rio, para conversarem, as crianças tomarem banho nos dias de calor. Na fala dos entrevistados apareceram também diversas referências aos acampamentos como forma de lazer de famílias ilhéus.

O Sr. Adão dá seu testemunho:

O lazer aqui da Ilha é acampamento, as pessoa fecha as casa e vai tirar uma temporada pescando. Assim ó, pesca pra comer. Agora mesmo, passou a temporada do lazer do pescador. São três meses impossibilitados de pescar, por causa do defeso. Que é a piracema, entende? A gente tem que deixar o peixe fazer o cruzamento. Tem logo as desovas. Então esses três meses, nós temos que tirar as redes d'água e ... Então é quando a gente tira pra acampar e ir pros mato. Faz uma barraquinha lá, e fica uma semana, quinze dias. Em grupo, às vezes quatro, cinco barco cheio de família – “vamo pra tal lugar?” “vamo!”. As ilhas são muito bonitas, aqui pra cima tem ilhas que tu chega, não dá vontade de sair. Aqueles arvoredo assim...nada melhor que se meter no meio do verde. Tu viu agora né? (Entrevista concedida em 10/02/2006)

Já o Sr. Ademir, hoje com sessenta anos, volta ao passado para falar do seu tempo de lazer, nesta narrativa ele comenta também sobre as mudanças no espaço da Ilha.

Até os 18 anos nós vivia só pro trabalho, não tinha lazer. O lazer aqui na ilha...Ah! Tinha cinema aqui! Então a gente vinha de lá da chácara, nós fazia aquele caminho todo de a pé ali. Nós vinha no cinema de noite, né? Eu me lembro, nós vinha entre três, três irmão, sabe? O pai dava 5 Real, na época era Cruzeiro, pra um, pra pagar as entrada, pagava um refri, que no tempo tinha um refrizinho pequeno, a Íris, tipo uma guaraná. Era assim, pagava as entrada, um refri pra cada um e tinha que levar o troco de volta, e o troco tinha que ta certinho, né? Se não o pau pegava... Naquela época era assim, tu vê, chegou a ter três cinemas na Ilha. Tinha quatro ou cinco campo de futebol, hoje não tem nenhum, não tem cinema, não tem mais nada. A televisão matou tudo. E a evolução também, né? Porque foi crescendo a população, foi tomando conta dos espaços, onde era campo de futebol hoje é casa de moradia. (Entrevista concedida em 19/02/2006)

Como visto no capítulo 4 deste trabalho, a História da Ilha da Pintada mostra a influência dos negros na formação desta comunidade. No olhar de Dani a presença negra na Ilha nem sempre foi bem aceita.

A Ilha da Pintada ainda é, só que melhorou bastante, uma comunidade extremamente racista. Até porque a população branca aqui é maior, hoje já tem mais negros, mas ainda não conseguimos encostar no quantitativo. Mas assim, negro não entrava no Z-5, começou com a entrada minha, do meu irmão e da minha irmã, né? Dançando as músicas do Michel Jackson, que naquela época era o grupo Jackson's Five, e nós usávamos black power bem grandão, calça justa, camisa larga, e nós sabíamos dançar. Nós dançávamos na rua, aí o pessoal começou a gostar e a nos levar pra lá. Aí a gente começou a ir, foi assim que se deu nossa entrada lá. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

Interessante notar como a influência de um grupo de música americano media as relações das pessoas e fazia com que aqueles que estavam excluídos passassem a poder freqüentar um local da comunidade por serem identificados a um fenômeno da música global.



Figura 11: Sede da Colônia de Pescadores Z-5. Homens pescando.

Dani conta também o caso de sua filha quando foi concorrer à rainha da comunidade pela Igreja:

E aí nós começamos todos felizes, para erguer uma igreja, fazer um salão, que aqui não tinha. Aí, “ó vamos fazer a eleição da rainha, mas por venda de votos”. E eu coloquei a minha filha, negrinha, claro. Deixa eu buscar uma foto dela pra ti ver. E causou polêmica isso. E ela foi a criança que mais vendeu voto. E a senhora que era meio quem coordenava essa questão religiosa, “mas como! Uma negra ser rainha da comunidade! Aonde já se viu uma coisa dessas!” Bom, faz 15 anos que fazem isso. E pra mim foi uma honra, a minha filha estar ali. (...) E pra minha mãe foi uma honra, porque a minha mãe nunca conseguiu entrar no Z-5 porque era negra. Já os filhos dela entraram, e a neta dela entra lá e deixa o marco de princesa. Tu não imagina como nós gritava e pulava lá. E eu dizia assim, quem construiu isso aqui, as presidências anteriores devem estar se revirando no caixão, pois revirem-se, é uma negra aqui e ela é a princesa. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

É nas falas de Dani também que aparecem as diferenças feitas pela comunidade entre as classes sociais. Essa diferença aparece em especial determinada pelos espaços que essas pessoas ocupam, como a Ilha de Baixo e a Ilha de Cima, que representam, respectivamente, a parte pobre e a parte rica, e os dois colégios que existem até hoje na Ilha.

Tem uma diferença entre lá e aqui, tem uma elite. A gente procurou sempre destruir isso aí. Teve uma época que se pegavam, tu ía daqui pra lá: pobre, não. Os daqui não podiam ir pra lá porque o colégio era dos rico. Além do racismo, ainda o pobre e o rico, várias coisas. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

A Ilha da Pintada passa a sofrer a partir da década de 1970, e em especial de 1980, um aumento significativo de sua população. Nas entrevistas aparecem em destaque dois motivos para isso. O primeiro deles, a facilidade de acesso com a construção da ponte de concreto armado, ligando a Ilha

da Pintada ao continente, no caso, hoje Eldorado do Sul (emancipado de Guaíba). O segundo, as conquistas de infra-estrutura urbana que acabaram por chamar a atenção de outras pessoas.

Em 1980, não tinha toda essa população aqui. Não faz muito tempo não, faz uns vinte anos. E aí outro boom que deu, assim da população vir pra cá, se deu muito com o próprio OP (Orçamento Participativo). Por isso que eu te digo, o crescimento faz com que as coisas mudem, elas começam a tomar outros caminhos. A Ilha começou a ficar mais valorizada porque isso aqui tu não podia nem respirar, lavar roupa clara era só de noite. Tudo da poeira, era muito pó, muito pó, era horrível. Já tinham algumas casas, mas não tanto. Isso aqui, exatamente onde nós estamos, eu morei aqui há vinte anos, aqui neste terreno. A minha casinha era bem na beradinha, porque aqui, tu colocava uma taquara ela entrava inteira aqui...banhado. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

Para Dani as conquistas da comunidade no Orçamento Participativo deram mais visibilidade para a Ilha da Pintada, o que atraiu outros moradores. Além disso, ela compara as condições do centro da cidade com as da Ilha:

E essas questões, a partir do momento que nós começamos a dar visibilidade, culpa nossa também, mas de uma certa forma era necessário dar visibilidade para que enxergassem que nós éramos uma comunidade que precisava também de toda aquela ajuda e todos os benefícios que a cinco minutos de nós tinham, e nós não. Não era possível! E isso foi chamando a atenção, e aí foi esse boom, e faz pouco tempo que parou, porque não tem mais lugar. (Entrevista concedida em 15/02/2006)

O Sr. Ademir fala do aumento da população e das relações próximas entre os moradores da Ilha:

P – Quando começou o aumento da população aqui na Ilha?

R - Depois da construção das ponte, aí começou a entrar ônibus, que não tinha, o acesso era só de barco, né? Aí tinha 4 ou 5 horário de barco. Vamos dizer assim, tinha 4 de manhã, 4 ou 5 de tarde. Aí tinha os horários de pique, no caso, né? A maior parte do pessoal trabalhava no mercado (Público), e depois meio dia retorno, e depois a tarde de novo. Aqui na Ilha todo mundo era, vamos dizer assim, vamos fazer uma hipótese, se tivesse 150 família aqui, 140, ou 145 era parente. O que tinha de estranho era minoria, muito pouco. Porque aí já casava primo com primo, e tio...Todo mundo era da família, se não fosse direto, bem perto, era afastado, mas não saía daqui. Era assim que funcionava a coisa. (...) Agora ta cheio, nem sei quanto anda, há uns dois anos era mais de 7.000, agora já deve estar em 8.000, porque criança é o que mais nasce, zona pobre é isso aí. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

Na fala de Lea aparece certo receio com relação ao aumento da população:

A ilha ta ficando super povoada, a gente tem até medo, porque ladrão aqui na ilha era só ladrão de galinha, assim mesmo, roubava na casa de um pra comer na casa do outro. Era assim que eles faziam. Agora já tem ladrão mesmo aqui. Então a gente tem medo que venha esse pessoal que a gente não conhece, porque a gente até tem ladrão, mas não tem assassino aqui dentro. Esse é o problema. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Nas entrevistas procura-se abordar também a relação desses moradores com o centro da cidade nos dias de hoje.

O Sr. Adão, pescador, durante um passeio no seu barco, disse, apontando para o centro da cidade “Ali é a selva de pedra, aqui o pulmão”. Ele fala de suas idas à cidade:

A gente vai seguido sim. Porque a gente tem que comprar muita coisa e tem que ir na cidade. Mas eu na cidade, me sinto sufocado. Até muito pouco eu vou de ônibus, eu já vou de barquinho. Que é pra vim de lá pra cá tirando a camisa e ficando a vontade, tiro o calçado, a gente acostumou assim muitos anos nesse esquema. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Já o Sr. Antonio diz fazer falta uma agência bancária na Ilha da Pintada e conta sua relação com o centro da cidade:

Só vou lá se eu tenho que renovar a senha pra receber. Minha gurria foi hoje... Só pra comprar alguma coisa que não tenha aqui...mas o resto tem tudo aqui. Tem remédio, tem farmácia, tem tudo. Se sou obrigado a ir eu vou mas, do contrário... Primeiro eu gostava, eu ia pra cidade, fazia compras, agora... Tem o supermercado que eu compro ali é mais barato...o cara é conhecido meu. (Entrevista concedida em 06/02/2006)



*Figura 12:* Vista do centro de Porto Alegre, e da Usina do Gasômetro (com a torre), saindo de barco da Ilha da Pintada.

O Sr. Adir considera que há uma relação de dependência com o centro da cidade, mas ao mesmo tempo a Ilha possui um estilo de vida diferenciado:

Nó dependemos de Porto Alegre, nós moramos em Porto Alegre, aqui é Porto Alegre. É poucos que tem o privilégio de morar em Porto Alegre e ter uma vista de

Porto Alegre. (...)Nós vivemos uma vida a parte, nós dependemos, nós vamos lá só pelo essencial. Do contrário nossa vida é completamente à parte. É uma vida completamente diferenciada deles lá. Não dá nem para comparar ... (Entrevista concedida em 06/02/2006)

Lea tem pouco mais de quarenta anos e cinco filhos adolescentes, ela fala sobre o centro da cidade: “Eu vou, não vou muito, mas vou. Meus guri sim, eles saem pra esses rodízio de pizza, né? Eles juntam uma turminha e vão. Eu costume mais é ficar aqui.” (Entrevista concedida em 21/02/2006).

O filho de Dona Lea, Dudu, de 19 anos, reclama sobre a falta de oportunidades de lazer para o jovem na Ilha da Pintada, ele fala sobre seu lazer e às idas ao centro da cidade:

A gente não vai mais no CTG, porque não tem mais. O que tiver a gente tá metido (sobre as festas de funk). Só a z-5 e a praça que tem. Fora isso só o centro. Nós vamos ali nas boates do centro mesmo. Pra voltar, o primeiro ônibus da manhã. Ou pega o Guaíba, desce lá e vem caminhando até a Ilha. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Com o declínio das atividades tradicionais e o aumento da população na Ilha, hoje muitas pessoas trabalham no centro da cidade. Dani explica esta situação:

P – Existem muitas pessoas que moram aqui e trabalham no centro?

R - Hoje a maioria. Com a queda dos estaleiros, sabe que o estaleiro, o Mabilde foi se terminando, passou pro Estaleiro Só, depois passou pro Sorenave... Isso foi gerando um desemprego, e outra coisa, com essa mudança, aquelas profissões atuantes deste mercado, hoje já não tem mais valor. Só tem valor em estaleiros que são muito poucos, estaleiros navais de conserto. O que aconteceu? As pessoas foram fazendo cursos, se profissionalizando, foram procurando outro campo de trabalho. Foram trocando suas profissões. E aí a geração que veio vindo já encontrou uma outra realidade, como eu digo pra eles, “vocês já encontraram tudo pronto, tem muita coisa pra fazer”. Tanto que encontraram tudo pronto, que existe curso profissionalizante na AAAPIP (Associação Amigos Artesãos e Pescadores da Ilha da Pintada), a própria Z-5 faz esse trabalho. Então as coisas mudaram e as pessoas tiveram que se adequar. E isso fez com que a maior parte da população que era concentrada em trabalhos aqui, hoje a realidade é outra, elas são obrigadas a ir... a gente tem um sentimento por essas empresas não estarem fortes, porque isso ajudava muito. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Enfim, seja a trabalho ou a lazer, ou para procurar serviços inexistentes na Ilha, o certo é que há um grande fluxo de ilhéus para o centro. Fato facilmente constatado nas idas e vindas em diferentes horários nos ônibus de transporte público sempre com grande movimento de pessoas. Os ônibus costumam ter frequência de, no máximo, vinte minutos.

Durante essas conversas, facilmente se nota o apego dessas pessoas a esse local. Os entrevistados, na sua maioria, valorizam a tranquilidade, a segurança, a natureza, as relações próximas com os outros moradores. O Sr. Adir fala de seu nascimento e de sua consideração pela Ilha da Pintada:



Eu nasci e me criei aqui na Ilha, tenho 58 anos feitos, nasci aqui mesmo. Naquele tempo que não tinha hospital era parteira mesmo. Não saía da Ilha, nascia aqui na Ilha. Na realidade quero ver se termino meus dias aqui, eu considero aqui uma terra santa. (Entrevistas 06/02/2006).

Dani ressalta nessa fala a questão dos cuidados ambientais e também das diferenças em termos de qualidade ambiental com o centro da cidade:

Nós temos que priorizar essa reliquia que nós temos na Ilha da Pintada, que é a fauna e a flora que nós temos aqui, animais silvestres, nós não podemos terminar, nós temos que cuidar. Só que tu faz reuniões, um faz, o outro já não faz...Conseguir fazer com que as pessoas “olha, derrubou, então planta...” árvore, flor, tudo... É as pessoas que migraram para cá também foi por esse motivo, ar. Porque se tu ir daqui pra lá, tu já deve ter notado, chega da ponte pra lá tu já sente a diferença do ar. Parece que existe uma parede, a gente sabe que não é, mas parece. Nada mais é que o oxigênio, que aqui ele consegue, não dá nem pra comparar com o centro da cidade, mil e uma indústrias na própria capital. (Entrevista concedida em 15/02/2006)



*Figura 13: Vista do Arroio da Pintada.*

Já o Sr. Antonio não vê razão para as limitações impostas pelas leis ambientais.

Agora isso aí, vou te dizer, se o governo cooperasse, eles não sabem e não conhecem. Uma ilha como essa aqui (referindo-se a Ilha em frente, Ilha da Conga) não querem que bote uma draga para aterrar, pra cavar, porque meio ambiente, não sei o quê. Pra que que serve uma ilha daquelas? Só pra bicho, mosquito ...aterra aquilo ali, vão enche de casa e vamo ter uma vista bonita ...mas não pode

porque...Aqui tem lugar para mais de cinco mil habitantes, temos terra aí, mas o governo não deixa aterrar. O rio não tem, pode cavar que passa a mesma coisa. Na beiradinha não, porque daí vai esbarrancando e terminando a ilha. Ali não tem casa nenhuma. Tu não entra ali no banhado, só banhado. Então se aterrasse e deixasse as árvores bonita, alta lá, e o aterro que fizeram aqui. Desapertava, aquele pessoal que mora nas ponte ali. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

O estabelecimento do Parque Estadual Delta do Jacuí deu origem a diversos conflitos na comunidade, devido às suas restrições quanto construções e aterros, e também porque impedia o título de propriedade dos moradores. Hoje essas tensões parecem ter sido resolvidas com a aprovação de uma nova lei, que divide a área em Área de Preservação Ambiental (APA) e em Parque Estadual. A APA permite o uso do solo, inclusive com moradias e agricultura, mas de forma sustentável, e o Parque visa manter uma área de conservação ambiental. Inclusive estão sendo feitas cercas nas áreas limítrofes para conter o avanço populacional.

O Sr. Adir fala da situação vivida antes do estabelecimento dessa nova lei:

Aqui interviram muito, muito, muito...aqui não se podia mexer numa árvore, não se podia mexer numa praia destas. Se começasse a construir tava multado. Isso complicava muito, muito a vida, porque na realidade o seguinte, aqui era parque, mas eu toda vida paguei imposto, se eu pago imposto, não é mais parque. Isso é uma aberração! Só que se faz lei toda hora, é parque não é parque. E tu olha lá no meio daquela Ilha Grande dos Marinheiros eles tão trazendo milhões de lixo e botando ali e isso aí é projeto ambiental? Se alguém me disser que isso é projeto ambiental...então vai arrumar outro. Então querem se preocupar com uma ilha que é praticamente urbanizada e não com uma coisa, uma situação como aquela lá, botando lixo e terra por cima, cadê nossos lençol freático? Aqueles volumes de lixo que são altamente prejudiciais aos nossos rios, mananciais. Até quando vamos ter água boa? (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Outro fato marcante na história da Ilha da Pintada, no olhar de alguns informantes, foi a construção do Muro da Mauá. O Muro da Mauá<sup>8</sup> foi construído para conter a água do Lago Guaíba nas cheias, impedindo que a água invadisse o centro da cidade.

O Sr. Antonio tem 85 anos, lembra com tristeza da construção do muro:

Eles fizeram aquilo ali pra atacar enchente, mas enchente ninguém ataca. A enchente de 1941 foi lá na rua da praia. E se der uma enchente que nem aquela, peço a Deus que nunca dê mais né?, (...) Isso aí não adiantou nada (o muro), isso aí foi só pra nos prejudicar. Antes passava com o carro de peixe por ali assim agora tem que dar a volta lá no portão central, tem que pagar carroto. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

---

<sup>8</sup> O Muro da Mauá tem esse nome, pois costeia a Avenida Mauá, via de grande fluxo da cidade. Este muro é para contenção das águas do Lago Guaíba em caso de cheias. Ele foi construído bem às margens do lago Guaíba nas imediações do centro de Porto Alegre, bloqueando a vista para as Ilhas.

Também o Sr. Ademir, que trabalhou vendendo leite e peixe no centro, não aprovou a construção do Muro da Mauá.

Porto Alegre eles estragaram foi com aquele muro, matou. Naquela época eu vendia peixe ali, eu levava peixe no mercado. Mas quando fizeram aquilo ali...terminou a vista do Guaíba pra cidade, matou tudo. Aí já ficou tudo mais difícil porque aí tem que passar no túnel, sozinho não pode passar, se passar sozinho e tiver dez pila no bolso tu vai ter que deixar. Ali dá assalto uma barbaridade. Ou então tem que fazer a volta lá no portão central. Aí os barco com 100, 200 Kg de peixe, que não dá pra carregar na mão, tem que ser de carro, tem que dar a volta adiante, é uma viagem. Aquilo ali matou tudo. E agora também não tem mais como abrir, por causa do Trensurb. E aquilo foi feito antes do trem. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

A construção do Muro da Mauá talvez seja entendido como o símbolo do término das épocas áureas de comércio com o centro da cidade.

#### **5.4.O olhar de residentes sobre os visitantes**

A vocação para o turismo na Ilha da Pintada foi identificada no Plano de Desenvolvimento do Delta do Jacuí em 1979 (PORTO ALEGRE, 1979), mas moradores da Ilha trazem em sua memória a presença de visitantes antes desta data.

P – O senhor lembra quando as pessoas começaram a ter interesse em visitar a Ilha da Pintada?

R - Sim... há muitos anos atrás...Inclusive o primeiro barco de turismo aqui se chamava Aliança, hoje só existe os pedaço dele, ele era de madeira. Hoje eles aperfeiçoaram é de chapa e tal. É antigo é de 1964 já tinha turismo. Tanto é que os primeiros proprietários de barco de turismo já morreram. Morreram já com bastante idade, pra tu ver que é antiguiño, né? (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006).

O Sr. Antonio, entrevistado de mais idade, relembra o início da vinda de pessoas de fora e também ressalta as impressões destes visitantes:

Vem gente da volta aí, desde que começou o aterro, essa rua aí, vem gente passear. Visitar a ilha. Todo mundo gosta daqui, né? Pessoal vem aí, nesse lugar essa beirada aí, vem passar o dia. Aí vem gente e diz “aí que coisa mais linda isso aqui”. Dentro de casa um calorão, vem pra cá passar o dia. (Entrevista concedida em 06/02/2006).



*Figura 14:* Um dos barcos que faz passeios turísticos no Delta do Jacuí.

Dani conta, neste trecho, sua idéia de como começou o interesse das pessoas em visitar a Ilha. Aparecem questões como as festas religiosas, e a motivação pela pescaria. Mas também fica claro o sentimento de uma comunidade excluída do convívio com as pessoas do centro, o sentimento de inferioridade. A imagem que ela acredita que as pessoas de fora tinham da Ilha é uma imagem de um local sem atrativos, com pessoas ignorantes. A grande diferença de infra-estrutura a apenas alguns minutos do centro da cidade parece ser motivo de desvalorização.

As pessoas quando vinham aqui antigamente, elas vinham mais por curiosidade, assim. Porque nós custamos muito pra ter visibilidade. (...)Então as pessoas viam a Ilha da Pintada assim, curioso, né? Lá só tem pescador, ignorante, começava assim, que eles não achavam que tivesse alguém culto aqui. Falava em Ilha da Pintada, “ai tudo um bando”, essa era a imagem daqui. (...) As pessoas nem vinham pra cá, “o que que tem lá? Não tem. Aquilo lá é um canto!” “Com barro, uma poeira”. Era essa a visão das pessoas. Até porque não tinha mesmo, não tinha nada de atrativo. O que tinha era a festa de Navegantes, que a falecida Dona Nanci organizava, junto com as senhoras da comunidade. Era uma festa grande, vinha a banda da Brigada, tudo . Então era uma festa que vinha gente. Depois, nós tínhamos a festa de São Pedro que também já foi muito grande na Ilha, e agora ta se perdendo. (...) Quais eram os atrativos naquela época? As festas religiosas, tu não tinha... Quando tu via alguém que via a gente, parecia até bicho. Pra pescar vinham, esse costume sempre teve, mas não falavam com a gente... Só que tem uma coisa, a mata era bem mais fechada na praia, então, as vezes as pessoas vinham de barco ficavam encostadinhas ali, a praia é de todos, né? Mas não que tivessem um contato com a comunidade, quando muito, se acontecia alguma coisa, se precisavam duma água, recorriam aos moradores. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Já no depoimento do Sr. Adir, percebe-se uma mudança na forma como a Ilha é vista, se antes era um ambiente sem estrutura, sem atratividade, hoje sua atratividade está justamente no seu diferencial ambiental, de segurança, e na rusticidade. Características ressentidas por muitos no centro

da cidade. Além disso, ele destaca a gastronomia do local como um diferencial que atrai as pessoas – em que o diferencial é o artesanal.

O ambiente...o ambiente salutar. Tu vê aqui, uma ilha como essa aqui tu tem uma coisa que não é em qualquer lugar que tu encontra. Ta aí a natureza, e o turismo que é que se faz? Nós temos uma coisa aqui artesanal, o peixe na taquara, uma coisa que tu pode ver, o ambiente é acanhado. A gente ta tentando mudar, nós tamo perdendo dinheiro já, por não ter condições financeiras de ampliar isso aí. Porque isso aí quando ta mesmo, não tem lugar pra botar, certo? (Entrevista concedida em 06/02/2006).

O movimento de pessoas aos domingos para prestigiar o almoço na Colônia Z-5 parece não incomodar esses moradores da Ilha da Pintada. Muitos gostam, justificando que é bom ver o movimento de pessoas já que a Ilha geralmente não tem agitação.



*Figura 15:* Fila de carros estacionados em dia de almoço na Colônia Z-5.

Sobre o movimento aos domingos na Ilha alguns entrevistados comentam:

“Até acha falta se não tem. Isso aí, pra mim não é problema.” (Sr. Antonio, Entrevista concedida em 06/02/2006).

Todo mundo gosta. Esse pessoal vem ali e almoça, como tem vindo nos barcos, né? Tem muita gente que quer conhecer a Ilha então já aconteceu de eles descerem lá no início, lá no estaleiro, e vir a pé pra conhecer a Ilha. Caminhar, conhecer... (...) O pessoal até gosta, principalmente quem tem comércio, né? Que as vezes, vão ali almoçam, aí tem uns outros comércio ali perto, sorvete, quando ta calor forte. Aí o pessoal sai pra caminhar já toma um sorvete. E a Ilha é sempre isso aí mesmo, lugar parado, sem agitação, o pessoal que vem gosta, não tem correria, não tem nada. (Sr. Ademir, entrevista concedida em 06/02/2006)

“Eu até acho que o pessoal gosta e é bom.” (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006)

Um dos fatores importantes observado foi o tipo de excursionista que frequenta o restaurante aos domingos. O clima no restaurante é bastante familiar, muitas das mesas têm crianças, percebe-se que o encontro no domingo de alguma maneira reproduz o almoço de família, o que de certa forma não se diferencia demasiadamente do ambiente propiciado pela Ilha. Ou então, mesas de casais de amigos. Nesse caso, pode-se pensar na hipótese de que quanto maior a diferença (seja cultural, seja de classe social) maiores as chances de conflitos entre a comunidade receptora e os turistas (KRIPPENDORF 2001, PEARCE 2001, CAROSO E RODRIGUES 1998). Além, é claro, do tempo de permanência dos visitantes no espaço da comunidade. Portanto, o excursionismo, da forma como se apresenta hoje na Ilha da Pintada, não parece ser fonte de tensões socioculturais. A princípio, se colocam os dois fatores acima relacionados (diferenças socioculturais e tempo de permanência) como explicação para justificar o bom relacionamento entre visitantes e visitados.



Figura 16: Faixa fixada na sede da Colônia Z-5. Ilustração do peixe-na-taquara

Além disso, o turismo trouxe a possibilidade de desenvolver o restaurante da Z-5, e também a loja de artesanato ao lado, o que gerou empregos, ou ao menos, fonte de renda para algumas pessoas. Inclusive muitos dos entrevistados alimentam projetos (ao menos em sua imaginação) de como aumentar este fluxo na Ilha.

Dani fala sobre o que ela pensa que poderia acontecer para que o turismo gerasse mais renda na comunidade:

Porque o interesse da gente em terminar toda a Nossa Senhora da Boa Viagem como calçadão, porque ali é um point, né? Tem um rio, as árvores, é a algo que chama a atenção, olha, tu caminhar do Z-5 até aqui, por exemplo, tudo calçadinho. Um calçadão. Aonde em determinados pontos, por exemplo, lá em cima, eles almoçam coisa e tal, tem a lojinha das escamas. Bom, aí, tem um guia que ia dizer, “bom, agora vamos por aqui pelo calçadão...Nós vamos fazer uma parada, às 14:30 em tal lugar, saindo daqui dos açorianos, nossa próxima parada é no trabalho artesanal dos pescadores, a nossa próxima parada vai ser no trabalho afro, concentrado aqui, blá, blá, blá..., o estaleiro, as redeiras”. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Lea acredita que a comunidade deveria ser mais atenta para as oportunidades de gerar mais renda com o turismo:

O pessoal, não é sempre, mas tem aquele que vem do centro pra cá e almoça, aí quer dar uma voltinha de barco. Aí sempre tem aquele pescador que leva. Isso daí eu acho que o pessoal da ilha é muito parado. Uma que renderia dinheiro pra eles mesmo, né? Só que eu acho que o pessoal ainda não caiu a ficha. Por exemplo, assim ó, se tu botar bicicleta lá pra alugar, tu ganha dinheiro, porque o pessoal que vem eles querem dar uma volta na ilha. Bota uns carrinho, que nem o.....me esqueci o nome dele. Mas dá duas pessoas, se tivesse mais desses, já gerava mais dinheiro. Caique também, tem pessoas que gostam de andar de barco, isso aí também o pessoal não se ligou. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

O Sr. Adão considera que algumas coisas poderiam ser diferentes na oferta turística da Ilha e fala suas sugestões:

Mais um restaurante, que às vezes lota ali e o pessoal volta porque não tem. Ou uma plataforma turística mesmo, da prefeitura aqui, colocando as pessoas cada um no que sabe fazer, um é peixe assado? Vai assar peixe. O outro é isso que eu to fazendo aqui, bate papo? Vamo lá. Eu acho que a ilha é de bom tamanho, fazer uma estalagem turística. Ali, no restaurante, as vezes assa todo peixe que tem, vende, e não lucram mais... (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Ao mesmo tempo em que as idéias de aumentar o fluxo de turistas aparecem, ou até mesmo de aumentar o ganho com os turistas que já freqüentam a Ilha, essas idéias não se concretizam e, portanto, colocam em dúvida se de fato a comunidade deseja aumentar sua inserção nessa atividade.

Em algumas entrevistas o poder público e as trocas de governo são apontados como empecilhos para o desenvolvimento dos projetos: “Tem um grupo que pega junto, não são muitos, mas tem...Tá parado agora. Parou. As mudança de governo ou melhora ou enfraquece. Então é isso aí...” (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006).

Dani também afirma que as iniciativas para desenvolver o turismo acabam sendo isoladas, e agora esse processo está estagnado:

Pegamos de novo um pouquinho do último Fórum, as pessoas vinham de barco com serenata no barco. E daí ficou uma noite pra gente fazer apresentação pros turistas, a nossa escola foi. Foi bem legal, mas isso de repente levou um soco, puft! Parou. A gente sente que nessa parte, as pessoas que vem aqui pra trabalhar, ou tentar formar grupos da comunidade, elas ficam encantadas com a riqueza que elas encontram aqui dentro. As pessoas não conseguem imaginar, mas quando a gente tá indo muito bem, ah...sempre acontece alguma coisa.Sabe? (...) Houve uma tentativa de um trabalho, agora parou, mudou o governo é uma droga isso, a coisa não continua.

P – Vocês não conseguiriam se organizar sem o apoio da prefeitura?

R - Nós temos uma coisa que é ruim aqui na nossa comunidade, nossa comunidade não é de todo assim... É que tem uns grupos aqui que tem uma cabeça muito pequena, repartir não, não. Querem pra eles, querem se apropriar, e quando sabem de alguma coisa, aquilo é pra eles, não dizem pros outros, isso é muito ruim. Egoísmo. E aí não cresce. ((Entrevista concedida em 15/02/2006).

As narrativas relativas ao trabalho relacionado ao turismo também oferecem um olhar desses residentes nesse aspecto. Lea fala da sua experiência de trabalhar como cozinheira na Z-5:

Adoro trabalhar lá. Eles não fazem diferença, por ser menos ou mais. Não tenho o que falar de nenhum deles, nem do pessoal do escritório, nem da cozinha. É uma equipe, sabe? É uma família que se tu tiver um problema, eles se juntam ajudam, super legal. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Lea também conta que todos os que trabalham no restaurante residem na Ilha da Pintada. São ao todo cinco garçons, dois assadores e quatro cozinheiras. Alguns deles possuem outras ocupações durante a semana (um é gari, e outra é diarista). Também quem gerencia o restaurante são residentes da Ilha ligados à colônia de pescadores. Essas informações nos levam a uma gestão da comunidade do serviço oferecido ao turista.

Já na escolha dos pratos oferecidos há uma mistura de influências na decisão do pessoal da cozinha. Eles decidem o cardápio, levando em consideração o que eles acreditam que o turista quer, e também buscam novas idéias de pratos em feiras que possam ser usados para variar:

A gente faz uma reunião, eu e a Lucia, às vezes o José também participa. A gente diz o que vai fazer, tem que ter aquele prato padrão, né? Que tu não pode mudar nunca, que no caso é o peixe, o pirão, nisso tu não pode mexer, não pode mudar. Aí a gente, como a gente tem aquilo fixo, toda semana a gente tem que ter alguma



idéia nova, pra gente quebrar a monotonia do buffet. Mas, é assim, né? A gente decide as coisas tudo junto, ou as vezes a gente vai numa feira e tenta ver aquele prato, a gente tenta colher da pessoa, como a pessoa fez. A gente colheu, esse arroz chinês, arroz japonês, a gente colheu de um pessoal que tava numa feira ali no Gasômetro e nós peguemo por telefone. Um sagu diferente também, pegamos no gasômetro. Olha, sinceramente, eu prefiro mais o nosso antigo. Porque se tu deixa mais de um dia ele fica bom. O outro fica duro. Mas o pessoal gosta de mudar. Outra coisa também é o pessoal que vem do centro, eles exigem muito é o doce caseiro que a gente faz. As vezes até eles compram pra levar. Doce de abóbora eles gostam muito. O arroz de leite, tudo doce que seja caseiro, esses doces tipo gelatina eles não são muito. Figo em calda, eles gostam. Sempre procura fazer esses doces assim. Como se diz, é a comida caseira, né? Eles vem pra comer comida caseira, e eles querem que o doce também seja caseiro. A gente faz pra eles. (Lea, entrevista concedida em 21/02/2006).

Nas palavras de Lea é possível identificar orgulho por conseguir agradar as pessoas que vem almoçar no Z-5. A comida que aprendera a fazer com sua mãe, para ajudar nas tarefas de casa e alimentar seus dez irmãos, hoje tem um outro valor. Seu trabalho é reconhecido como algo diferenciado – a comida caseira ganha um novo significado para Lea.

É bom a divulgação do lugar onde a gente mora, que ta se expandindo, ta indo, pra vários lugar. Porque nesses fórum mesmo, às vezes vem gente da Itália, Francês, a gente não sabe conversar nada, né? Mas pelo menos a gente tenta, né? Aí eles filmam, quer dizer que o trabalho da gente não ta ficando só aqui. Ele ta indo pra fora também. (Lea, entrevista concedida em 21/02/2006)

Ela também conta orgulhosa que seus filhos, que trabalham como garçons, já conquistaram clientes habituais:

Cada um deles já tem os cliente fixo, tem a gorjetinha. Tem pessoas que tem prazer de chegar na caixa, manda chamar o garçom e entregam na mão deles, “isso aqui é pra vocês pelo bom atendimento”. Aí, eles ficam todo bobo, né? Aí, eles vão lá na cozinha e se arriam no pessoal da cozinha, porque o pessoal da cozinha, nunca ganha nada. Risos. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Diversos outros estudos de mudanças socioculturais do turismo mostram a questão da servilidade da comunidade receptora em relação ao turista (JURDAO ARRONES 1992, KRIPPENDORF 2001). No caso de Dudu, um jovem de 19 anos, a relação com o cliente do restaurante ocorre de acordo com o tratamento que o turista confere a ele:

A grande maioria é legal, a gente tenta agradar aqueles que nos agradam também. Aqueles que chegam ali botando a boca, já deixa de lado. Vem gente pra conhecer o peixe, pra provar. Tem gente que vai direto ver como é que é feito, se da pra levar. Tem gente que leva. Tem gente que se satisfaz com um, mas tem outros que...2, 3. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

No olhar do Sr. Adão, a relação com o turista pode ser marcada pela exploração. Ele fala também no interesse do retorno financeiro a partir das atividades realizadas com os turistas:

P – Como é a relação com os turistas?

Não chega a ter uma aproximação. Não chega...Não chega porque há uma certa exploração. Eu trabalhei muito no início como guia turístico. O que eu fazia? Trazia o turista aqui pra dentro da Ilha, fazia uma passeata enquanto o almoço ficava pronto. Então, o que eu fazia? Fazia tudo. Eu era um guia que fazia tudo. Eu fazia o pacote, entende? Custa tanto o sistema do passeio era esse. Optamos pelo barco tal, então era aquele. Eu tinha tudo de acordo e fazendo tudo como as pessoas queriam, né? E aí então, claro, no início eu recebia R\$2,00 por turista. Era bom, trabalhava final de semana, né? Algum troquinho a gente tem que ganhar, o incentivo é ganhar o troquinho. Até porque a gente precisa. Aí eles acharam que tinha que mudar, que tinha que arrumar uma pessoa que ganhasse menos, e foi indo, foi indo...terminou o sistema.

P – Mas o senhor gostava do trabalho?

R - Eu gostava, gostava. Gostava porque eu tava fazendo aquilo que eu mais conhecia, nome de Ilha, rio, história da ilha, porque o nome é tal. Tudo que a gente viveu, eu passava pras pessoas que não tinham vivido, era simples... e é real, né? Era uma coisa que a gente fazia, assim, tranquilo. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Outra fonte de renda que tem sido estimulada pelo turismo é a produção do artesanato. Há, ao lado do restaurante da Z-5, um loja de artesanato onde um grupo de artesãs expõe seu trabalho. Entre os trabalhos oferecidos estão o crochê, pintura de caixas de madeira, de guardanapos e panos de prato, bonecos de pano, e o que mais se diferencia é o artesanato com escama de peixe. A maior parte são brincos, mas há também biquínis, bolsas e chapéus bordados em escama de peixe, além de capelinhas de santos cujas roupas tem escama. Dona Terezinha mora na ilha há quase vinte anos, e é coordenadora do grupo Art Escama, marca já registrada. Ela conta como se deu a entrada deste artesanato na Ilha da Pintada:

Quando eu trouxe pra cá no CTG, um mini museu de coisas açorianas eu disse “aqui vocês tem um artesanato que pode ser feito na ilha, com escama de peixe. É lindo, lindo, lindo. Como sou pesquisadora, acabei pesquisando nos museu antropológico<sup>9</sup>, tem duas peças, então podemos dizer que estamos resgatando isso da escama de peixe. Eu já descobri que existe essa parte da escama de peixe, trazida pelos açorianos pra cá. Aqui dentro da Ilha eu não consegui descobrir. Então o pessoal queria desde 1998 fazer este artesanato e não conseguia, então o que que eu fiz? Fiz consulta com o Instituto Cultural Português, pra que me mandassem um professor pra isso. Aí ela me mandou procurar em Santa Catarina, que tinha um professor pra isso. Aí eu consegui o Jones César de Araújo. Mas pra trazer eu tinha que ter verba, então através da Colônia de Pescadores. Que deu uma polêmica aqui dentro, quem trouxe e quem não trouxe, né? Mas a comprovação eu tenho, todo mundo sabe. (...) Porque esse aqui era o que o pessoal queria e eu já tinha o professor. Junto então com o FAT, que é um programa do trabalho do governo federal, mas que liberava verba via governo do estado. (Entrevista concedida em 02/03/2006).

---

<sup>9</sup> É provável que esta pesquisa tenha sido feita pela internet, conforme o costume da entrevistada.



Figura 17: Brincos feitos de escamas de peixes.

Esse curso foi gratuito, e aos poucos esse conhecimento foi se espalhando e hoje existem dois grupos de artesãs que trabalham com o artesanato de escama de peixe. Um deles ligados à AAAPIP e outro à Coopeixe e à Colônia Z-5.

Conversando com as artesãs na loja de artesanato elas reclamam que o movimento é fraco durante a semana e por isso as vendas concentram-se somente no domingo. Mas afirmam que mesmo assim a renda advinda do artesanato ajuda, e muito, no orçamento da família. O grupo também vende seu artesanato em outras lojas, em dois Shoppings Centers no centro, mandaram também para uma loja na Praia dos Ingleses (Florianópolis) e até já exportaram para a Espanha.

Quanto ao lucro com o artesanato Dona Terezinha afirma que:

Chegamos num auge de ganhar R\$200 por mês, cada uma. Mas aí parou. O pessoal não tá ainda com essa visão empresarial. Mas temos que chegar lá. O pessoal tem que ter a visão de empresário “eu sou um empresário-artesão”. Não pode ser mais artesãozinho mais. (Entrevista concedida em 02/03/2006).

Lea, artesã de múltiplas habilidades – crochê, escama de peixe e redeira - explica como o grupo de artesãs da loja de artesanato se organiza:

O que for vendido teu é teu. A gente paga uma mensalidade por mês, né? Na lojinha, que é para tirar assim o cafezinho que a gente toma, o papel higiênico, os papel pra presente essas coisa assim, né? O que é teu e for vendido ali, toda segunda é o acerto de conta. A gente tem direitinho uma tesoureira, tudo assim né? Aí chegava o dia de pagamento e o que foi vendido teu tu recebia. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Para Dona Terezinha, as outras mulheres do grupo não estão engajadas como deveriam, e inclusive tiraram dois meses de férias no verão, o que, na sua opinião, não está correto. O grupo tem

trabalhado também com o apoio do Sebrae, que atualmente tem ajudado a desenvolver embalagens com figuras da paisagem do Delta do Jacuí.



*Figura 18:* Blusa em crochê exposta na loja de artesanatos.

Outra produção significativa na Ilha da Pintada são as redes, de pesca ou esportivas, são as artesãs redeiras, e não rendeiras como explica Lea, ela fala sobre este trabalho:

O crochê eu aprendi com minha mãe. A mãe fazia. E rede também, né? Nós fizemos um curso pela casa do artesão. Até nós semo, redeira, não é rendeira, é redeira. Nós somos as primeiras mulheres oficial mesmo, que são artesã nas redes somos nós. Somos em dez. Tanto é que nós temos a carterinha e tudo, registrado, direitinho. As primeiras redeiras da Ilha. Quando a gente foi fazer esse curso a gente já sabia, só

que não era legalizada, e nem era conhecida como artesã. Tanto que a rede hoje em dia, tu compra ela, tem pronta, na máquina, né? Só que daí a gente aprendeu a fazer um monte de rede. Rede esportiva a gente já sabia fazer, tudo que é tipo de rede, né? Porque a rede de pescador dá muito trabalho. O fio é muito fino, e não é valorizado, eles não pagam pra gente o que a gente quer, entendeu? Então é um serviço que não vale a pena, hoje em dia tu encontra mas não como antigamente, antes faziam mais rede de pescador, agora é mais esportiva. Essas redes esportiva tem gente fazendo. As vezes vem gente aí e “ai quero fazer uma rede de vôlei”. Aí a gente faz, cobra o preço da gente, 10, 15, 20 pila, é o que a gente pega numa rede de vôlei, né? E as vezes tem pessoa de fábrica e contrata a gente pra fazer um telão, uma goleira. E tem também um atravessador aqui na Ilha, aí ele traz o fio pra gente, aí ele dá a metragem, ele leva e traz. É um serviço que tu faz em casa, cuida da tua casa, dos teu filho, não gasta sola de sapato, passagem, ainda ganha um dinheirinho. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Já o Sr. Ademir trabalhou na Colônia Z-5 como assador do Peixe na Taquara mas, resolveu sair do emprego, porque não se acostumou com o compromisso do emprego fixo:

Aí assumimos o restaurante, aí fiquei quatro anos, trabalhei como assador. A minha irmã pegou a cozinha, trabalhava como cozinheira. Eu mesmo que larguei, larguei por conta. Eu até ganhava bem ali, mas eu ficava, eu nunca fui de ficar preso, eu fui criado solto assim no campo, né? E aí tinha aquele compromisso todo domingo, se tinha um evento, tinha que estar lá, sabe? Não me servia aquilo ali. Larguei fora. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

Hoje o Sr. Ademir trabalha em feiras e eventos no centro da cidade vendendo o peixe na taquara com salada e arroz. Ele conta um pouco desta experiência:

Trabalhei em todos os fórum<sup>10</sup>. Primeiro trabalhei na Puc, lá dentro. E o último eu trabalhei aqui no Gasômetro. É uma pena que nós perdemos o fórum. Sempre perguntam, sempre, sempre. Sempre tem alguém que nunca viu. Agora no Fórum era um sarro, né? Vinha aquele pessoal todo de fora, que não tem nem noção da coisa. Tem uns que querem filmar, outros querem fazer uma reportagem. As vezes eu nem podia dá muita atenção pra eles, mas eles ficavam na volta, perguntando. Eles pedindo desculpa, e eu digo, não tando estorvando meu serviço, pode perguntar. Quer dizer, tinha intérprete, né? Porque a língua deles eu não entendia nada. Tiraram um monte de fotografia, meu Deus do céu! Eu já to acostumado a tirar fotografia. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

O Sr. Ademir também explica como surgiu o que é hoje o prato tradicional da Ilha da Pintada, o peixe na taquara:

Olha cada um conta uma história, olha, na verdade isso aí aconteceu por acaso. Na real isso aconteceu por acaso. Porque assim, o pescador ta acampado, a gente quer fazer um peixe, a gente fazia o peixe assado. Cortava uma vara do mato, uma vara redonda assim, e dava uns talho nela. Fazia tipo de umas farpa, né? Aí espetava o peixe ali, aquelas farpa era pra não deixar ele correr, mas sempre dava problema. Porque o peixe vai, vai que termina caindo. Aí aconteceu de pegarem dois pedaço de taquara, colocar o peixe e amarrar ali dentro. Então começou assim. Aí depois é que veio, a inteligência falou mais alto, né? De pegar a taquara, tirar uma lasca de

---

<sup>10</sup> Fórum Social Mundial – grande evento internacional de reflexões sociopolíticas com três edições realizadas em Porto Alegre.

cada lado, abrir, fazer duas pernas e enfiar o peixe ali dentro, e aí amarrava uma vez só. Foi exatamente assim que aconteceu. Mais por causa da necessidade mesmo, porque não tinha, essas forma, grelha essas coisa. (Entrevista concedida em 19/02/2006).



*Figura 19: O preparo do peixe na taquara.*

O Sr. Adir, ligado à Colônia Z-5, afirma que foi a partir de 1993 que se consolidou o almoço aos domingos no restaurante, pois antes era feito de forma mais esporádica. Eles fazem divulgação em rádio, e contam com o boca-a-boca para atrair os visitantes. Os responsáveis pelo passeio de barco que sai do cais da Usina do Gasômetro anunciam o passeio e o almoço aos passantes. A Usina do Gasômetro além de ser um ponto de encontro do porto-alegrense aos domingos, para caminhada e confraternização às margens do lago Guaíba, possui o Centro Cultural Usina do Gasômetro responsável por atrair alguns visitantes.

Observando os visitantes da Ilha da Pintada aos finais de semana, aqueles que vão de carro ou de barco para almoçar, é possível constatar que a grande maioria não circula pela Ilha antes, ou depois do almoço. Na ocasião de estar fazendo o passeio de barco para ir até a Ilha conversou-se com alguns turistas na intenção de descobrir sua motivação em fazer o passeio: “A motivação é o peixe na

Taquara”. Responde um jovem de mais ou menos 25 anos junto com um grupo de oito pessoas, familiares e amigos:

P - Vocês já foram à Ilha?

R - Trigésima vez. Dá pra fazer um caderninho das viagens.

Outros turistas trouxeram como motivação sair de suas casas e fazer um passeio ao ar livre. Mas todos eles mencionavam o interesse de conhecer o almoço na Ilha ou de repeti-lo. Até porque outros barcos oferecem o passeio pelo Delta do Jacuí sem fazer a parada para almoço na Ilha da Pintada. Portanto, esses turistas já buscaram o barco que incluía o almoço.

Após o almoço, o barco já buzina chamando os visitantes para retornarem para continuar o passeio. Pergunto à uma turista de aproximadamente 50 anos se costuma caminhar na Ilha quando vai almoçar, ao que ela responde: “Não dá tempo de passear na Ilha, a gente almoça e o barco já sai pra completar o passeio”.

A maior parte dos visitantes vai somente para almoçar, e logo retorna. Quanto a essas pessoas que ficam mais tempo, em especial no calçadão à beira do rio, o Sr. Antonio reclama:

A única coisa que é ruim é que vem gente de tudo que lado, e vem tentar roubar né? Esculhambação, isso aí eu não admito. Aqui, as vezes eles vem cortando. Eu digo: Aqui não, aqui eu quero respeito. Chegam aqui vem cortando taquara que eu plantei, eu não admito. Se me pedir eu até corto. Mas aí vem e digo “êpa! O senhor plantou isso aí? Então como é que vai cortando?”. Se eu for lá na sua casa e tirar um troço você não vai gostar. E assim...roubo de barco já houve, agora parou um pouco. Levaram motor barco, rede então...é gente de tudo que é lugar. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Sobre a vinda de pessoas para visitar a Ilha, o Sr. Adão, pescador e com experiência de guia local, comenta que existem pessoas com diferentes intenções:

Tu sabe que em partes, eu vou ser bem verdadeiro, em parte tem pessoas que vem fazer reconhecimento que a gente até não gostaria que viesse. Porque quanto mais as pessoas...cada um olha de uma maneira. Um olha, tipo esse passeio que nós fizemo, que a gente conheceu, coisa boa, muito bonito. Mas vem pessoas, como já vieram aqui, tentar mudar alguma coisa, entende? Prejudicando o nosso sistema, entende? Isso aí eu creio que não é bom...Aqui uma vez encostou um barco, um iate, e me ofereceu na época, U\$25.000. Agora eu te pergunto pra ti: Isso é bom ou é ruim? Pra mim que sou o original daqui, é bom ou é ruim? É ruim, né? Por isso que eu te digo, como vem pessoas de todas as intenções... Muita gente acabou vendendo.... Tu viu ali ó, tem uns casarão daqui um pouco tem uma moradia simples, um monte de barquinho, entende? Pessoas que ainda tão segurando a tradição. É...o resto pegou aquele monte de dinheiro, e foi por aí. Talvez o dinheiro fez a felicidade, talvez o dinheiro levou eles até para o cemitério, entende? Então, eu te pergunto, isso é bom? Isso não é bom. Acontece, mas não é bom. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Os casarões aos quais o Sr. Adão se refere são as casas de segunda residência que tomaram conta da margem da Picada Norte (município de Eldorado do Sul), e do início da Ilha da Pintada. Como visto anteriormente, essas casas começaram a ser construídas na década de 1970, e hoje, para alguns moradores, são motivo de indignação, conflito ou constrangimento. No depoimento acima, o Sr. Adão vê as pessoas que não venderam seus terrenos para a construção dessas casas como “pessoas que seguram a tradição”, ou seja, que fazem resistência à vinda deste tipo de turista (de segunda residência).



*Figura 20:* Uma casa de segunda-residência no entorno da Ilha da Pintada.

Os depoimentos de moradores a respeito das casas de segunda residência são reveladores de tipos diferenciados de visão quanto à vinda dessas pessoas. De maneira simplificada, pode-se identificar dois tipos – os que aceitam a vinda dessas pessoas, porque afinal pagaram pelos terrenos, e entendem que a diferença entre pobres e ricos sempre existiu e é algo dado; e outro grupo que faz diversas críticas a esses visitantes, que, com seus muros contínuos, terminaram com o acesso à margem do rio.



Para referirem-se a esses turistas, muitos adjetivos foram usados: “esses tubarão” (Sr. Ademir), “os maioral” (Lea), “os rico”, “magnata”, (Dani), “os burguês” (Sr. Adão). É nas falas desses moradores que se pode captar esses olhares:

Porque na realidade eles fazem turismo na nossa Ilha. Jet ski, festas, festas assim ó grandiosíssimas, festas assim ó, que eles pagam os pátio das pessoas, pras pessoas cuidarem os carros, porque não dão vencimento de tanto carro. Helicóptero, campo de futebol, de tênis, eles tem tudo isso. E aí vem os amiguinhos, dos Estados Unidos, não sei da onde, isso é turismo de uma certa forma. Aí convida quatro, cinco colegas, e diz “ai, eu moro numa ilha”, já ta né... Porque lá é Eldorado do Sul, mas ninguém consegue dizer que é Eldorado do Sul, ficou a marca, porque foram anos e anos e anos de Ilha, Ilha da Pintada, Picada Norte. Imagina, “vem pra cá que é legal, tem um rio, tem...” e o pessoal vem. (Dani, entrevista concedida em 15/02/2006).

Começou a partir das pontes. Antes não tinha acesso. Aí no momento que saiu a ponte, aí deu acesso, aí eles começaram a entrar. A maior parte disso aí é da \*. A maior parte dessas mansão quase tudo é da \*<sup>11</sup>. Foram se apossando do que pode, eles tão investindo ali. Esse pessoal do \* é uma família muito rica, né? Mas eles são gente boa. Em tudo quanto é evento, tudo quanto é coisa que tem aqui, que pedi ajuda pra eles, eles ajudam. Eles ajudam dentro das necessidades, vamos dizer, tem uma festa aqui, tu vai fazer uma almoço ou uma janta pra 200, 300 pessoas, manda um, como é que se diz, um memorando, né? Uma coisa assim... pra eles lá. Manda pedindo vamos dizer, quero tanto de arroz, ou massa, pode contar com eles. Muitas vezes já deram galeto todo. Tudo dentro do possível, é só pedir, que eles ajudam. A maioria não tem relação nenhuma, o mais chegado é o \*, é o que mais tem, e é o que é mais chegado. Aqui tem o pessoal da \*, esses aí então nem conhecem a Ilha. O meu vizinho trabalha com eles lá, diz que a velha é excelente criatura, já os filho, são bem mais diferente, né? A família tem um monte de filho drogado e coisa. Mas não aparece porque é rico. (Sr. Ademir, entrevista concedida em 19/02/2006).

Nesse depoimento, o Sr. Ademir fala de quando começaram as construções. Nesse sentido, o acesso à Ilha teve função preponderante no avanço das construções das residências secundárias. Outro ponto a ser notado na fala acima é a referência à vida dessas pessoas proprietárias das casas. Esse é um elemento comum em outras entrevistas, as pessoas gostam de demonstrar que têm conhecimento sobre a vida daquelas pessoas, como se isso lhes conferissem distinção social. O Sr. Ademir reforça que apenas uma das famílias mantém contato com a comunidade e vê isso como algo positivo.

Já Dani encara de forma diferenciada as ajudas prestadas por essa mesma família:

Olha, não mudou nada se tu quer saber... No sentido de intervenção na comunidade, de ajuda, de participação, ou até mesmo alguma forma de geração de renda, nada. Quem ta tentando fazer alguma coisa, e aí vou repetir isso, eu quero que tu deixe de marca assim, ta fazendo porque é uma empresa grande, porque quer ter seu nome na mídia e isso já passa a contar nos números. Que é o \*. Não vem me dizer que o \* ta fazendo o que ta fazendo, porque pra mim ele tem planos futuros, pra mim, até presidência do país. Então assim, mas de todo esse pessoal, nada, eles são muito sozinhos. (...) Não tem um contato. O \* é que ta fazendo este link aí, mas porque o nome dele na placa, sabe que dá status. Tem o posto de saúde. Eu nunca fui apresentada por nenhum desses magnata. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

---

<sup>11</sup> O símbolo \*, substituí o nome de uma empresa/sobrenome de família que possui casa de segunda-residência.

A pressão pela melhoria na infra-estrutura local por parte dos turistas só se deu quanto ao acesso às suas residências. De acordo com o Sr. Ademir isso ocorreu da seguinte forma:

Esses tubarões aí (referindo-se aos proprietários das casas) organizaram um grupo e conversaram pra fazer a estrada. Daí Porto Alegre não fazia, porque aquilo é de Eldorado, Eldorado não fazia porque ia ajudar Porto Alegre. Aí juntaram parece, as prefeitura, e mais os morador dali, cada um deu um pouco pra fazer. (Entrevista concedida em 19/02/2006)

Num certo momento, sentia-se um constrangimento em responder às perguntas relativas às casas de turismo de segunda residência:

Claro, isso aí é muito ruim pra mim dizer que é ruim, porque eles tem os pró e os contra deles...mas, antes sem essas casas era melhor, entendeu. Aí o ilhéu tinha mais liberdade.(...) Festas grandes, ali a Ilha do Sol é uma festa reconhecida, propaganda na televisão, nas rádios. Tem artistas famosos... Fica diferente do que é aqui, porque é gente da alta, né? Ali eles vendem pacote de R\$200, R\$250 por pessoa. É só o filhinho de papai e o papai junto. Então o seguinte, não é festa pro ilhéu participar, é uma coisa que é a parte. Não se cria convivência, não se cria não. Sempre depois de uma festa dessas, se sabe de assalto, se sabe disso se sabe daquilo outro. Claro, não envolvendo gente da ilha. Conversando com os seguranças né?, porque só ali são 22 seguranças. (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006).



*Figura 21:* Outro exemplo de casa de segunda-residência na Ilha.

O Sr. Adão assinala, no seu depoimento acima, que a relação entre turistas e residentes não se estabelece devido à grande diferença de classe social que os divide, e conforme sinalizado por autores como Krippendorf 2001 e Pearce 2001.

O Sr. Antonio também menciona as grandes festas realizadas na casa onde ele era caseiro, onde poucas pessoas reconheciam seu trabalho. Nesta passagem ele cita o ex-Presidente Médici, que estabeleceu um dos regimes mais severos durante a ditadura militar, como uma pessoa que reconheceu seu trabalho e lhe compensou com dinheiro:

Sábado e domingo eu e minha mulher fazia comida pra 60, 70 pessoas. Nós assamos carne, eu e o motorista, e a mulher fazendo comida salada e coisa. Quase 80 pessoas, até o presidente Médici veio aqui. Foi o único que foi lá na cozinha agradecer para nós e botou 200 pila no meu bolso e da minha mulher também. O único, os outros ficavam quebrando copo e... (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Nesta passagem o Sr. Adão conta, com orgulho, como foi a experiência de negar a oferta pelo seu terreno, e também afirma que os moradores da Ilha não têm interesse de se desfazer dos seus terrenos,

Aqui esse pessoal daqui ta todo mundo cabeça feita, pra não vender. Tu vê, uma oferta como eu tive aqui, e eu tava precisando, US\$25.000 pra quem não tem. Enfiou o barco aqui ó...tu tinha que ver o barco, todo cheio de espelho, tudo lotado com esses microcâmera, tudo instalado, onde ele tava constava, tudo coisa de primeiro mundo, coisa linda...Então ele achou que eu ia me assustar, né? E eu digo...o dinheiro não faz a minha cabeça, porque o seguinte, depois pra onde que eu vou? Eu saio da margem aqui pode diminui dez anos da minha vida, daí não... a minha resposta pra ele foi não. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Dani também acredita que a comunidade faça resistência quanto a venda de seus terrenos:

Esse boom desses monte de casa, das mansões, foi impressionante, se a gente não se cuidar eles querem até aqui. Eles querem tudo. Aqui a gente valoriza muito, por causa da luta. Então o pessoal pra cá já é mais consciente, assim. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Lea fala que no início das construções houve certo receio das pessoas em serem desapropriadas de seus locais de moradia, ela traz também um outro olhar quanto a presença das pessoas na comunidade.

Primeiro a gente achou assim, porque quando veio esse pessoal aqui pra ilha, aí eu me lembro que saiu aquele boato que iam tirar todo o pessoal da ilha, e eles iam tomar conta da ilha, né? Aí o pessoal meio que ficou com aquele medo, quando eles começaram a entrar né? Mas aí depois foi assim... não sei se realmente eles queriam ou não queriam, só sei que depois parou esse boato. Mas logo que eles vieram pra ali, eles queriam que a ilha fosse assim, como eu posso dizer, uma coisa reservada só pra eles. Agora eles circulam, eles fazem a caminhada deles, até tem um casal de alemão que vem lá das mansão e dão a volta aqui na ilha. Eles são até super legal. Eles buscam almoço no Z-5. Tem jogador do Grêmio, ou não sei se é advogado ou psicólogo do Grêmio, ele já foi no restaurante. Já tivemos também o Dinho, o jogador Dinho. Veio junto também o gordão aquele do conjunto Nenhum de Nós, que toca bateria. Ele vem com frequência, bastante gente desses granfinão vem aí. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Em outra conversa, Lea já havia comentado a respeito de pessoas famosas que freqüentavam as casas e a Ilha. A presença destas pessoas é vista por Lea ao mesmo tempo como uma invasão e como um sinal da valorização do espaço da Ilha. Elas conferem um *status* à Ilha.

Por outro lado, ela relembra que na época em que começaram as compras dos terrenos da margem houve certa exploração dos moradores:

Claro eu era criança quando eles começaram a construir essas mansões. Até eles, se eles queriam teu pátio, teu terreno, na beira da praia, né? O pessoal sempre dá valor pro lado da praia, não pro lado do mato, né? Eu lembro que o pessoal, claro pra rico não era dinheiro, mas pra pobre tudo é dinheiro, né? Aí muitos se engabelavam, “ah eu quero tanto”, eles davam e não tavam nem aí, porque sabiam que eles iam... hoje o pessoal já quer mais. (Entrevista concedida em 21/02/2006).



*Figura 22:* Casa de pescador ao fundo, com trapiche em madeira e barco de pesca.

O Sr. Adir considera que foi feita uma opção pelos pescadores quando venderam seus terrenos, e que não se pode culpar os novos proprietários. Ao mesmo tempo percebe-se um ressentimento com relação a quem vendeu, quem não conseguiu dizer não.

Vou te dizer uma coisa, todos nós temos culpa. Esta costa de rio tudo era pescador que morava. Ele vendeu, por opção dele, ele não foi dizer “sai fora”. Ele vendeu e por um bom dinheiro e cambou pro outro lado da rua, pro banhado. Porque o rico não quer banhado, ele quer o rio para ele. Então a gente não pode culpar estas mansões que tem aí, pra dizer que o pessoal foi prejudicado, não, eles venderam. Eles venderam, o dinheiro que eles botaram em cima eles não recuaram e venderam, não rejeitaram, era tão bom que venderam. E aí? Eu não posso culpar os caras. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Também o Sr. Ademir fala das compras dos terrenos para a construção das casas de segunda residência:

Isso ali eram terras da família que antes criavam, e aí os filhos foram ficando pra morar ali. Aí trocam tudo por dinheiro, e as vezes ainda botam fora. Porque essa classe mais pobre não tem idéia de dinheiro, acha que qualquer coisa é dinheiro. As vezes se não tinha uma pessoa mais instruída, eles davam qualquer coisa e eles achavam que era dinheiro, isso aí eles fizeram bastante. Muita gente comprou a troco de nada, exploraram eles, não sabiam o que era. Quando viam já tinham feito o negócio, já tinham assinado tudo. Não tinha mais nada. Aí depois foram ficando mais esperto, procurando alguém que tivesse mais conhecimento. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

Considerando as vendas dos terrenos, o Sr. Ademir identifica como ponto positivo o emprego que alguns conseguiram nas casas desses turistas: “Têm uns até que depois que venderam ficaram amigo, aí ficaram trabalhando nas casas. Aí ficaram melhor, porque ficaram empregados. Era mais eram pecuaristas.” (Entrevista concedida em 19/02/2006).

Fica posto no depoimento acima a transição da tradição familiar pecuarista para uma nova realidade como assalariados. Em outras localidades turísticas, os estudos demonstram o turismo como responsável pelo processo de mudança do trabalhador rural, dono do seu meio de produção em assalariado (JURDAO ARRONES 1992, CALVENTE 2001). Porém, um olhar mais atento para a história da Ilha da Pintada verá que essas atividades tradicionais na Ilha já estavam em franco declínio antes do início das construções de casas de segunda residência. O trabalho assalariado aparece como uma opção à crise já estabelecida.

Conforme dito pelo Sr. Ademir as terras já não eram mais produtivas. Isso não quer dizer que a posse dessas terras pelas construções turísticas seja justificável. Nem mesmo pela geração dos poucos postos de trabalho, afinal a mudança no território foi drástica, o morador tradicional não trocou somente, foi deslocado para a parte de trás, ele perdeu o acesso, e até mesmo a vista para o rio.

Neste ponto é importante lembrar que até o ano de 2005 toda essa área era considerada parte do Parque Estadual Delta do Jacuí, a princípio uma área de uso restrito, o que evidentemente não foi respeitado considerando todo o aterro feito nestas áreas para suportar aquele tipo de construção, além de toda a interferência na flora nativa, trocada por ajardinamentos, e os muros de contenção feitos de cimento.

Dona Terezinha comenta a respeito dos privilégios dados aos proprietários das residências turísticas:

Sempre foi assim e vai continuar sendo, ricos têm poder, dinheiro e o pobre não pode aterrar. Qualquer governo, não estou falando deste nem daquele, em todos os governos houve privilégios aos ricos. Isso a gente sabe . E isso prejudicou muito o

Delta. As Ilhas, bastante prejudicadas, aqui na Ilha da Pintada não pode, mas os rico podem, e daí? Então eu acho que não podia ser assim. (Entrevista concedida em 02/03/2006).

Se por um lado os excursionistas de domingo são bem-vindos à Ilha, pois consomem no restaurante, elogiam a paisagem, compram e apreciam o artesanato local, e criam, mesmo que seja na relação entre cliente e prestador de serviço, um laço afetivo. Por outro lado, os turistas de segunda residência dividem de forma clara os olhares desses moradores. A marca da distância entre esses moradores e esses turistas parece estar na grande diferença de classe social existente, e na forma como cada pessoa analisa essa circunstância.

O Sr. Adir, ligado à colônia de pescadores, considera que cada pessoa deve viver de acordo com a condição que tem. E a questão das classes é definida pelas próprias pessoas:

Eu não vejo dificuldade, quem faz as dificuldade é nós mesmos. Sabe? Jamais eu acho que tu não vai ser bem recebido em qualquer lugar desses...não pode é ta visitando todos os dias. Prova é que 90% dos caseiros que tem aqui, são gente daqui, então não é aquela coisa assim...são gente que moram lá dentro da casa com eles! Só que são caseiros...e é uma realidade da vida que não alcançou, então tem que ser caseiro mesmo. Não tem como ter uma casa daquele estilo, não tem para isso...ele é caseiro. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Há, no depoimento do Sr. Adir, o sentimento de conformação com a situação da diferença entre as classes sociais, e ao mesmo tempo ele considera que as pessoas têm que se “sujeitar” ao trabalho oferecido pelos turistas. Ele também acredita que a pessoa pode alcançar uma condição melhor se assim desejar e trabalhar para isto:

(...) desculpe eu dizer, mas isso é um pouco recalque daquelas pessoas que olham para os outros, os outros tem e ele acha que ele é o miserável e o outro é o rico. Sabe que existe a classe alta, classe média e a classe pobre. Só que quem faz isso aí é nós. Nós tem que ta dentro da realidade. Nós não podemos chegar agora e culpar o cara, porque ele tem dinheiro ele não pode ficar aqui, tem que expulsar ele lá pro não sei pra onde, nós temos que conviver. A realidade, minha opinião é nós temos que conviver. Conheço quantidade de gente, desde que fizeram a primeira casa aí, tem do vice-governador, a \*<sup>12</sup>, aquela de propaganda...tem de tudo aí, então fazer o quê? Vamos ter que conviver! Todos os pessoal que são caseiro são gente daqui...então não é uma coisa assim, eles dão preferência pros daqui porque eles já conhecem o pessoal. Então não é aquela realidade, um pouco é recalque, por não ter e fica “ah tanto dinheiro e eu não tenho nada”, mas isso é uma coisa normal na vida, isso é a vida. Tem que se sujeitar, e tem que tentar ultrapassar aquilo ali e chegar em algum ponto. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Já o Sr. Ademir fala o que pensa quando perguntado a respeito da diferença de classes existente entre os residentes e os turistas: “Isso aí não foi...tu vê ali, a mansão é fechada, né? Tu só vê entrar e sair os carros. Eles não se invocam com ninguém da vizinhança, eles também não se invocam.” (Entrevista concedida em 19/02/2006).

---

<sup>12</sup> O entrevistado cita nome de empresas, querendo referir-se aos proprietários das casas, que são proprietários daquelas empresas.

O Sr. Antonio, de 85 anos, também afirma não dar importância para a diferença de classes entre residentes e turistas de segunda residência:

Pra mim não...Por exemplo se eu morar perto de um cara que tem dinheiro, eu vivo minha vida e ele que viva a dele. Não tem nada a ver. Agora, passar fome, eu graças a Deus, sozinho nunca passei. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

O Sr. Antonio teve experiência de trabalhar como caseiro em uma das casas, ele conta que tinha uma boa relação com seus patrões, mas sabe de casos diferentes do seu:

(...) lá eu cortava a grama, pintava o cercadinho das plantas. Plantava flor, lavava tudo lá, cuidava da lancha. E eu tinha o meu barquinho, até a rede eu comprei. Eu tinha uma rede. Ele dizia “pode pescar”. Ele era bom, mas os outros, tem um aí, Seu P., que eu não trabalho por dinheiro nenhum, miserável! Eu sou assim, eu não acredito que ninguém seja melhor do que eu. Pode ter dinheiro pode não ter, eu considero a pessoa a mesma coisa, dinheiro não interessa. Então, ele botou um caseiro lá, coitado, ele era lá de fora, não sabia amarrar um barco. “Oh a lancha vai abrindo aí!” Não sabia agarrar a corda, aí eu pulei lá dentro, e amarrei o barco. Aí passei um tempo lá conversando com o véio e diz ele assim: “É eu comprei carne pra fazer churrasco, eu comprei uma lingüiça, mas a lingüiça tava estragada e dei pro caseiro.” Na mesma hora, eu disse pra ele, “vem cá, a lingüiça tava estragada o senhor não quis e deu para o caseiro? O caseiro é cachorro?”. O veio olhou pra mim deu uma risada e não falou nada. Uma coisa que eu não vou comer vou dar pra ti? Nem pra um cachorro eu não dou. Meu cachorro não come carne ruim, podre. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

É nas palavras de Dani que se encontra mais declarado o conflito com os turistas de segunda residência:

Ficam atrás daqueles muros todos lá. E quando vem, é num carrão de luxo o vidro todo escuro e ainda passam assim, olhando, como se a gente fosse assim um bibelô, e eles lá dentro né? Ar condicionado, aquelas mulheres com aquele cabelão. Ai meu Deus! Eu to até satirizando, porque dá graça quando passam aí na frente. Eles não gostam de pobre, morrem de medo de ficar pobre. Porque na realidade, se ficarem pobre, não sabem fazer nada que pobre faz pra sobreviver. Botar a mão numa enxada, fazer um artesanato, fazer o feio ficar bonito. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Dani fala da forma como se sente ao ser observada pelo outro, com o vidro do carro, e o ar condicionado, fazendo fronteira com esse contato. Esse fato pode relacionar-se a afirmação de Krippendorf (2001, p.85) “o que deveria ser um encontro sucumbe à ‘síndrome do zoológico’, onde uns e outros se observam”. Há também, nas palavras de Dani, o orgulho do saber do “pobre”. Pois é esse saber que, segundo ela, “transforma o feio em bonito”.

O Sr. Antônio traz, neste depoimento, o que ele considera ruim com a presença dos turistas de segunda residência:

Esse pessoal que ta aí, só ta prejudicando nós. Não as casas, mas os barco deles e as lancha, mexem tudo no fundo aqui. Arrebenta a corda, tem que ta o barco bem amarrado porque arrebenta tudo. Eles não olham, eles vêm com essas lanchas ai e

fazem aquele mar, esses tempos me deram um banho aqui. Quase caí na água ali. Passa o fim de semana aí, hoje não é tanto mas sábado e domingo, feriado, Deus o livre de ver o que é a esculhambação. Essa semana até quebraram o motor de um cara ali. Arrebentou a corda e o motor se foi. É só final de semana. Eles não respeitam. Nem anda no rio a gente não pode. É só a lancha deles, pra lá e pra cá. O maior prejuízo pra nós é isso aí. Tem as marina deles aí na ilha. Eles não respeitam ninguém. ...Eles compraram os terrenos era do pessoal da ilha, pra marina. Depois que vieram o pessoal que tem dinheiro, porque tem dinheiro eles pensam que podem fazer o que bem entende. Mas não é bem assim, tem que ter respeito. Eles dão risada ainda, se passar aqui e meter o barco no fundo ali, sai abanando. Os daqui não.(...) Tem as marina deles aí na ilha. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

O Sr. Antonio considera que há desrespeito dos turistas com relação aos moradores, e o ar de superioridade é identificado quando “Eles dão risada, ainda”, e também levanta a questão do fato de possuir dinheiro como razão das atitudes. O comportamento permissivo dos turistas e o espaço turístico transformado em espaço de transgressão foi abordado em outros estudos referentes aos processos socioculturais do turismo (RUSCHMANN 1997, RODRIGUEZ 1994, entre outros).

Além disso, ele fala de um novo tipo de apropriação do espaço na Ilha da Pintada, as marinas. Foram construídas duas marinas recentemente na Ilha.



*Figura 23:* Rampa para embarcações, cercada, de uma marina particular.





*Figura 24:* Garagem da marina.

### **5.5.O turismo como alternativa econômica e o incentivo de outros agentes sociais**

Conforme anteriormente esclarecido, este trabalho privilegia as mudanças socioculturais do turismo sob a ótica de moradores da Ilha da Pintada. Então, mesmo não sendo o foco desta pesquisa é importante ressaltar o papel de outros agentes sociais neste contexto.

Dessa forma, em um estudo futuro, poderia ser considerado, além do olhar dos visitantes, tanto excursionistas, quanto turistas de segunda residência. Acredita-se, também, que a Prefeitura de Porto Alegre, na figura do Escritório Municipal de Turismo, na Secretaria Estadual do Meio Ambiente e o Sebrae podem ajudar a complementar o quadro de interpretação dessa realidade.

O Escritório de Turismo de Porto Alegre (gestão anterior) trabalhou por cinco anos com a comunidade da Ilha da Pintada dando apoio para o desenvolvimento do turismo. Esse trabalho ocorreu através de reuniões, de cursos de artesanato, a organização de eventos na Ilha, ou levando os moradores a eventos no centro da cidade. A confraternização na Ilha da Pintada, durante o Fórum Social Mundial, a recepção de turistas desse evento foi uma política clara de incentivo ao desenvolvimento turístico da Ilha, privilegiando as produções de artesanato e gastronomia locais.

Alguns entrevistados contam sua experiência com o Escritório de Turismo de Porto Alegre:

A gente acompanhava as reuniões, a gente teve vários evento aqui. Na evolução de receber o turista, e envolvendo o próprio turista. Teve festas aqui a noite toda, um dia e uma noite. Festa de apresentação artística, mas já com os turistas já, vendiam

no Plaza e...em vários hotéis, vendiam o pacote. Então, naquele dia a programação era vir para a Ilha, que tinha uma festa. Então a gente conseguiu o Mabilde, a gente limpou toda aquela área. E fez tenda disso, tenda daquilo...iluminemo tudo, ficou linda a festa. Só que existia aquela integração, uma organização, entende? A socióloga que fez isso aí junto com nós, ela era muito assim, formada pra trabalhar com turista, ela nos ensinou muita coisa e foi bonito. Era da prefeitura. (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006).

Como visto anteriormente, as trocas de governo, e, portanto, de prioridades políticas, acabaram sendo responsáveis pela estagnação nestes projetos, como alguns entrevistados já citaram.

Já o Sebrae também é ativo na comunidade, atualmente trabalha na Ilha com o Projeto Urb, incentivando grupos de trabalho, como o artesanato. Foram realizados outros cursos, como conta Lea:

Curso também, a gente ta sempre fazendo. A gente fez do Sebrae, a gente fez de Bom Atendimento ao Público, fizemos também de Liderança. Dá pra aproveitar, não é o que a gente espera. Eu sou uma, eu gosto mais de meter a mão na massa, do que ta no blá, blá, blá, blá. E o Sebrae é mais de caderninho, de ficar anotando. Mas é bom, não digo que não é bom. Tu aprende a conversar, né? Esses cursos que a gente fez de liderança. Vem o psicólogo. A gente fez filmagem, eles queriam saber como a gente se comportava na frente de uma câmera. Fizemos duas filmagem cm cada um. Uma tu tinha que vender o teu produto e a outra tu tinha que expor tu. No caso eu vendia o meu artesanato, as escamas de peixe, o crochê. E o outro era tu te expressar, era ser o teu natural. Aí a psicóloga avaliou lá as filmagem. Até eles queriam, pela psicóloga, que eu fosse a representante pra falar perante as câmeras nas reportagens da escama de peixe. Porque ela me achou muito autêntica. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Na visão de Lea os cursos são muito teóricos, mas, mesmo assim, acabam ensinando coisas novas. Lea sente-se feliz ao dizer que ela correspondeu à expectativa de autenticidade da psicóloga que ministrava o curso.

Já o Sr. Ademir conta entusiasmado como o Sebrae ensinou-o a descobrir qual o lucro que ele obtinha em seu negócio:

Já participei diversas vezes. Sempre tem alguma coisa de grandes proveito, né? Tem algumas coisas que não serve pra gente, né? O Sebrae eu achei muito bom, eu tive umas duas ou três reunião com o pessoal do Sebrae. Eu achei bom demais. O pessoal não aprovou! Eu aprendi muita coisa com eles. Até saber nessas feiras, pra calcular o que a gente tava fazendo, quanto a gente tava pagando, quanto a gente tava vendendo e quanto a gente vai ganhar. Isso aí eu aprendi de cara com eles. E aprendi, eu tinha uma noção da coisa, mas não sabia como fazer, né? Pega um papel, põe, comprei um tanto de peixe, um tanto de arroz, todo material que eu comprei. Bota tudo ali. Fizemos o cálculo quanto valeu tudo aquilo ali. Aí nós vamos vender o peixe a R\$10. Quanto vai dar? Quanto é que nós temo de despesa? Tira a despesa, tem que sobrar tanto. Esse aí é líquido? Até aí ele é líquido, mas aí nos temo o transporte, vamos tirar o transporte. Até chegar mesmo. Se não, tu não sabe o lucro. Isso é coisa que eu aprendi com eles, eu tinha vontade, mas não sabia como. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

A relação com esses órgãos gerou, no discurso desses residentes, o uso de palavras como “pacote”, “inovar o produto”, “guia”, por outro lado, às vezes o uso da palavra turismo refere-se a uma

entidade. “O turismo veio aqui e nos disse”; “o turismo pode fazer isso pra nós”. O uso de jargões turísticos mistura-se a palavras de uso confuso, como “passeata” querendo referir-se à um roteiro feito a pé pela Ilha.

As pessoas estão se adaptando a uma nova realidade, na qual, como afirmou Dona Terezinha, já não basta “ser artesãozinho, tem que ser empreendedor”. Mas até que ponto essa comunidade não estará formulando o seu próprio caminho, diferente daquele dito pelo Sebrae. Porque dos cursos, segundo eles, nem tudo se aproveita. O grupo de artesanato se organiza, consegue até mesmo exportar seu produto para a Espanha, mas as artesãs querem os meses de verão de férias. Novas formas relacionais se constroem no mundo do trabalho, misturando o modo local com o global, o hibridismo se revela em tantos aspectos!

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade da Ilha da Pintada foi se formando ao longo dos anos com a vinda de pessoas de diferentes origens. Essa Ilha nunca viveu totalmente isolada, as trocas comerciais no centro da cidade também eram trocas culturais. Com o passar do tempo, a comunidade desenvolveu e adquiriu seus costumes, modo de vida, a pesca e a agricultura tiveram grande influência nessa formação cultural. A comunidade preserva sinais diferenciados no seu modo de vida, na sua relação com a pesca, com o rio, com seus vizinhos. Comparados à maioria dos moradores da metrópole Porto Alegre, é possível entrever uma fronteira. Fronteira esta que os próprios moradores fazem questão de identificar, seja ressaltando seu estilo de vida diferenciado, seja falando do seu ambiente salutar em contraposição à poluição da capital.

O que não quer dizer que essa comunidade esteja presa em uma redoma cultural, pelo contrário, as trocas se intensificam a cada momento, as feiras, os eventos, os diferentes agentes sociais, a globalização, tudo está presente nessa comunidade. A convivência entre o artesanal e o globalizado acontece de uma forma que só a dinâmica cultural pode realizar.

Muitas transformações recentes marcam a história da Ilha da Pintada, com o declínio das atividades tradicionais, ela perde seu papel como abastecedora de alimentos do centro de Porto Alegre. As conquistas por melhorias na infra-estrutura da Ilha, a busca para inserir-se nas novas exigências do mercado são questões de uma nova realidade desafiadora. Se, por um lado a fartura de outrora deixa saudades no imaginário, por outro, há o reconhecimento de benefícios que a modernidade trouxe. Todas essas mudanças foram construindo o que é a Ilha hoje.

Como dito anteriormente, a pesca no caíque, a posterior fritada de peixe, combinam com o som em alto volume da música *funk*. Assim como o Michael Jackson pode, sim, ser o mediador de uma aproximação entre brancos e negros na comunidade. O hibridismo cultural permite esta riqueza heterogênea. Para Garcia Canclini (2003, p.214) “É possível construir uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais”. Desta forma, o autor afirma que “o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais” (ibid, p.214).

O Turismo vem a ser mais um agente de transformação. Os olhares dos residentes contaram estas mudanças, de um local sem atrativos para um local com muitas casas de veraneio e fluxo de visitantes todos os domingos.

O artesanato na Ilha da Pintada desenvolve-se cada vez mais, tanto com a retomada de conhecimentos tradicionais para novos usos, como a rede de pesca e as esportivas, como, também, um artesanato ligado aos elementos culturais locais, como a escama de peixe, mas não necessariamente originário de lá. Para Garcia Canclini (2003, p.216):

Mesmo sendo certo que em algumas regiões a incorporação da força de trabalho camponesa a outros ramos produtivos reduziu a produção artesanal, existem, por outro lado, povos que nunca tinham feito artesanato, ou apenas o fabricavam para autoconsumo, e que nas últimas décadas se iniciam nesse trabalho para suportar a crise.

Com isso, conforme sinaliza García Canclini (2003), o mercado precisa dar conta dos setores que resistem ao consumo uniforme ou têm dificuldade de nele incorporar-se. Com esse objetivo, a produção artesanal, supre essa demanda, tendo aceitação entre os indígenas, os camponeses, as massas de migrantes e novos grupos, como intelectuais, estudantes e artistas (GARCIA CANCLINI 2003, p.216). Assim como para os turistas, que buscam no souvenir a concretização da idéia do artesanal, do autêntico, mesmo ensaiado. Portanto, a incorporação dos produtos artesanais nos circuitos comerciais não deve ser interpretado simplesmente como um processo homogeneizador.

Algumas das mudanças propiciadas pelo desenvolvimento turístico são bem-vindas, outras, conflituosas. Quanto ao artesanato, o turismo tem estimulado sua produção e comercialização, gerando renda para diversas famílias na comunidade. Esse estímulo positivo ao artesanato pelo turismo é encontrado em outros estudos (DE KADT 1979, MCKEAN 1989, entre outros).

No restaurante da Z-5 estabelece-se uma troca comercial, mas também humana, uma troca de gentilezas, o dar e retribuir (de Mauss), a ressignificação do valor do trabalho. E o trabalhador estabelece também a forma dessa relação, pois a resposta de moradores aos destratos de alguns turistas é dada à altura, como no caso do jovem garçom da Z-5 que atende bem àquele que o tratar bem.

Já as restrições quanto aos turistas de segunda residência estão marcadas pela diferença social discrepante, pela formação de guetos, a marca da sociedade globalizada, em que o importante não é ser, e sim ter (Ortiz 1994). As diferenças são reforçadas pelos privilégios políticos que os turistas possuem na visão de moradores. Até mesmo a falta de respeito para com os moradores e seus barcos de pesca é entendida como resultado das posses dos turistas, porque o dinheiro “pode tudo”. O

comportamento permissivo do turista, identificado em outros, estudos parece repetir-se (RUSCHMANN 1997, KRIPPENDORF 2001, LAGO 1983).

Ao lado dessa visão indignada, está também a conformidade, afinal sempre foi assim, ricos e pobres, parece que essa máxima não pode ser questionada, ou talvez nem valha a pena. Os anos de história e subjugação talvez tenham imprimido essa visão de mundo.

A especulação do solo foi estabelecida com as construções de residências turísticas, na Ilha e seu entorno, mas muitos moradores já estão articulados para conter essa “invasão”, pelo fato de decidirem, não de forma organizada, formal, mas por um valor compartilhado na subjetividade do grupo, não venderem seus terrenos, em especial os da margem. Duas marinas estabeleceram-se recentemente na Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, que tem acesso direto ao rio, sinais de que a resistência não está tão coesa, e a luta ainda continua, uns pressionando para entrar, outros empurrando no sentido contrário, outros ainda cedendo. É nesse espaço que se percebe com clareza os resultados da luta, quando novas ocupações “dos de fora” se estabelecem. Conforme outros estudos sobre o tema (CALVENTE 2001, CAROSO E ROGRIGUES 1998) na Ilha também houve em algumas negociações na compra dos terrenos comparas realizadas abaixo do valor de mercado.

Algumas peculiaridades marcam a relação visitante/residente, o público do restaurante da Z-5 é familiar, o tempo de permanência é curto, já os turistas de segunda residência são, por um lado, pessoas isoladas em suas propriedades, mas também são visitantes freqüentes. O uso das casas turísticas ocorre aos finais de semana durante o ano todo. Os ilhéus que trabalham como caseiros, cozinheiras, seguranças acabam criando um laço diferente daquele tipo de turismo em que dificilmente os atores voltam a se encontrar. As histórias dos turistas e suas famílias acabam por circular pela comunidade. É comum, nas entrevistas, escutar “meu vizinho trabalha lá e me disse que...”.

A pressão por melhorias na infra-estrutura, por parte dos turistas, esteve restrita ao acesso às suas residências, elas não influenciaram mudanças no espaço da Ilha, como novas áreas de lazer ou intensificação do comércio. Pois, segundo alguns entrevistados, as casas dos turistas são abastecidas pelas redes de supermercados do centro da cidade, e não pelos armazéns da Ilha. Já o acesso às casas de segunda residência obteve uma grande melhora, de uma estrada de terra, baixa, que facilmente alagava, passou a ser mais alta, aterrada e também recebeu pavimentação asfáltica.

Quanto aos hábitos de consumo, não se revelam ser estimulados a partir do contato com os turistas, nem mesmo aparentam (a partir de suas roupas e casas) ter hábitos de consumo caros. Mas, obviamente, os ilhéus estão inseridos no mercado como consumidores, e os valores consumistas do modo de produção capitalista e das indústrias culturais permeiam a comunidade, ainda não em sua forma mais avançada, mas com certeza já de forma significativa.

O início da atividade turística na Ilha da Pintada se perde no tempo, com alguns turistas aventureiros, pescaria, passeios no Delta na década de 1960. Mas foram as construções das casas de segunda residência talvez a maior transformação nesse espaço, a consolidação do restaurante da Z-5 e o aumento na produção do artesanato também constituem mudanças na vida dessa comunidade, que busca adequar-se às novas exigências do mercado, bem como às novas necessidades de sobrevivência.

Outra reflexão interessante é a respeito do apoio de órgãos oficiais de turismo e também do SEBRAE para o desenvolvimento na Ilha. Os ensinamentos dados nos cursos desses órgãos são analisados de forma crítica pelos moradores da Ilha, que conseguem determinar o que de fato é importante para eles. É curioso que, apesar das investidas desses agentes sociais, os projetos turísticos na Ilha da Pintada não se concretizaram. Se, por um lado os entrevistados afirmam que gostam do movimento aos domingos, por outro, dizem que não gostam quando as pessoas mexem nas árvores da margem, nem nos barcos, ou mesmo quando manifestam o desejo de “mudar o seu sistema”.

Muitos entrevistados lembram da festa realizada durante a segunda edição do Fórum Social Mundial como um evento positivo, em que eles arrumaram os *stands* com capricho, receberam muitos turistas, inclusive internacionais, venderam seus produtos. Essa festa foi organizada segundo as orientações do órgão municipal de turismo da época. Se há de fato interesse da comunidade em desenvolver o turismo, por que não se percebem iniciativas de grupos, ou mesmo individuais de exploração da atividade? Como uma das informantes alega, nenhum pescador oferece seu barco para passeio de forma regular. Os planos com relação ao turismo sempre dependem, na visão dos entrevistados, da ação do poder público ou de outras pessoas, que não sejam eles mesmos. Ao questionar o porquê da dependência de atitudes governamentais para ações voltadas ao turismo, uma das informantes afirma que os grupos organizados da Ilha não são coesos, competem entre si, e, por isso, dependem do incentivo externo. Será?

Entre a empolgação com eventos turísticos, o reconhecimento dos benefícios trazidos pelo restaurante da Z-5 transparece o contentamento da realidade como ela está. O fato da oferta turística não crescer na Ilha pode fazer parte de uma “resistência pacífica” ao aumento de fluxo de turistas. Talvez os órgãos oficiais desejem mais o desenvolvimento turístico do que os próprios moradores.

Resta saber se a mudança da lei ambiental não será a porta de entrada para a iniciativa privada estabelecer-se no Delta, mas aí novos estudos serão necessários para dar conta das novas transformações.

## REFERÊNCIAS:

ARCHER, Brian e COOPER, Chris. **Os impactos positivos e negativos do turismo**. In THEOBALD, William F. Turismo Global. São Paulo: Editora Sena, 2001.

ARRONES, Francisco Jurdao. **Los Mitos del Turismo**. Madrid: Endymion, 1992.

BACAL, Sarah S. El impacto del turismo em núcleos receptores de países em desarrollo. **Revista Latinoamericana de Turismo**. Vol 1., n. 2, Abril 1991, pp. 97-109. Buenos Aires:CIET

BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, v.15, n.2, p.131-132, novembro 2004.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos** v.9, n.20, 2003, p.15-29.

BARRETTO, Margarita. **As ciências sociais aplicadas ao turismo**. In SERRANO, C., BRUHNS T. H., LUCHIARI, H. (orgs). Olhares Contemporâneos sobre o Turismo. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BRUNT, Paul e COURTNEY, Paul. La percepción de los impactos socioculturales del turismo por la población residente. **Annals of tourism research en español**. v1, n.2, 1999, p. 215-239.

BURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.

CALVENTE, Maria del Carmen M. H. (org). **O impacto do turismo sobre comunidades de Ilhabela (SP)**. in LEMOS, Amalia Ines G. de. Turismo: impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 2001.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CAROSO, Carlos e RODRIGUES, Núbia. Nativos, veranistas e turistas: Identidades, mudanças e deslocamento sociocultural no litoral norte da Bahia. **Turismo em Análise** v.9, n.1, 1998.

CLIFFORD, James; MARCUS, G. (orgs), **Writing Culture: The poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: The University of Califórnia Press, 1986.

CUNHA, Manuela C. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DE KADT, Emanuel. **Turismo: passaporte al desarrollo? Perspectivas sobre los efectos sociales y culturales del turismo en los países en vias de desarrollo**. Madrid: Endimyon 1979.



DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. 11 de novembro de 2005.

DURHAM, Eunice. **A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas.** In CARDOSO, Ruth (org). A aventura Antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GARCEZ, Daniele S. **Relatório Diagnóstico das comunidades de pescadores artesanais no Estado do Rio Grande do Sul.** Secretaria de Agricultura e Abastecimento, 2001.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar – como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** São Paulo: Record, 2003.

GOMES, Juvenal et al. **Memória dos Bairros Arquipélagos – as ilhas de Porto Alegre.** Secult: Porto Alegre, 1995.

GREENWOOD, Davydd J. **La cultura al peso: perspectiva antropológica del turismo en tanto proceso de mercantilización cultural.** In SMITH, V. Anfitriones e Invitados. Madrid: Endymion, 1989.

JAFARI, JAFAR. La cientifización del turismo. **Estudios y perspectivas en turismo.** Buenos Aires: CIET, v.3, n.1, 1994, p.7-36.

JOSEPH, Christina A; KAVOORI, Anandam P. Mediate Resitance Tourism and the host community. **Annals of tourism research**, v. 28, n. 4, p998-1009, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** São Paulo: Aleph, 2001.

LAGO, Mara C. de S. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Ciências Sócias. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1983.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Epu, 1974, vol. 2.

MAIO, Ivone dos P. **Impactos socioculturais do turismo na localidade receptora – um estudo de caso Ilha da Pintada.** Monografia de graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

MELLO, Alex F. **A pesca sob o capital – a tecnologia a serviço da dominação.** Belém: Universidade Federal do Paraná, 1985.

MACCANNELL, Dean. **Remarks on the Commodification of Culture.** in: SMITH, V. L.; BRENT, M. (orgs.). Hosts and Guests revisited: Tourism issues on the 21<sup>st</sup> century. California State University: California, 2001.

- MACKEAN, Philip F. **Hacia um análisis teórico del turismo: dualidad económica e involución cultural en Bali.** In SMITH, V. Anfitriones e Invitados. Madrid: Endymion, 1989.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).
- MOESCH, Marutschuka. **O fazer-saber turístico: possibilidades e limites de superação.** In GASTAL, Susana (org). Turismo: 9 propostas para um saber-fazer. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2000.
- NASH, Dennison. **El turismo considerado como una forma de imperialismo.** in SMITH, V. Anfitriones e Invitados. Madrid: Endymion, 1989.
- OLIVEN, Ruben G. **A antropologia dos grupos urbanos.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** Brasiliense: São Paulo, 2000.
- PANOSSO NETO, Alexandre. **O problema epistemológico no turismo: uma discussão teórica.** In TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETO, A. Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003.
- PEARCE, Philip L. **A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão.** In THEOBALD, William F. Turismo Global. São Paulo: Editora Sena, 2001.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.
- PI-SUNYER, Oriol. **Percepciones cambiantes del turismo y de los turistas en centro turístico catalán.** In SMITH, V. Anfitriones e Invitados. Madrid: Endymion, 1989.
- PORTO ALEGRE, Secretaria de Planejamento Municipal. **Parque Estadual Delta do Jacuí: Plano Básico.** Porto Alegre: Plandel, 1979.
- RIAL, Carmen S., **Mar-a-dentro: a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social UFRGS, 1988.
- RODRIGUEZ, Pilar F. Impactos culturales em um área periférica al turismo (Güïmar, Tenerife). **Estudios y perspectivas en turismo.**v.3, n.3, 1994, p.214-222.
- ROSS, Glenn F.** Psicologia do turismo. **São Paulo:Contexto,2002**
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente.** Campinas, SP: Papyrus,1997.
- SANTANA TALAVERA, Agustín. **Antropologia y turismo: nuevas hordas viejas culturas?** Barcelona: Ariel, 1997
- SANTOS, Rafael José dos. **Aculturação, impactos culturais, processos de hibridação:uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo.** Trabalho apresentado na VI

Reunião de Antropologia do Mercosul, Montevideo, Uruguay, 16, 17 e 18 de Novembro de 2005.

SANTOS, Rafael José dos. Antropologia, Comunicación y Turismo: la mediación cultural en la construcción del espacio turístico de una comunidad de pescadores en Laguna, SC, Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo**. Buenos Aires: CIET, v.14, n.4, 2005, p.293 – 313.

SILVA, Yolanda F. **Pobreza, violência e crime – conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social**. in BANDUCCI, A. e BARRETTO, M. (orgs.). Turismo e Identidade Local – Uma Visão Antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SMITH, Michael D. e KRANNICH, Richard S. Tourism dependence and resident attitudes. **Annals of Tourism Research**, v..25, n.4, p. 783-802, 1998.

SMITH, Valene. **El turismo esquimal: micromodelos y marginación**. In SMITH, V. Anfitriones e Invitados. Madrid: Endymion, 1989.

STEIL, Carlos A. **Antropologia do Turismo: Comunidade e Desterritorialização**. Trabalho apresentado na XXIV Reunião de Antropologia. Olinda, junho 2004.

TULIK, Olga. Turismo e repercussões no espaço geográfico. **Turismo em Análise**, vol 1, n. 2. Nov. 1990, pp63-77. São Paulo: ECA/USP

TULIK, Olga. Residências Secundárias – as fontes estatísticas e a questão conceitual. **Turismo em Análise**. V.6, n.2, 1995, p.26-34.